

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ELVIS REIS DE OLIVEIRA**

**“IÊ, VIVA A CAPOEIRA, CAMARÁ!”  
APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELA CAPOEIRA EM VITÓRIA - ES:  
CONSOLIDANDO A IDENTIDADE CULTURAL E AMPLIANDO A  
CIDADANIA**

Vitória - ES  
2019

**ELVIS REIS DE OLIVEIRA**

**“IÊ, VIVA A CAPOEIRA, CAMARÁ!”**

**APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELA CAPOEIRA EM VITÓRIA - ES:  
CONSOLIDANDO A IDENTIDADE CULTURAL E AMPLIANDO A  
CIDADANIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, na linha de pesquisa Espaço, Cultura e Linguagens.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Lucy Oliveira Freire

Vitória - ES  
2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Oliveira, Elvis Reis de, 1987-  
O48& "IÊ, VIVA A CAPOEIRA, CAMARÁ!"  
Apropriação do Espaço pela Capoeira em Vitória (ES): :  
Consolidando a Identidade Cultural e Ampliando a Cidadania /  
Elvis Reis de Oliveira. - 2019.  
170 f. : il.

Orientadora: Ana Lucy Oliveira Freire.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal  
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Capoeira. 2. Território. 3. Identidade Cultural. 4. Cidadania.  
I. Freire, Ana Lucy Oliveira. II. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

---

***“IÊ, VIVA A CAPOEIRA, CAMARÁ! -  
APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELA  
CAPOEIRA EM VITÓRIA (ES):  
CONSOLIDANDO A IDENTIDADE  
CULTURAL E AMPLIANDO A CIDADANIA”***


**ELVIS REIS DE OLIVEIRA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 13 de março de 2019.



Prof.ª Dr.ª Ana Lucy Oliveira Freire (Orientadora)



Prof. Dr. Igor Martins Medeiros Robaina



Prof.ª Dr.ª Aissa Afonso Guimarães (PPGA – UFES)



**Aos Grupos de Capoeira, pela luta e resistência.**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos 14 anos de governo do PT pelas oportunidades criadas permitindo que pobres e negros tivessem acesso a um ensino público e de qualidade, podendo assim, estudar e qualificar-se, uma vez que no Brasil não basta ser bom; é necessário ter oportunidades.

À professora e orientadora Ana Lucy, por sua generosidade em partilhar seus conhecimentos, por me balizar durante todo esse processo. A palavra GRATIDÃO é a que melhor expressa meu sentimento neste momento.

Aos meus pais, que mesmo na distância sempre foram referência em minha vida.

A Kledir, companheiro fiel, pela paciência e cuidado. Obrigado por existir em minha vida.

Aos amigos: Renata, Gisely, Vitor, Doris e Wilson, pelo apoio e momentos de escuta.

Aos amigos que o mestrado me presenteou: Jaerle, Thaís e Maria Luiza, pelos momentos de tristeza, incertezas, desânimos e acima de tudo alegria compartilhada ao longo desses 2 anos.

Aos grupos de Capoeira da cidade de Vitória: Barravento, Sapeba Capoeira, Beribazú, Renascer, Volta ao Mundo e Herança Cultural, em especial, ContraMestre Arcanjo, Mestre Sapeba, Mestra Furinha, Mestre Nagô, ContraMestra Ananda, Mestre Fábio e Professor Paulista. A realização deste trabalho só aconteceu por vocês e para vocês.

Por fim, agradeço a Deus por permitir que todos esses encontros acontecessem.

**Capoeirista não é aquele que sabe  
movimentar o corpo, e sim aquele  
que se deixa movimentar pela alma.**

**(Mestre Pastinha)**

## RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é analisar o processo de apropriação do território na cidade de Vitória (ES) pelos grupos de capoeira. A intenção é encontrar evidências sobre os aspectos que essa prática pode revelar ou não em relação à dimensão da identidade cultural e da cidadania. A partir desse objetivo, desdobramos a pesquisa em três objetivos específicos, são eles: compreender os aspectos que constituíram a história da capoeira, realizar uma revisão bibliográfica da Geografia sobre a temática e investigar os relatos orais dos mestres e dos professores no que se refere à relação estabelecida entre a capoeira, apropriação do território, a consolidação da identidade cultural e a ampliação da cidadania. Na metodologia, realizamos uma pesquisa participante, por meio do método qualitativo. Para compreender os aspectos que envolvem a capoeira vivenciada na cidade de Vitória, utilizamos a observação participante, que foi sistematizada em diário de campo, registros iconográficos e relatos orais, realizados por meio da entrevista. Dessa forma, direcionamos a entrevista para quem exercia a liderança, ou seja, o mestre de capoeira. Essa decisão foi tomada porque consideramos esse indivíduo como o catalisador de opiniões dentro do grupo. Em termo gerais, o mestre é aquele que, em limitado processo de *feedback* com seus discípulos, forma e informa a ideologia do grupo. As perguntas levantadas, durante a entrevista, têm como finalidade dialogar com os conceitos trabalhados durante a pesquisa, tais como: território, identidade e cidadania. Como resultado, percebemos que os valores transmitidos na capoeira atuam como fomentadores da identidade cultural e da consolidação da cidadania.

**Palavras – chave:** Capoeira. Território. Identidade Cultural. Cidadania.

## ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to analyze the process of appropriation of the territory in Vitória's city (ES) by capoeira groups. The intention is to find evidence on the aspects that this practice can reveal or not regarding the dimension of cultural identity and citizenship. Based on this objective, we developed the research on three specific objectives, namely: We search to understand the aspects that constituted the history of capoeira, we realized a bibliographic review of the Geography on the subject and we investigate the oral reports of the masters and the teachers with regard to the relationship established between capoeira, appropriation of the territory, the consolidation of cultural identity and the expansion of citizenship. At methodology, we conducted a participant research, using the qualitative method. To understand the aspects of capoeira experienced in Vitória's city, we used participant observation, which was systematized in field diaries, iconographic records and oral reports, made through the interview. In this way, we directed the interview to those who exercised the leadership, that is, the capoeira masters. This decision was made because we considered this individual as the catalyst for opinions within the group. In general terms, the teacher is one who, in a limited process of feedback with his disciples, forms and informs the group's ideology. The questions raised, during the interview, it has to dialogue with the concepts worked during the research, such as: territory, identity and citizenship. As a result, we verified that the values transmitted in capoeira act as fomentadores of the cultural identity and the consolidation of the citizenship.

**Keywords:** Capoeira. Territory. Cultural Identity. Citizenship.

## RESUMEN

El objetivo principal de esta disertación es analizar el proceso de apropiación del territorio en la ciudad de Vitória (ES) por los grupos de capoeira. La intención es encontrar evidencia sobre los aspectos que esta práctica puede revelar o no en relación con la dimensión de la identidad cultural y la ciudadanía. A partir de ese objetivo, desdobramos la investigación en tres objetivos específicos, son ellos: comprender los aspectos que constituyeron la historia de la capoeira, realizar una revisión bibliográfica de la Geografía sobre la temática e investigar los relatos orales de los metes y de los profesores en lo que se refiere a la " relación establecida entre la capoeira, apropiación del territorio, la consolidación de la identidad cultural y la ampliación de la ciudadanía. En la metodología, realizamos una investigación participante, por medio del método cualitativo. Para comprender los aspectos que involucran a la capoeira vivenciada en la ciudad de Vitória, utilizamos la observación participante, que fue sistematizada en diario de campo, registros iconográficos y relatos orales, realizados a través de la entrevista. De esa forma, dirigimos la entrevista para quien ejercía el liderazgo, o sea, el maestro de capoeira. Esta decisión fue tomada porque consideramos a ese individuo como el catalizador de opiniones dentro del grupo. En términos generales, el maestro es aquel que, en limitado proceso de feedback con sus discípulos, forma e informa la ideología del grupo. Las preguntas planteadas, durante la entrevista, tienen como finalidad dialogar con los conceptos trabajados durante la investigación, tales como: territorio, identidad y ciudadanía. Como resultado, percibimos que los valores transmitidos en la capoeira actúan como fomentadores de la identidad cultural y de la consolidación de la ciudadanía.

**Palabras Clave:** Capoeira. Territorio. Identidad Cultural. La ciudadanía.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Roda de Capoeira - Ibirataia - BA .....	18
Figura 2 - Roda de Capoeira Ibirataia - BA.....	19
Figura 3 – Roda de Capoeira Ibirataia - BA.....	19
Figura 4 - Logomarca do II Encontro Nacional de Capoeira .....	20
Figura 5 - Amostra dos grupos de Capoeira da cidade de Vitória - ES.....	23
Figura 6 - Organograma da metodologia utilizada durante o desenvolvimento da pesquisa .....	44
Figura 7 - Mapa de Vitória - ES .....	38
Figura 8 - Roda de Capoeira Grupo Barravento.....	41
Figura 9 - Momento de conversa Grupo Barravento.....	41
Figura 10 - Diálogo no evento Capoeira nas Comunidades - 2018.....	43
Figura 11 - Negros lutando - Augusto Earle (1821 – 1824).....	45
Figura 12 - San - Salvador - Johann Moritz Rugendas (1834).....	45
Figura 13 - Jogar Capoeira - Johann Moritz Rugendas (1835) .....	46
Figura 14 - VIII aulão da amizade Praia de Camburi - Vitória - ES .....	54
Figura 15 - Batizado de Capoeira - Grupo Barravento.....	54
Figura 16 - Batizado de Capoeira - Grupo Barravento.....	54
Figura 17 - Roda de Capoeira - Dias das Crianças.....	55
Figura 18 - Roda de Capoeira - Sapeba Capoeira .....	55
Figura 19 - Aula de capoeira espaço de educação formal .....	56
Figura 20 - Aula de capoeira espaço de educação não formal .....	56
Figura 21 - Roda de Capoeira Grupo Barravento.....	59
Figura 22 - Convite de roda de Capoeira Grupo Barravento.....	61
Figura 23 - Convite de roda de Capoeira Grupo Barravento.....	61
Figura 24 - Capoeira na Comunidade - 2018 .....	66
Figura 25 - Conversa Professor x Aluno .....	66
Figura 26 - Apresentação de Maculelê.....	67
Figura 27 - Samba de roda.....	67
Figura 28 - Capoeira na Comunidade - Vitória - ES 2018 .....	69

Figura 29 - VIII Aulão da Amizade - Vitória - ES .....	70
Figura 30 - Roda de Capoeira - Grupo Barravento .....	72
Figura 31 - Treino na Praça do Papa - Vitória - ES.....	74
Figura 32 - Treino na Orla de Camburi - Vitória - ES .....	74
Figura 33 - Roda no Parque Moscoso - Vitória - ES.....	74
Figura 34 - Treino Parque Pedra da Cebola - Vitória - ES.....	74
Figura 35 - Roda de Capoeira realizada na praça do bairro São Pedro I, Vitória - ES .....	78
Figura 36 - VIII Aulão da Amizade, Praia de Camburi - 2018 .....	80
Figura 37 - Roda de Capoeira realizada na EMEF Tancredo Neves, São Pedro, Vitória - ES .....	81

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Protocolo de observação participante.....	34
--	----



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro
PPGG	Programa de Pós-Graduação em Geografia
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura
RMGV	Região Metropolitana da Grande Vitória

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1 Delimitação e aproximação do objeto de estudo.....	16
1.2 Contextualização e problematização do objeto de estudo .....	23
1.3 Organização e itinerário da pesquisa.....	42
1.4 Percursos metodológicos.....	43
1.5 Localização e caracterização da área de estudo .....	45
<b>2 REVISITANDO O PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE.....</b>	<b>38</b>
2.1 Quem não resgata seu passado não protege seu futuro .....	40
2.2 Capoeira tem história capoeira tem tradição: a capoeira na cidade de Vitória .....	57
<b>3 CAPOEIRA E PRÁTICA SOCIOESPACIAL: O QUE A GEOGRAFIA TEM A DIZER .....</b>	<b>62</b>
3.1 Um diálogo com a geografia cultural.....	62
3.2 Capoeira: um campo de estudo propício para a geografia cultural .....	66
3.3 Apropriação do território e capoeira: uma leitura geográfica.....	73
3.4 Território como espaço vivido .....	79
3.5 A cidadania dentro do contexto geográfico .....	81
<b>4 “O MESTRE GUARDA SEGREDOS, MAS NÃO NEGA EXPLICAÇÃO”: A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO ATRAVÉS DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA .....</b>	<b>86</b>
4.1 Iê, Viva ao Meu Mestre, Camará! .....	87
4.2 Historicizando a trajetória dos sujeitos entrevistados .....	90
<b>4.2.1 Professor Paulista - Grupo de Capoeira Herança Cultural .....</b>	<b>90</b>
<b>4.2.2 Mestre Fábio - Grupo de Capoeira Beribazu .....</b>	<b>92</b>
<b>4.2.3 Mestra Furinha - Grupo de Capoeira Barravento .....</b>	<b>93</b>
<b>4.2.4 Mestre Sapeba - Grupo de Capoeira Sapeba Capoeira .....</b>	<b>94</b>
<b>4.2.5 Mestre Nagô - Grupo de Capoeira Renascer .....</b>	<b>96</b>
<b>4.2.6 Contramestra Ananda - Grupo de Capoeira Volta ao Mundo .....</b>	<b>97</b>

4.3 Territórios apropriados e capoeira.....	98
4.4 Identidade cultural, uma construção social .....	106
4.5 Tanto na vida como na roda, é preciso gingar sempre .....	113
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>137</b>
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	138
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista.....	139
APÊNDICE C – Transcrição das Entrevistas Realizadas .....	140

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Delimitação e aproximação do objeto de estudo

O interesse por esta pesquisa surgiu em 2014 ao ingressar na Especialização em Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola, ofertada pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A partir disso, iniciou meu interesse por pesquisas de cunho científico que versam sobre a temática racial. Após a conclusão da especialização, despertou-se a necessidade de aprofundar ainda mais o debate, o que culminou, em 2017, no ingresso no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), na linha de pesquisa Espaço, Cultura e Linguagens. Sendo assim, o interesse por abordar tal assunto surgiu a partir da relação com a temática que envolve o mundo da capoeira.

Originário do estado da Bahia, a capoeira sempre esteve presente na minha vida, tendo no núcleo familiar alguns membros que a praticava. Nesta pesquisa, o meu lugar de fala é como pesquisador negro, fazendo uso de uma prática que tem suas raízes diretamente ligadas à história do povo afro-brasileiro e que foi, e ainda é, vítima de tantas mazelas. Dessa forma, a capoeira emerge como uma ferramenta que possibilita “fazer ciência”, debatendo problemas da sociedade contemporânea e as questões que envolvem a cidadania.

Nasci em uma pequena cidade, localizada no litoral sul da Bahia chamada Ibirataia<sup>1</sup>, tendo como base de sua economia a agricultura do cacau. A cidade e toda a região passaram por uma grande transformação com o advento da vassoura de bruxa<sup>2</sup>, afetando não só a economia, mas também os aspectos culturais e históricos.

A crise econômica obrigou a região a buscar outros meios para a captação de recursos, exigindo uma rápida transformação e modernização para atender às necessidades da população que, diante da situação, buscava meios para estimular a geração de emprego. Desse modo, acredita-se que a tentativa desenfreada e sem planejamento por modernização acabou

---

<sup>1</sup> Ibirataia atualmente possui uma população de 18.943 habitantes segundo IBGE, numa área de 318.129km<sup>2</sup> da Mata Atlântica.

<sup>2</sup> Praga natural da Região Amazônica, sendo considerada uma das mais ameaçadoras do cacauzeiro, quando não se adota medidas de controle a praga progride rapidamente comprometendo completamente a produção.

corroborando numa crise identitária, envolvendo principalmente os laços afetivos, históricos e culturais locais.

Nesse sentido, entendemos que a territorialidade é um campo privilegiado para a reflexão, na medida em que contribui para a compreensão da formulação histórica e cultural (MALDI, 1998), visto que é uma fonte de identificação social que se relaciona diretamente com a construção da identidade, corroborando com esta reflexão, Claval (1999, p. 90) diz que “a territorialidade é um dos ingredientes essenciais das identidades”.

Diante desse cenário que envolve a territorialidade atrelada à crise identitária gerada pelos processos que buscavam a modernização, eu e tantas outras crianças crescemos buscando entender tudo o que se passava em nossa volta. Ao mesmo tempo, a capoeira fazia parte da vida como forma de resistência e resgate cultural, sendo fundamental na construção e estruturação da minha formação.

A capoeira tem um significado muito importante em minha vida. Ela me indicou caminhos que possibilitaram estabelecer uma visão crítica, fazendo enxergar e me posicionar diante de algumas situações de forma mais consciente.

Pratiquei capoeira dos 06 aos 15 anos de idade, mas antes deste período já era comum ouvir as conversas e participar dos eventos que aconteciam na cidade e região, uma vez que, tios e irmãos a praticavam. A figura 1 é um registro pessoal de uma roda de capoeira onde estou presente, a imagem cumpre a função de ilustrar o memorial apresentado.

O Grupo de Capoeira Águias, guiado pelo Mestre Nenel e pelo professor Fafá, dentro do contexto que estava inserido, foi o responsável por me balizar no entendimento inicial do que compete à formação da identidade cultural brasileira, bem como a importância do povo negro na história do Brasil. Dentro do contexto vivenciado, o grupo de Capoeira Águias exerceu a função de uma verdadeira escola para vida.

**Figura 1** - Roda de Capoeira - Ibirataia - BA



Fonte: Arquivo pessoal (1995)

Após meus 15 anos acabou deixando a prática da capoeira, mais sem me distanciar dos ensinamentos aprendidos ao longo de minha trajetória. No ano de 2006, após concluir o Ensino Médio, a busca por melhores oportunidades me levou a migrar para o estado do Espírito Santo, onde tive a oportunidade de ingressar no Curso de Geografia desta Universidade, iniciando o meu percurso acadêmico. Desde então, busco estabelecer uma reflexão com temáticas que perpassam as questões que me tocam diretamente.

É válido destacar, que nos dias atuais a capoeira continua exercendo importante papel como manifestação cultural da cidade de Ibirataia. São recorrentes os grupos se reunirem nas praças da cidade para realização de rodas, momento de encontro de várias pessoas da sociedade. As figuras 2 e 3 ilustram a tradicional roda de capoeira que acontece toda última sexta-feira de cada ano, na Praça Basílio Miguel de Souza, principal ponto de encontro da cidade para as festividades natalinas. Esse é um evento que já faz parte do calendário festivo das comemorações de final de ano da cidade.

**Figura 2 - Roda de Capoeira Ibirataia - BA**

Fonte: Arquivo pessoal (2018)

**Figura 3 – Roda de Capoeira Ibirataia - BA**

Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Ao longo de toda a sua trajetória a capoeira praticada na cidade de Ibirataia vem se consolidando, ganhando prestígio, admiração e reconhecimento. No ano de 2017 a cidade foi escolhida para sediar o II Encontro Nacional de Capoeira do Grupo Águias Acrobatas (figura 4), reunindo capoeiristas de várias partes do Brasil.

Em meio a esse contexto social, surgiu a vontade de desenvolver uma pesquisa sobre a capoeira. Por questões de logística não foi possível estudar os grupos da minha cidade natal, estabelecendo, assim, como recorte espacial a cidade de Vitória. Portanto, essa dissertação se propõe a investigar como os grupos de capoeira localizados na cidade de Vitória - ES exercem a sua prática socioespacial nos dias atuais, contribuindo para a consolidação da identidade cultural e cidadã dos indivíduos que se encontram inseridos no território.

**Figura 4** - Logomarca do II Encontro Nacional de Capoeira



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

No primeiro momento, ainda na fase do pré-projeto, objetivando a inserção no PPGG, a ideia inicial era executar um mapeamento dos grupos de capoeira na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), identificando os espaços que estes grupos se apropriavam para realização de suas atividades. Contudo, percebemos a partir de algumas reuniões de orientação, que o período determinado (24 meses) para a realização de todas as demandas necessárias, especialmente o período de elaboração da dissertação, não seria suficiente para a construção de uma pesquisa de mestrado.

Após esses ajustes no pré-projeto, delimitamos a cidade de Vitória como área de estudo. Com isso foi estabelecido uma amostra para realização da pesquisa. No primeiro ano do mestrado (2017), foi iniciada a fase de observação a partir da minha inserção no Grupo de Capoeira Barraventos e no Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo. O primeiro tem sua sede no bairro Andorinhas e núcleos em: São Pedro I e Gurigica; e o segundo tem o Parque Pedra da Cebola como sede, com núcleos nos bairros: Jesus de Nazaré e na região que corresponde ao Atlântica Ville, em Jardim Camburi.

Por meio da vivência nesses dois grupos, foi possível estabelecer uma rede de contato que possibilitou realizar um breve mapeamento de outros grupos de capoeira localizados na cidade, como pode ser observado na figura 5. É válido destacar que o mapa representa apenas aqueles



grupos que, em algum momento durante o período de observação, foram mencionados por algum capoeirista.

Logo depois do mapeamento, foram realizados alguns contatos com os mestres e professores dos respectivos grupos, sendo que, neste processo, conseguimos uma resposta positiva dos seis. Os seus mestres ou professores aceitaram contribuir com esta pesquisa. Nessa direção, é preciso deixar claro que na cidade de Vitória não existe apenas os grupos mencionados, todavia, foram estes que se dispuseram a contribuir com a pesquisa.

Sendo assim, esta investigação apresenta como delimitação espacial a cidade de Vitória – ES, tendo como foco de estudo seis grupos de capoeira que, por intermédio dos diálogos estabelecidos, aceitaram tornar-se objeto de análise por meio de entrevistas, observações e vivências. São eles: Grupo Beribazu, Grupo Renascer, Grupo Herança Cultural, Grupo Sapeba Capoeira, Grupo Barravento e Grupo Volta ao Mundo.

Ressaltamos que nessa pesquisa, levando em consideração, toda a trajetória da capoeira que será apresentada, principalmente no primeiro capítulo, optou-se por não delimitar um recorte temporal, tendo em vista que, a capoeira carrega consigo sua história e traços de sua ancestralidade, o que dificulta delimitar um período específico para desenvolver a pesquisa.

Entendemos que cada grupo de capoeira tem suas particularidades, a sua história, sua trajetória, tal como a história dos personagens do grupo que se configura na personificação dos mestres. Todavia, ao estudar as respectivas narrativas dos diferentes grupos, é possível encontrar alguns aspectos em comum, que acabam por tornarem-se eixos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Essa similaridade é evidenciada, justamente, pela realização de suas práticas em espaços ou equipamentos públicos do município de Vitória - ES e pela produção de territórios efêmeros em toda cidade, uma vez que, os grupos realizam suas rodas em diversos locais da capital capixaba.

Ao optar pela cidade de Vitória, consideramos que a história da capoeira, neste território, ainda não está completamente contada. Dessa forma, a realização desta pesquisa possibilita uma maior visibilidade ao modo como a capoeira está se organizando no espaço da capital.

Como admirador e pesquisador da cultura afro-brasileira e, principalmente, da capoeira como manifestação cultural, é percebido alguns desafios referentes ao entendimento da realidade da capoeira nos dias atuais, sobretudo no que concerne a sua consolidação como instrumento para a formação da cidadania. Esses desafios estão atrelados à necessidade de melhor refletir e debater

acerca da identidade cultural brasileira, estabelecendo uma ligação direta com a herança africana que é relegada e omitida diante de uma sociedade preconceituosa e racista.

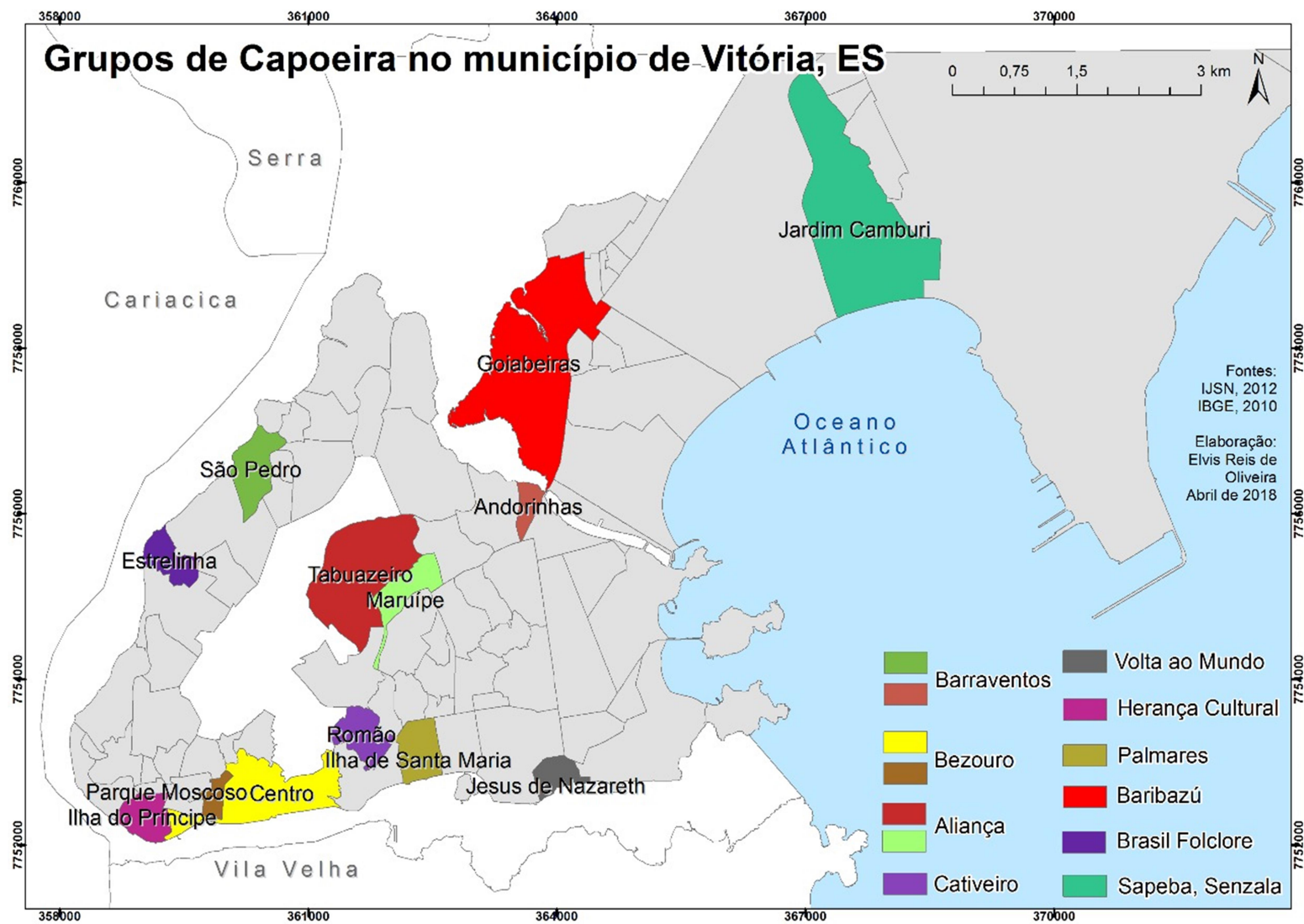
Portanto, julgamos imprescindível compreender como as narrativas identitárias da capoeira se estruturam por meio das redes de relações estabelecidas nos dias atuais, que envolvem diversos sistemas socioculturais.

As constatações empíricas decorrentes das observações e vivências realizadas nos grupos de capoeira me motivaram a compreender a relação estabelecida entre a apropriação do território e a ampliação da cidadania. Temos uma referência em formação cidadã, (NOGUEIRA, 2009), que nesta pesquisa torna-se ponto de reflexão respaldada, sobretudo, por pressupostos teórico-metodológicos das ciências humanas e naturais.

Na condição de estudante do Programa de Pós-Graduação em Geografia, tivemos a oportunidade de atrelar os saberes de minha vivência familiar com os conhecimentos adquiridos no decorrer de minha formação acadêmica, seja na graduação ou na especialização, e agora no mestrado, propondo uma abordagem geográfica que envolve a relação de apropriação da capoeira com o território.

A intenção ao pesquisar os grupos de capoeira da cidade de Vitória é contribuir de forma significativa para a valorização e o reconhecimento desses grupos que, através de suas vivências dentro do universo da capoeira, ajudam na construção e no fortalecimento da cultura popular na cidade de Vitória, influenciando de maneira eficaz na formação de uma consciência espacial cidadã.

**Figura 5 - Amostra dos grupos de Capoeira da cidade de Vitória – ES.**



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

## 1.2 Contextualização e problematização do objeto de estudo

A presente pesquisa apresenta como foco investigativo a capoeira, porém é preciso salientar que estudar e entender a capoeira na atualidade não é uma tarefa fácil, uma vez que, no processo de mundialização, o fazer capoeira ganha uma vasta diversidade, isso levando em consideração as inúmeras formas pelas quais o jogo é praticado. Todavia, dentre as mais diversas perspectivas de análises, objetivou-se adotar como campo de estudo a Geografia e, de maneira mais precisa, a Geografia Cultural.

A capoeira estudada pelo viés da manifestação cultural é um assunto muito debatido, em razão, de sua representatividade e importância, acaba recebendo abordagens em diversos campos do conhecimento. Tal abordagem pode ser contextualizada e estudada por meio da Geografia Cultural, campo do conhecimento que no final do século XX passou por grandes transformações, ressurgindo com novas influências e relações baseadas no entendimento das representações e experiência do homem no espaço através do estudo da cultura.

Em território brasileiro, a Geografia Cultural estabeleceu maior destaque como campo de estudo após a década de 1990. Porém é preciso destacar que Claval (2002) aponta em seus estudos que desde os anos de 1930 trabalhos e pesquisas com abordagens culturais já eram inseridos no campo da Geografia. Em relação a esses trabalhos e pesquisas de cunho cultural desenvolvidos no Brasil, Corrêa (1995) aponta que tal abordagem foi impulsionada por conta da organização espacial resultante da globalização, tornando visíveis as mais diversas formas culturais expressas no ambiente. Conforme este autor, tal contexto pode ter sido o fator principal para a retomada das pesquisas no campo da Geografia Cultural, sendo que, nesta nova conjuntura, é estabelecida uma ênfase maior aos temas, envolvendo as diferenças étnicas e o que corresponde à questão dos valores.

O espaço onde as manifestações culturais, tais como a capoeira, são materializadas, Cosgrove (1998), ressalta que o espaço é vivenciado e percebido de diferentes modos pelos mais diversos grupos sociais que interagem e se apropriam, transformando-o em territórios, que são estabelecidas territorialidades com o passar do tempo.

Dentro desse contexto que envolve a territorialidade, Serpa (2004), ressalta que é no sistema de relações com o que lhe é externo, ou seja, com a alteridade, que a territorialidade pode ser definida. Ela está impregnada de laços de identidade, que tentam de alguma forma homogeneizar esses territórios, dotá-los de uma área/superfície minimamente igualizante, seja por uma identidade territorial seja por uma fronteira definidora de alteridade. Sendo o território um campo de poder, as relações que são estabelecidas delimitam-se em diferentes

paisagens culturais, sejam materiais ou imateriais (CROSGROVE, 1998). As paisagens culturais estão presentes no espaço geográfico, sendo classificadas em cultura dominante e alternativa.

A paisagem da cultura dominante seria aquela em que determinado grupo exerce poder sobre os demais; já as paisagens alternativas seriam aquelas que, por conta de diversos fatores, acabam sendo invisibilizadas. Assim, Cosgrove (1998), classifica as paisagens em três grupos: culturas residuais (são as relíquias do passado), culturas emergentes (que antecipam o futuro) e culturas excluídas (que são ativas ou passivamente suprimidas).

Conforme, Corrêa (1995), as culturas excluídas possuem paisagens próprias, muitas vezes imperceptíveis aos olhos da cultura dominante, porém tais paisagens ou manifestações culturais são ricas de símbolos e significados. Dentro desse campo, acredita-se que as manifestações culturais de cunho afro-brasileiro, como a capoeira, pode ser considerada, durante certo período de sua história, como uma cultura excluída.

Na atualidade, a capoeira se apresenta como uma manifestação brasileira, em que sua filosofia está diretamente relacionada à memória da história do negro no Brasil. Nesse sentido, temos:

A capoeira, assim como outras expressões culturais diretamente ligadas a matriz afro-brasileira, é produto da espacialidade negra no Brasil e carregam em si os símbolos de sua historicidade em seus cânticos, contos, ritmos, objetos, etc. A capoeira é a consciência histórica das situações vividas pelas gerações de afrodescendentes. Essa consciência perambula e se reproduz como discurso em praças, ruas e guetos do país. Ao mesmo tempo, a capoeira é um instrumento através do qual os negros se inserem na paisagem e no imaginário do Brasil. É uma manifestação pública da reivindicação e da luta dos negros e negras pelo reconhecimento de seus direitos e de suas contribuições para/na sociedade brasileira (BEZERRA, 2014, p.06).

Ao trazer o debate que envolve a capoeira para o campo da Geografia Cultural, é apresentada a possibilidade de investigar uma cultura, que em sua trajetória de luta e resistência apresenta a multidimensionalidade de ser uma dinâmica cultural, que se encontra em constante transformação, sem perder a sua origem histórica que contribui para “fortalecer as identidades afrodescendentes e também como uma forma de ampliar a valorização da cultura afro-brasileira” (OLIVEIRA, 2017, p.16).

De acordo com, Oliveira; Leal (2009), a capoeira como campo investigativo se configura como um fenômeno inusitado de representação da identidade nacional, pois representa a contradição de ser uma arte marginalizada e, ao mesmo tempo, uma ferramenta de suma importância de divulgação da história e da cultura brasileira pelo mundo.

Nas últimas décadas, tendo em vista o processo de globalização que acaba por derrubar as barreiras geográficas que separavam os povos, a capoeira se popularizou e deixou de ser uma prática restrita ao território brasileiro. Segundo levantamento realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a capoeira está presente em mais de 150 países distribuídos em cinco continentes do mundo – fruto do trabalho desenvolvido por mestres e professores.

Bruhns (2000, p.18), ao estudar as culturas populares no Brasil – futebol, carnaval, danças folclóricas, capoeira, entre outros - destaca que para muitas pessoas a manifestação é vista como “pobre e atrasada”, todavia, no decorrer do processo de expansão que corrobora para o reconhecimento e valorização, essas manifestações a exemplo da capoeira “é evocada para representar a identidade nacional [...]”. Nessa evocação, as diferenças e desigualdades são encobertas, presenciando-se a ideologia da “integração nacional”.

Visando a integração nacional, a cultura emerge como um instrumento que possibilita a concretização dessa integração. Contudo, faz-se necessário ressaltar que o conceito de cultura não é fácil definir, visto ter inúmeros significados em diversos contextos e campos científicos, inseridos em diferentes territórios.

Nesse trabalho, compactuamos da ideia debatida por Bruhns (2000 p.15), onde “a cultura não se apresenta como produto, mas como um processo dinâmico de reelaboração de ações e significados”. “A cultura seria o resultado da capacidade que os seres humanos têm de se comunicar entre si por meio de símbolos” (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 28). Nesse processo, Rocha e Almeida (2005), reconhece que os seres humanos vivem num mundo que foi construído por eles mesmo e nele encontram significado. Sendo assim:

Estes símbolos são representações de suas crenças, superstições, usos, costumes, língua, religião, que faz com que as pessoas de determinado grupo entabulem conversas, criem modos de vida, construam suas casas, seus jardins, suas estradas, suas lavouras, suas cidades, suas indústrias, seu cotidiano. A cultura é o resultado natural da interação entre o homem e a natureza e do homem com seus semelhantes, podendo ser compreendida como um processo de produção da própria existência humana. A cultura é o resultado de seu mundo de acordo como o vivem, o percebem e o concebem (ROCHA; ALMEIDA, 2005, p.03).

Ampliando o debate acerca do conceito de cultura, para Charlot (2005), a cultura é uma construção de sentido que permite tomar consciência de suas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Para Santos (1993), a cultura seria a forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo; seria uma herança, mas também um reaprendizado das

relações profundas entre o homem e o seu meio; um resultado obtido através do próprio processo de viver.

Claval (2007), por sua vez, define tal conceito como a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte. A respeito da palavra cultura, Gomes (1999, p.115) destaca que “cultura deve, pois sempre se escrever no plural” isso baseado no fato que cada sociedade, grupo ou indivíduo vivencia de modo particular.

Diante dos conceitos apresentados, é válido ressaltar que a cultura é a chave para compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre o homem, “ela é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social, que está inserida no cotidiano e enraizada no seio das relações sociais” (CORRÊA, 2003, p.06).

Independentemente do conceito utilizado, Rio (2010), destaca que qualquer que seja a definição adotada, a cultura é um fenômeno espacial e, portanto, sua espacialidade depende de uma análise diacrônica daquilo que constitui o movimento de sua estrutura; e sincrônica daquilo que se refere à constituição do valor extrínseco. Corrêa (2003, p.170) colabora afirmando que “definir cultura é negar sua subjetividade essencial”.

Diante do exposto, a capoeira quando estudada pelo viés cultural torna-se um campo propício para o debate, levando em conta que na atualidade ela se configura como um conjunto de práticas que envolvem música, canto, danças, jogos, rituais religiosos e movimentação corporal; aspectos que adentram o universo cultural, contribuindo de forma significativa para a construção da identidade e da resistência negra no Brasil.

Dentro do contexto em discussão, entender identidades em uma perspectiva que envolve a capoeira é explicitar fatores que estão diretamente ligados à cultura, tais fatos remetem à sua história de vida; à história das pessoas que formam o grupo que compartilham histórias e memórias coletivas. Visto que,

Todo grupo humano deixa transparecer, em suas manifestações culturais, características identificadoras particulares e concretas, relacionadas com sua participação na produção da sociedade, cimentando e unificando as relações por meio de sua organização, sua ideologia, seus valores e sua prática social (BRUHNS, 2000, p. 17).

Conforme as pesquisas realizadas pelo IPHAN (IPHAN, 2012, p.07), as pessoas quando estão inseridas em um grupo social, como é o caso dos grupos de capoeira,

Acabam por compartilhar uma visão de mundo e formas de organização social próprios, estas relações que são estabelecidas corroboram muitas vezes para a formação de um elo, estabelecido por um passado comum, e por

uma mesma língua, por costumes, crenças e saberes comuns, coletivamente partilhados (IPAHN, 2012, p. 07).

Hall (2003), ao trabalhar com o conceito de identidade cultural, define três abordagens, que se processaram ao longo do tempo: o sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Dentre as perspectivas apresentadas, a que melhor dialoga com os grupos de capoeira estudados nesta pesquisa é a terceira, uma vez que assim como o sujeito pós-moderno, o capoeirista não apresenta uma identidade fixa, pois, a identidade que perpassa pelo universo da capoeira é definida historicamente. Essa classificação leva em consideração princípios de uma identidade de resistência por manter práticas ritualísticas e religiosas negras que nasceram e se territorializaram apesar das desconfianças e perseguições históricas (FERRACINI, 2006).

Ao iniciar tal abordagem em torno da temática que envolve a identidade, é sabido que tal discussão é polêmica dentro do campo científico, todavia, é necessário definir que neste trabalho, tal tema é abordado, tendo como fundamento um conjunto de elementos que envolvem o universo da capoeira, e que se materializa através de sua prática. Nesse sentido, percebemos que,

A identidade de ser capoeira é constituída a cada dia pela consciência dos alunos envolvidos em um conjunto de atividades dentro da Capoeira, tanto nas rodas na praça, no contato com outros grupos quanto nas demais manifestações negras, entre elas a religião (FERRACINI, 2006, p. 118).

No que diz respeito, à noção de identidade no universo da capoeira, Torres (2014), diz que as identidades se apresentam de maneira variada e complexa, isto é, as diversas identidades que possam vir a existir podem ser reforçadas continuamente por cada grupo, contribuindo possivelmente, para geração de um espírito coeso e ao mesmo tempo específico e próprio de cada grupo de capoeira.

Ao falarmos de identidade de grupo e espírito coeso dentro da capoeira, podemos fundamentar tal ideia atrelando aos espaços apropriados, como os grupos em estudo da cidade de Vitória, que realizam seus treinos e rodas em locais públicos, tais como praças, parques, escolas, centros comunitários, escolas municipais etc.

A relação entre identidade, grupos de capoeira e território que é abordada nessa pesquisa é fundamentada na concepção de Claval (1999, p. 90), uma vez que, “A associação entre identidade e território é um fenômeno geral. Os homens têm necessidade, para dar



sentido a sua presença neste mundo, de assimilar a um território que é, para eles, um refúgio e um espaço onde se sentem protegidos, conhecidos e reconhecidos”.

A relação da capoeira e dos espaços públicos é algo muito forte. Ao revisitar sua história percebemos que a partir de determinado período sua trajetória ganha destaque pelas ruas, praças, becos e vielas das cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Atrair a relação da capoeira aos centros urbanos não é negar a origem e vivência de luta dos negros e negras iniciados nos quilombos, tampouco associar a capoeira a uma prática urbana em detrimento das ações realizadas no espaço rural, como nas grandes fazendas no período da escravidão. Contudo, não podemos negar que após a vinda dos negros e negras para a cidade, “o espaço público urbano foi palco inquestionável dos desdobramentos da capoeira nos séculos iniciais, enquanto manifestação afro-brasileira originada no território brasileiro” (TORRES, 2014, p.16).

Ao trazer para esta pesquisa a ideia de espaço público, podemos trabalhar e debater tal conceito atrelado à ideia de genoespaço, debatido pelo geógrafo Paulo Cesar Gomes, em sua obra “A condição Urbana, ensaios de geopolítica da cidade”. Gomes (2002, p. 60), classifica o genoespaço como uma “subcategoria do espaço, em que seriam incorporadas às mais diversas formas de agregação social que qualifica o território, o grupo ou a comunidade”. Tal conceito baseia-se em critérios variados de afinidades, gerando vivências sobre o espaço. Assim:

A unidade pode ser construída por meio de traços étnicos, familiares, culturais, históricos, morfológicos, comportamentais ou alguns desses considerados simultaneamente. Indiferentemente, o que esses elementos vão legitimar é uma identidade comum e própria. A identidade é antes de mais nada um sentimento de pertencimento, uma sensação de natureza compartilhada, de unidade plural, que possibilita e dá forma e consistência à própria existência. O coletivo tem absoluta preeminência sobre o indivíduo, e a construção de uma identidade se faz dentro do coletivo por contraste do outro (GOMES, 2002, p.60).

Estabelecendo como foco investigativo a apropriação do espaço urbano, comungamos da ideia que os agentes envolvidos no processo de apropriação, ou seja, os capoeiristas e todos aqueles que de alguma forma são afetados com a prática no universo da “capoeiragem”, acabam por se colocarem numa dimensão social, que permeia alguns aspectos relacionados diretamente com prática cidadã. Nesta perspectiva, “O próprio acesso ao espaço público é um dos pilares que compõe a cidadania, pois a partir de sua apropriação, cria-se a possibilidade de interação e expressão das ideias, resultando numa suposta liberdade a ação, mesmo o simples acesso ou a livre circulação” (TORRES, 2014, p.18).

Na intenção de melhor fundamentar e debater o processo histórico da capoeira, tendo como foco a relação com os espaços públicos, a consolidação da identidade cultural e a ampliação da cidadania, analisamos os grupos de capoeira localizados na cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo.

Conforme, o mapeamento da capoeira no Espírito Santo, realizado pelo IPHAN (2017), a capoeira vivenciada e praticada na cidade de Vitória é fruto de uma atividade que faz parte de um processo ocorrido em todo o estado. Observou-se que a maior influência, no que se refere à estrutura da forma de expressão, é a capoeira disseminada pelo Grupo Senzala, do Rio de Janeiro, grupo que foi formado nos anos de 1960, por jovens capoeiristas cariocas.

Na cidade de Vitória, alguns mestres se destacaram no processo histórico e cultural da capoeira capixaba, tais como: Mestre Capixaba, Caio Rezende e Luiz Paulo. Segundo pesquisas bibliográficas, em fins da década de 1970 e nos anos de 1980, esses mestres contribuíram para a ascensão da capoeira na cidade de Vitória, institucionalizando-a, o que gerou um aumento relativo no número de participantes. Na atualidade, a capoeira se encontra presente em diversos bairros da cidade de Vitória como observado anteriormente no mapa/figura 05.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, estabelecemos as seguintes questões norteadoras: quais são os espaços que estão sendo apropriados pelos grupos de capoeira na capital do estado do Espírito Santo? Quais componentes integram a territorialidade dos grupos de capoeira que colabora para ampliação da cidadania e a formação de uma consciência espacial – cidadã?

Diante de tais questionamentos, formulamos os objetivos que se dividem em: geral e específicos. O objetivo geral visa: analisar o processo de apropriação do território na cidade de Vitória (ES) pelos grupos de capoeira, evidenciando os aspectos que essa prática revela ou não em relação à dimensão da identidade cultural e da cidadania.

Enquanto os objetivos específicos buscam: Compreender os aspectos que constituíram a história da capoeira; realizar uma revisão bibliográfica que permita estabelecer um panorama acerca do tratamento que a literatura da Geografia tem realizado sobre a temática; investigar através de relatos orais dos mestres e professores a relação estabelecida entre a capoeira à apropriação do território, a consolidação da identidade cultural e a ampliação da cidadania.

### 1.3 Organização e itinerário da pesquisa

A dissertação está organizada em forma de capítulos, estruturados de maneira a contemplar os objetivos estabelecidos. Assim, o Capítulo I - **Revisitando o passado para entender o presente** - foi construído no intuito de atender ao primeiro objetivo específico; o Capítulo II – **Capoeira e Prática Socioespacial: O que a Geografia tem a dizer** – ao segundo objetivo específico, e o Capítulo III – **O Mestre Guarda Segredo, mas não nega: A Produção de Conhecimento através dos Guardiões da Memória** – com o terceiro objetivo específico. Esses três capítulos apresentam um elo, ou seja, um fio condutor na tentativa de atender ao objetivo geral desta pesquisa.

Especificando melhor, a pesquisa apresenta o seguinte itinerário: na introdução é apresentado o objeto de estudo, bem como a relação do pesquisador com o objeto. Na sequência, é realizada uma breve contextualização, esclarecendo qual a problemática que motivou e norteou o interesse pela pesquisa e também os objetivos a serem alcançados ao final do trabalho. Por fim, é apresentado o itinerário da pesquisa, o percurso metodológico e a localização e caracterização da área de estudo.

No Capítulo 1, é traçado um debate que envolve os aspectos que constituíram a origem e trajetória da Capoeira no Brasil. É fomentada uma reflexão acerca da identidade cultural brasileira e do papel da herança africana. É proposto um resgate da historicidade da capoeira vivenciada na cidade de Vitória, a fim de estabelecer um panorama que viabilize uma análise das observações levantadas na pesquisa de campo.

No Capítulo 2, é realizada uma revisão bibliográfica sobre a Geografia Cultural, traçando a sua trajetória como campo de estudo dentro das ciências geográficas. Na sequência, são expostas as possibilidades de estudo e de diálogos entre a Geografia Cultural e a Capoeira. Por fim, é construído um debate com alguns teóricos geográficos e não geográficos sobre os conceitos que são debatidos ao longo desta pesquisa: Território, Territorialidade, Espaço Vivido e Cidadania.

No último capítulo, são analisadas as narrativas dos mestres e professores de capoeira que contribuíram para realização desta pesquisa. A fala, no decorrer do capítulo, é embasada com o referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores.

As considerações finais compõem justamente o momento de apresentar a síntese das principais ideias defendidas e ponderadas ao longo do trabalho, e também a oportunidade de tecer encaminhamentos tanto para os grupos estudados como para a comunidade capoeirista.

Torna-se também oportuno indicar novos caminhos de estudos que a Geografia pode utilizar para construir novos debates relacionado com a Capoeira.

#### 1.4 Percursos metodológicos

Como prática metodológica, foi realizada uma pesquisa qualitativa, em que “o sujeito-observador faz parte do conhecimento de fenômenos, atribuindo-lhes um significado. Sendo assim, o objeto não é neutro, possui significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações” (GRUBITS; DARRAUT-HARRIS, 2004, p.110).

Esse tipo de pesquisa apresenta algumas características fundamentais que auxiliam o objetivo da investigação. A pesquisa qualitativa se identifica com algumas técnicas, tais como observação participante, história ou relatos de vida, análise de conteúdo e entrevista (GRUBITS; DARRAUT-HARRIS, 2004).

Como instrumentos de pesquisa, utilizou-se a observação participante para a análise dos treinos e rodas de capoeiras. Acerca desse tipo de observação, Moreira; Caleffe (2008) argumentam que:

[...] quando comparada com outras técnicas de pesquisa, é menos provável que o pesquisador imponha sua realidade ao mundo social que está tentando entender. Portanto, a observação participante proporciona a melhor maneira de obter uma imagem válida da realidade social (MOREIRA; CALEFFE 2008, p.204).

Para compreender os aspectos que envolvem a capoeira vivenciada na cidade de Vitória, optou-se pela aplicação de entrevista semiestruturada (apêndice B), em que o pesquisador prepara um roteiro, conduzindo as perguntas da maneira que achar mais contundente. Além disso, esse tipo de entrevista proporciona resultados diferentes, visto que os entrevistados acabam por nortear o curso da entrevista por meio de suas respostas. Sobre isso, Moreira; Caleffe (2008), afirmam:

Geralmente se parte de um protocolo que inclui os temas a serem discutidos na entrevista, mas eles não são introduzidos da mesma maneira, na mesma ordem, nem se espera que os entrevistados sejam limitados nas suas respostas e nem que respondam a tudo da mesma maneira. O entrevistador é livre para deixar os entrevistados desenvolverem as questões da maneira que eles quiserem (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p.169).

Após a realização das entrevistas, foram realizadas as transcrições das falas (apêndice C), analisando as narrativas, estabelecendo como foco a base teórica trabalhada. Esse processo resultou na construção do terceiro capítulo dessa dissertação. A observação seguiu o roteiro apresentado na tabela 1, elaborado por Moreira; Caleffe (2008), possibilitando uma melhor organização e sistematização das informações registradas.

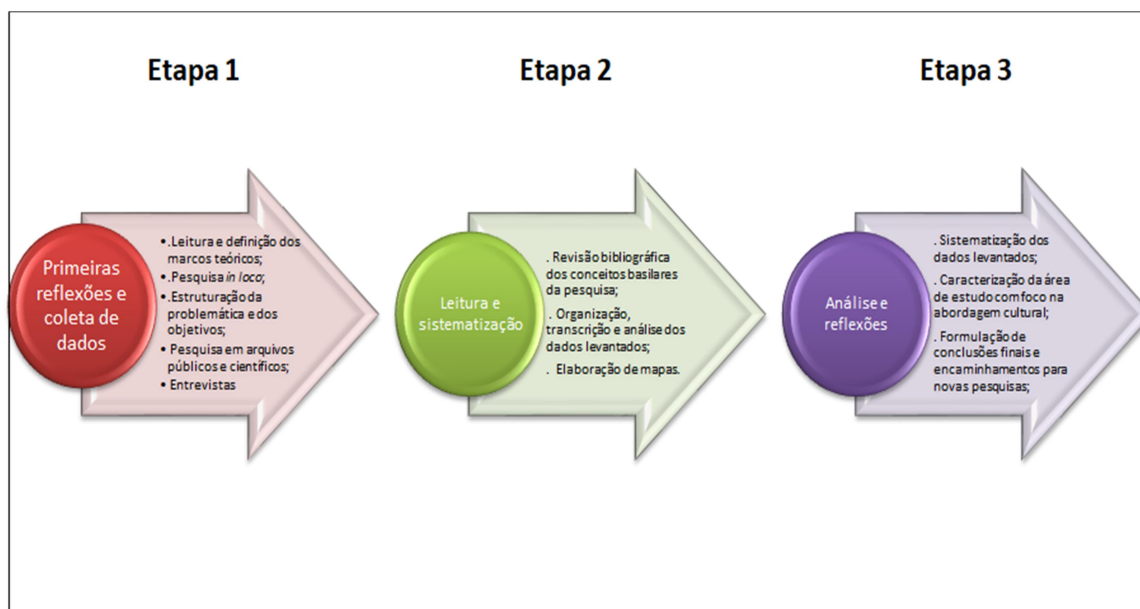
**Tabela 1** - Protocolo de observação participante

Dia da Observação:	Características das Amostras:
Local da Observação:	
Duração da Observação:	
Anotações Descritivas	Anotações Reflexivas

Fonte: Moreira e Caleffe (2008, p. 203).

Para melhor entendimento da trajetória percorrida durante o período de construção desta pesquisa, é exposto um organograma (Figura 6), que apresenta sucintamente toda a metodologia definida.

**Figura 6** - Organograma da metodologia utilizada durante o desenvolvimento da pesquisa



Fonte: Elaboração do autor, 2018.

Durante a realização da pesquisa, foram feitas algumas visitas exploratórias a alguns arquivos públicos no intuito de encontrar elementos que auxiliasse no trabalho, dentre estes

lugares podemos citar: Secretaria de Cultura do Estado e da cidade de Vitória, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Nas secretarias de cultura tanto do governo do estado quanto da cidade de Vitória, foram identificados poucos materiais sobre a capoeira. No IPHAN é encontrado um grande acervo, contudo, o acesso para exploração é limitado. Por diversas vezes fui à sede, que fica localizada no Centro de Vitória, fiz agendamentos e solicitações por e-mail, mas não tive retorno nem acesso ao material disponível.

### 1.5 Localização e caracterização da área de estudo

O município de Vitória (figura 7), capital do estado do Espírito Santo, está localizado na Região Metropolitana da Grande Vitória. “Sua localização geográfica é determinada pelo paralelo 20° 19’ 08” de latitude sul e 40° 20’ 16” de longitude oeste.

Em relação a seu processo histórico, sua fundação tem início após o território brasileiro ser reconhecido pelos colonizadores europeus, em 1500. O então Rei de Portugal, D. João III, dividiu as terras do Brasil em capitanias hereditárias, cabendo à capitania do Espírito Santo ao fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que tomou posse em 23 de maio de 1535, instalando-se no sopé do Morro da Penha, em Vila Velha. O donatário iniciou a administração, colonização, proteção e desenvolvimento da região, conforme os objetivos de dominação da casa real portuguesa.

Explorando a região, os portugueses buscaram um local mais seguro para se resguardarem dos ataques dos índios e de estrangeiros (holandeses e franceses). Eles seguiram, então, pela Baía de Vitória e, contornando a ilha, aportaram em Santo Antônio. Segundo o olhar do colonizador que na maioria das vezes inviabiliza a luta e resistência dos povos originários que já se faziam presentes no território, a cidade de Vitória foi fundada oficialmente no dia 8 de setembro de 1551. Nessa data, os portugueses venceram acirrada batalha contra os índios Goitacazes e, entusiasmados pela vitória, passaram a chamar o local de Ilha de Vitória.

Nos 300 anos iniciais de sua história, Vitória foi uma vila-porto, tendo recebido europeus em busca de açúcar e de pau-brasil. Em meio ao pequeno núcleo urbano, de feição nitidamente colonial, havia capixabas - roças na língua dos índios - expressão que acabou servindo para denominar os habitantes da ilha e, posteriormente, todos os espírito-santenses.

A cidade manteve seu traçado colonial até o início do século XX, quando foram produzidas mudanças urbanas e o perfil do território foi alterado por grandes aterros e obras viárias. Na tentativa de atender as novas necessidades provenientes do processo de mudanças,

Foi encomendado ao engenheiro-sanitarista carioca Saturnino de Brito, o projeto Novo Arrabalde. O projeto previa uma cidade racional, com ruas paralelas e ortogonais, correspondendo a uma área equivalente a seis vezes a área de Vitória do século XIX. A área escolhida situava-se entre as planícies arenosas a nordeste da ilha e seguia por regiões alagadiças ao sul, perfazendo toda a costa leste, cortando morros, manguezais, brejos e braços de mar (SARTÓRIO, 2015, p.38).

Nessa direção, o processo de urbanização insere-se, na intensa redistribuição espacial da população que se dá durante o século XX, principalmente, durante a sua segunda metade. Essa redistribuição levará a intensa migração da população rural para a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV).

Enquanto a urbanização no Brasil, em 1950, era de 36,2%, a do Espírito Santo era de 20,8%. Isso acentua como, no Brasil, esse processo se tornou evidente na década de 60, com o predomínio da população urbana; enquanto, no estado capixaba, isso ocorre no decorrer da década de 1970. Essa relação é perceptível ao analisarmos no estado: [...] dentre os 31 municípios existentes em 1950, 11 apresentavam proporções de população rural superior a 90%. Na maioria dos municípios, 18 deles, as sedes não chegavam a concentrar 10% da população (CASTIGLIONI, 2009, p. 99).

No cenário apresentado, a cidade de Vitória sempre exerceu um grande poder de atração por parte da população que vinha de interior do estado e até mesmo de outras regiões da federação. Como já mencionado, os projetos urbanísticos exerceram grande influência neste processo, uma vez que:

As mudanças mais expressivas começam a tomar forma no final do século XIX, especialmente em 1892, quando José Melo Carvalho Muniz Freire, eleito governador, abriu a possibilidade de uma política diferenciada, marcada por planos de intervenção urbana em grande escala, assinalando o início da mudança na paisagem bucólica e singela que marcava, até então, a cidade de Vitória. É possível fazer uma alusão aos ideais modernistas da época, que visavam um planejamento de cidade racional, higiênica e sem muitos adornos. A paisagem natural, que sobressaía aos olhos de quem chegava a Vitória, começou a ser transformada (SARTÓRIO, 2015, p.37).

Apesar dessas grandes transformações urbanas, a área central conservou um grande acervo cultural, com patrimônios datados dos séculos XVI ao XX, por meio dos quais a memória da sociedade capixaba encontra grande parte de sua história.

Vitória é uma cidade de antigas edificações. Mesmo antes de tornar-se, a capital do Espírito Santo, seu território já comportava capelas, fortes e espaços que hoje são monumentos históricos que trazem à ilha a história da dominação, da luta dos nativos (Guarani, Tupiniquim, Quilombolas, dentre outros) e do desenvolvimento.

Entendemos que a identidade cultural de uma cidade está diretamente ligada aos símbolos que ela possui, seja material ou imaterial, sendo assim, os aspectos ligados à cultura da cidade serve, entre tantas possibilidades, para deixar acesa a memória individual e coletiva de uma sociedade (SANTOS, 2014).

A capital capixaba apresenta uma diversidade cultural riquíssima, tanto no campo material, a exemplo das construções históricas localizadas no centro da cidade, como no campo imaterial, exemplificado pelo ofício das Paneleiras de Goiabeiras<sup>3</sup>.

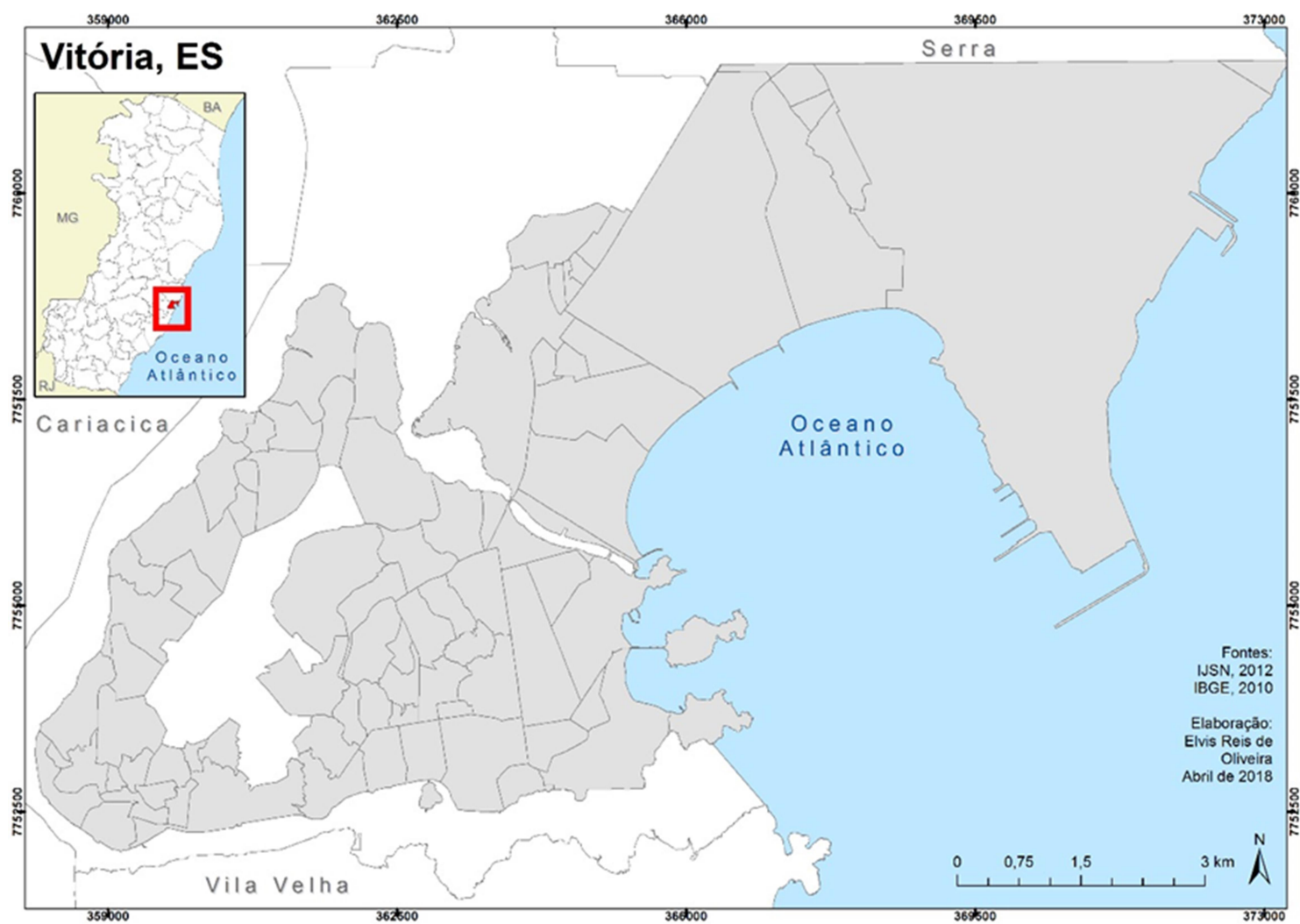
Diante de tamanha riqueza cultural espacializada no território desta cidade, nesse trabalho, a capoeira, que sempre esteve presente nos diferentes bairros da cidade independentemente da classe social, emerge como um campo que possibilita refletir e debater alguns conceitos do campo da Geografia. Todavia, antes de iniciar o debate envolvendo as categorias geográficas a serem analisadas, faz-se necessário revisitar a trajetória da capoeira no intuito de entender o contexto atual. Tal análise será apresentada no primeiro capítulo desse trabalho.

---

<sup>3</sup> O saber envolvido na fabricação artesanal de painéis de barro foi o primeiro bem cultural registrado, pelo IPHAN, como Patrimônio Imaterial no Livro de Registro dos Saberes, em 2002. O processo de produção no bairro de Goiabeiras Velha, em Vitória, no Espírito Santo, emprega técnicas tradicionais e matérias-primas provenientes do meio natural. A atividade, eminentemente feminina, é tradicionalmente repassada pelas artesãs paneleiras, às suas filhas, netas, sobrinhas e vizinhas, no convívio doméstico e comunitário (IPHAN, 2006, p.13)



Figura 7 - Mapa de Vitória - ES



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

## 2 REVISITANDO O PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE

O objetivo principal deste capítulo é apresentar alguns aspectos que constituíram a origem e a trajetória da capoeira no Brasil, como fatores da identidade cultural do país. Partimos do princípio que já foi abordado na parte introdutória desse trabalho que; a identidade cultural de um lugar está diretamente ligada aos símbolos que ela possui, seja material ou imaterial.

Nessa linha de análise surgem alguns questionamentos, os quais serão debatidos ao longo do capítulo: teria a capoeira sido trazida da África ou se originou aqui no Brasil? É necessário classificá-la? Seria ela luta, dança ou esporte? Diante da diversidade cultural apresentada na cidade de Vitória, como se desenvolveu e como está estruturada a capoeira no território? A capoeira praticada no Espírito Santo, de modo especial em sua capital, recebeu alguma influência ao longo de sua trajetória? De que forma essa manifestação contribui para a identidade cultural?

Cumpramos ressaltar, que ao trazer tais questionamentos não iremos propor respostas prontas, tampouco, resolver qualquer questão que envolve a origem e a história da capoeira. O que propomos ao longo desse capítulo é fazer uma reflexão acerca da identidade cultural brasileira, do papel da herança africana no (e para o) povo brasileiro, do papel do negro na sociedade atual com suas manifestações culturais e da expansão da capoeira no Brasil e no mundo. Contudo, ao propor o debate sobre a identidade cultural brasileira, se faz necessário analisar como as questões identitárias e culturais estão inseridas dentro do processo contemporâneo, como a dialética que envolve o global e local se configura no universo que engloba a capoeira.

A globalização, processo que tem avançado de maneira quase irresistível em todas as partes do mundo, acaba por derrubar as barreiras geográficas, resultando em uma reconfiguração geográfica que abarca o tempo e o espaço, nessa percepção de análise, Giddens (1992), destaca que nenhum ator social ou instituição escapa das interferências desse processo, sendo assim, como se posiciona a capoeira?

Almeida (2008, p.71), ao debater sobre a reflexividade nos discursos identitários da capoeira, destaca que; “a capoeira torna-se um produto da indústria cultural nos mercados globalizados [...], ela se (re) configura para atender aos mais variados gostos e necessidades daqueles que busca o seu consumo”.

Diante do cenário vivenciado pela capoeira e, conseqüentemente, por seus praticantes, surge outro questionamento: a capoeira enquanto manifestação identitária cultural brasileira estaria sendo suprimida por conta dos processos culturais globalizados?

O convite para revisitar a trajetória e origem da capoeira surge a partir da necessidade de melhor analisar o percurso vivenciado ao longo de sua história, nessa perspectiva, também serão feitos alguns apontamentos importantes da trajetória da capoeira praticada na cidade de Vitória (ES), visando estabelecer um panorama que possibilite uma reflexão e um melhor entendimento das observações levantadas na pesquisa de campo.

## 2.1 Quem não resgata seu passado não protege seu futuro<sup>4</sup>

A capoeira, assim como o carnaval, o samba e o futebol fazem parte de um grupo de manifestações culturais da atualidade, as mais conhecidas nacionalmente e internacionalmente e que representam de forma emblemática a identidade cultural do nosso país. Essas manifestações culturais, considerados patrimônios, se enraizaram no Brasil por meio de contribuições diferenciadas, com destaque para “[...] o processo histórico de sua ocupação que envolveu não apenas o colonizador português, mas diversas etnias indígenas e africanas [...]” (BARBALHO, 2007, p. 1).

Assim, a prática capoeirista é considerada um patrimônio cultural pelo fato de que “é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos que remetem à história, à memória e a identidade desse povo” (IPHAN, 2012, p.12). Nessa ótica, a preservação da capoeira fortalece o pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo social ou a um determinado território, contribuindo de forma a favorecer a ampliação do exercício da cidadania e sua identificação de pertencimento cultural (BONEMAISSON, 2002), como pode ser demonstrado de forma simbólica nas figuras ilustrativas 8 e 9.

---

<sup>4</sup> Frase cantada na ladainha “Seu passado” pelo Mestre Jogo de Dentro – Grupo de Capoeira Semente do Jogo de Angola.

**Figura 8 - Roda de Capoeira Grupo Barravento**

Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2018)

**Figura 9 - Momento conversa Grupo Barravento**

Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2018)

Os autores Vale; Saquet; Santos (2005) discutem e apresentam diferentes concepções acerca do conceito de território. Nesse caso, é importante tomar um conceito de território que mais se aproxima do objetivo deste trabalho, pois a pesquisa envolve a inserção dos praticantes de capoeira em determinado espaço.

Assim, o território, perpassado pelo caráter político-jurídico em sua utilização, é entendido a partir “[...] das relações sociais expressas nas formas de poder político, cultural e econômico” (VALE; SAQUET; SANTOS, 2005, p. 13). Ou seja, o território não se prende apenas à questão da terra, mas das relações sociais e dos desdobramentos políticos, culturais e econômicos que envolvem o limite da terra.

O conceito de território, não expressa somente à determinação de fronteiras materiais e o controle de poder dos estados (HAESBAERT, 2006). Segundo o autor, a noção de território abre caminho para o território dos fluxos, das multiterritorialidades, da fragilidade das fronteiras e da hibridização cultural, pois o espaço passa a ser, de forma mais visível, um ambiente investido de valores não apenas materiais, mas também étnicos, espirituais, simbólicos e afetivos, onde se estabelece uma relação amorosa com o espaço.

A ideia de território exposta por Haesbaert (2006) alia-se à proposta deste trabalho em abordar a capoeira, enquanto manifestação cultural. Claval (1999) destaca que “cada indivíduo é portador de um sistema cultural em evolução constante, mas que é estruturado por valores”. Neste caso, os valores na capoeira são transmitidos de diversas maneiras, seja na roda de capoeira ou em momentos de conversas formais e informais como ilustrado nas figuras 8 e 9, respectivamente. Algo em comum entre todos esses momentos é a presença do mestre de capoeira.

A capoeira, como manifestação cultural brasileira, contribui de modo a consolidar a identidade cultural e o exercício da cidadania, agindo como forma simbólica e de resistência no (e do) espaço a partir desses valores simbólicos “em virtude de sua riqueza histórica, simbólica e motora [...]” (MELLO et al., 2010, p. 01), determinando, assim, diferentes práticas pelos lugares, cidades ou estados por onde passou, no início, e por onde é praticada, na atualidade. Reconhecida como patrimônio, por ser algo valorizado por determinada comunidade; passou a ser classificada como um bem cultural de ordem imaterial.

Como adiantado antes, nessa pesquisa, tem-se a capoeira como objeto de investigação como bem cultural imaterial, segundo seu reconhecimento estabelecido nos artigos 215 e 216, da Constituição Federal de 1988:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais [...].

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...] (BRASIL, 1988, p.28).

Em função desse reconhecimento, tais fundamentos, portanto, incidem sobre o fato de que a capoeira está presente em todo o território nacional, sendo formado por diferentes fontes de cultura e com identidades e memórias de povos africanos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira, como parte de sua memória e identidade, como pode ser exemplificada na letra da cantiga a seguir:

### **Seu Passado**

Quem não resgata seu passado  
não protege seu futuro  
cada história respeitar ai meu deus  
é um espaço seguro  
para que nossa identidade ai ai  
não se perca num futuro  
nossa história está ligada  
nossa história está ligada  
o povo muito sofrido  
que aqui para o Brasil  
foram arrastados e trazidos  
camarada.  
Água de beber  
água de beber (Coro)

água pra lavar  
água pra lavar (Coro)  
faca de ponta  
faca de ponta (Coro)  
pode furar  
pode furar (Coro)  
ferro de bater  
ferro de bater (Coro)  
ferro pra passar  
ferro pra passar (Coro)  
volta do mundo  
volta do mundo (Coro)  
que mundo deu  
que mundo deu (Coro)  
que mundo dar  
que mundo dar (Coro).

### **Mestre Jogo de Dentro**

As cantigas de capoeira atuam como um instrumento muito importante de investigação que possibilitam o resgate da identidade cultural de seu povo. Ferreira (2013, p.08) destaca que “as cantigas se apresentam como uma importante fonte histórica sobre esse capoeirista transgressor”.

A ladainha “Seu passado” possibilita refletir a história da capoeira e como a identidade afro-brasileira pode surgir dentro do contexto narrado. Quando a música nos diz “nossa história está ligada, o povo muito sofrido que aqui para o Brasil foram arrastados e trazidos camarada” permite associar a formação da identidade cultural brasileira com sua raiz africana, originando diversas manifestações culturais no território brasileiro, como o Samba, Candomblé e a própria Capoeira.

Pesquisas históricas e antropológicas, realizadas por diversos autores: Areias (1983), Soares (2001), Vieira (2016), revelaram que a capoeira é uma manifestação cultural presente em todo território brasileiro, tendo, inclusive, reconhecimento mundial como prática cultural do nosso país. Tal fato aconteceu por meio de dois elementos fundamentais que são representados no universo da capoeira: o ofício dos mestres e a roda de capoeira (figura 10).

**Figura 10** - Capoeira na Comunidade - Vitória ES



Fonte: Acervo do Grupo Beribazu (2018)

O processo de registro desse bem, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, é chamado de salvaguarda. Entende-se por salvaguarda as medidas que visam garantir a

viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, documentação e investigação.

O plano de salvaguarda da capoeira inclui: o reconhecimento do notório saber dos mestres e planos de previdência especial para os mais velhos; um programa de incentivo no mundo; a criação de um centro nacional de referência da capoeira; e outras ações que, entre outros fatores, são uma marca reparadora de ações do Estado contra essa prática em tempos anteriores. Essas ações se desencadearam desde a origem da capoeira.

Se africana ou brasileira, até hoje, o tema é motivo de discussão. É provável que a capoeira tenha surgido em um período de tempo imensurável como uma síntese espontânea das diversas formas de ser e de viver das pessoas o que, de certa forma, refletem as vivências culturais e movimentos do corpo trazido até aqui pelos povos africanos, influenciada também, em menor escala, pelas culturas indígenas e europeias. Como essas formas de ser se desenvolveram no nosso país, no âmbito das vivências culturais e dos movimentos do corpo, pode-se dizer que sua origem brasileira tem marcas da cultura africana, inclusive no que concerne à resistência da exploração dos negros.

Soares (2001, p. 25) afirma que, a capoeira é uma prática escrava antes de ser africana, por entendê-la como “[...] uma tradição rebelde que tinha fortes raízes escravas”. Segundo o mesmo autor, ainda no século XVIII, os primeiros registros nos quais se menciona a existência da capoeira, de “capoeiras”, ou “capoeiragem” foram encontrados nas ocorrências policiais, levantadas, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro. Esses registros correspondem ao ano de 1789 e fazem referência à libertação de um homem escravizado, que havia sido preso nas ruas do Rio de Janeiro devido à prática da “capoeiragem”.

Por outro lado, as primeiras referências iconográficas que remetem aos praticantes de capoeira estão presentes em uma coletânea de obras intitulada “Viagem Pitoresca ao Brasil”, que data do ano de 1821, organizada por Jean Baptiste Debret, da qual fazem parte os trabalhos dos artistas Augusto Earle e Johann Moritz Rugendas. Trata-se das obras retratadas nas figuras 11, 12 e 13, que fazem referência aos negros em combate, remetendo à prática do que é entendido, hoje, como capoeira.

Na obra intitulada, “Negros lutando” (apresentada na figura 11), é retratado o universo que poderia ser um quintal de uma casa ou o fundo de um engenho, depósito, ou algo similar, onde os personagens nos levam a propor algumas suposições; na maior parte da cena o



destaque é para os negros, apresentando de maneira explícita o gestual da capoeira, com ginga e pernada, tendo a sua direita outros negros observando.

**Figura 11** - Negros lutando - Augusto Earle (1821 – 1824)



Fonte: IPHAN (2007, p. 13)

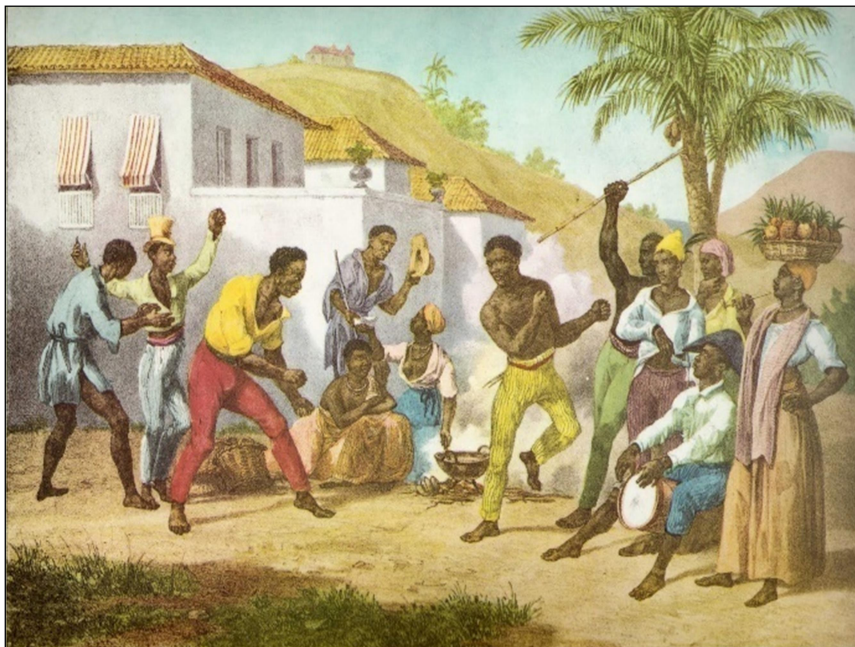
**Figura 12** - San - Salvador - Johann Moritz Rugendas (1834)



Fonte: IPHAN (2007, p. 13)



**Figura 13** - Jogar Capoeira - Johann Moritz Rugendas (1835)



Fonte: IPHAN (2007, p. 13)

O comportamento do negro sentado ao lado da mulher com a criança no colo possibilita, ilustrado na figura 11, permite inferir que com o gesto de suas mãos ele estaria batendo em algo para fazer a marcação, a presença da mulher, bem como do outro negro que surge na janela possibilita pensar que a prática era algo que despertava o interesse de todos, algo que incomodava os senhores de escravos, seguindo essa hipótese, surge à figura do policial para deter e reprimir o confronto.

A representação do soldado, corrobora para afirmar o fato de perseguição que a capoeira sofreu, sendo intensificada, segundo Soares (2001), na primeira década do século XIX. Recorrendo a Ferreira (2013, p. 3), o autor salienta que “esta gravura produz uma sensação epifania da capoeiragem no ambiente urbano, inclusive relacionada à indeterminação que gera distração das atividades e prejuízos aos senhores de escravos”. A respeito da cena representada pelo artista Augustus Earle, Reis (2009, p. 30), conclui que:

Tal síntese interpretativa demonstra que o viajante estava inteirado sobre esses eventos. Provável é que tenha, inclusive, assistido a alguns desses confrontos ou recebido informações precisas sobre algumas de suas características. Sua narrativa não reconstitui um evento, mas constrói uma reportagem sobre o tema (REIS, 2009, p. 30).

Outro artista que merece destaque é o pintor alemão Johann Moritz Rugendas criador das obras: Jogar Capoeira e San Salvador. Na obra San Salvador (figura 12), é representado à prática em um lugar cercado por árvores, talvez no entorno de alguma mata próximo à cidade, tendo em vista que, ao fundo aparecem algumas casas.

A cena retrata um ambiente bem harmonioso, de descontração, onde apresentam alguns negros jogando, outros sentados em volta assistindo, e até mesmo um casal no lado esquerdo da cena namorando. A representação da mulher à esquerda com uma trouxa de roupas na cabeça nos permite pensar, que provavelmente ela estaria lavando roupas em algum rio no entorno da cidade, e que ao voltar para casa encontrou com o grupo reunido.

A obra “Jogar Capoeira” (figura 13), segundo análise de Ferreira (2013, p.04) “mostra a multilinearidade da capoeira e a formação de redes sociais e hibridismos entre seus sujeitos no espaço urbano colonial”. Essa interpretação parte do pressuposto que, nesse cenário a capoeira acontece no meio da cidade, próximo das residências e igrejas, atraindo a atenção de várias pessoas.

Soares (2001) interpreta essa imagem como um possível dia de ócio onde os escravos se reuniram para conversar, comer e jogar capoeira, tendo em vista que na cena aparece uma mulher servindo algo para um homem que está com uma cuia nas mãos, pessoas sentadas no entorno assistindo atentamente, enquanto um homem bate um tambor, outros participam batendo as mãos e gesticulando com os braços numa espécie de incentivo e torcida para o confronto que acontecia. Em relação às imagens analisadas, ao contexto social e modo de vida desse período, podemos concluir que:

Impressionava o número de negros escravos e livres circulando pelas ruas, dando aos forasteiros a impressão de ter desembarcado na África. Mas não era só de lá que eles chegavam, vindos da Costa da Mina, Congo e, mais tarde, Moçambique e Angola. Também negros, escravos ou libertos, vindos, por exemplo, da América espanhola e confundidos aos trabalhadores livres misturavam-se no labirinto da cidade. Entre eles, ranchos de audaciosos capoeiras cruzavam a Candelária armados de paus e facas, exibindo-se num jogo atlético apesar das penalidades impostas – muitas chibatadas aos escravos que “capoeirassem”. Carregadores e mulheres ambulantes, ligeiramente vestidas, transportavam toda sorte de mercadoria na cabeça: frutas, animais vivos, pacotes, feixes de fumo, água potável, roupas sujas e limpas, tigres [como eram chamados os barris] com excrementos (PRIORI, 2016, p. 180).

As três imagens apresentadas trazem como ponto de encontro à possibilidade de interpretação a respeito da origem e trajetória da capoeira em solo brasileiro no período colonial, todavia, independentemente da especificação de um período de tempo para demarcar

o surgimento da capoeira, é importante ressaltar sua relação com a delimitação do espaço do negro na sociedade em função da sua liberdade. Logo, capoeira é um movimento de transformação social e resistência que é influenciado pelo conceito de território, agregando valores simbólicos de pertencimento e cidadania.

Quanto a isso, Abib (2004, p. 96), em sua tese de doutorado intitulada “Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda”, afirma que:

A capoeira surge nesse contexto, enquanto mais um elemento agregador entre as diversas etnias africanas em interação, bem como, enquanto possibilidade concreta de utilização desse “repertório cultural”, como instrumento de luta contra a situação de extrema violência a qual os negros escravos submetidos, e no qual o saber corporal inscrito em cada perna, braço, tronco, cabeça e pé, podia ser transformado numa arma eficaz a serviço da sua libertação (ABIB, 2004, p. 96).

O negro, dessa maneira, por meio da manifestação da capoeira como parte de sua cultura, perpetua seus costumes, mostrando a que grupo racial ele pertence, ao mesmo tempo em que a utiliza como forma de participar da sociedade.

Diante de todas as dúvidas que giram em torno da origem temporal e espacial da capoeira, uma informação é certa: a história da capoeira está intimamente ligada à história dos negros que constituíram a sociedade e a etnia brasileira e, ao longo de sua trajetória, vem contribuindo para que decorra “[...] o processo de produção e apropriação do território em fatores econômicos, políticos e culturais” (VALE; SAQUET; SANTOS, 2005, p. 13). Elementos que salientam seu pertencimento à formação de nossa sociedade e, por consequência, o direito de participar democraticamente dela.

Dessa maneira, pode-se deduzir que, a capoeira é uma manifestação cultural brasileira, mas com origem advinda da história de outros povos. Ela é a tentativa bem-sucedida de demarcar um processo conflituoso de produção do espaço negro na sociedade brasileira (BEZERRA, 2014).

No que concerne ao exercício da cidadania, esse espaço refere-se também ao direito de uso do ambiente público, em detrimento de suas manifestações culturais, que desencadeiam conceitos relacionados ao espaço geográfico, tais como territorialidade, pois identidade cultural está intimamente relacionada a esse conceito, uma vez que “o projeto de toda análise geocultural é procurar definir esse espaço onde se aloja a cultura” (BONEMAISON, 2002, p. 105).

Assim, o negro em sua luta busca demarcar seu espaço a partir de suas manifestações culturais. O Brasil traz marcas da herança de seu povo de origem – o povo africano –,

revelando papéis importantes desse povo em âmbito filosófico, sociológico e, no que concerne ao propósito desse trabalho, geográfico quanto aos costumes culturais e raciais no processo de inclusão social.

Considerando a existência hegemônica da capoeira como origem afrodescendente a partir de histórias, personagens, entre outros aspectos, essa manifestação cumpre seu papel de contar a história e fixar a memória desse povo em dimensões históricas e de relações honrosas e heroicas dos negros (BEZERRA, 2014). Por sua vez, os capoeiristas refletem uma condição de recorrência, a partir do momento que recriam a história de grupos sociais marginalizados e massacrados pelas relações de poder. Mesmo assim, considera-se que o papel da herança africana, no nosso país, não pode ser reduzido à lembrança e fixação de sua história em suas lutas de grupos sociais marginalizados, mas sim como fator de resistência à exploração (FALCÃO, 2008).

O papel da herança africana no Brasil, ainda, reflete-se em questões progressivas e futuras, tais como a participação do negro na sociedade brasileira atual, a partir da manifestação cultural sob a forma de capoeira, pois, quanto à característica do processo de produção do espaço, Bezerra (2014, p. 5) ressalta que este:

[...] realiza-se de modo a inserir a cada momento a expressão combinada de elementos antigos e novos e o espaço é a resultante da síntese dos tempos do passado e do presente, que acumula também as potencialidades que produzirão o “futuro”, no sentido de que a organização de limites geográficos, sociais e políticos percorrem sua origem e trajetória (BEZERRA, 2014, p. 5).

É válido reforçar que não é possível identificar o surgimento da capoeira em um único lugar. As pesquisas históricas realizadas mostram vestígios em diversos locais do território brasileiro, como nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Recife, por receberem um grande número de negros escravizados, são cidades que merecem destaque quanto ao surgimento da capoeira antiga, podendo ser consideradas “santuários” dessa manifestação cultural (IPHAN, 2007).

Todavia, em cada local, é possível encontrar formas diferenciadas dessa manifestação, com memórias e saberes coletivos que caracterizam a ancestralidade de milhares de homens e mulheres provenientes da África. De acordo com o território em que se desenvolveram cada grupo possui singularidades em relação aos aspectos políticos, econômicos e sociais. Neste sentido, Gomes (1999, p.114), destaca que “cada pessoa é fruto de uma cultura que a define e a conforma”.

Quando estudamos a capoeira vivenciada no Rio de Janeiro, remetemos principalmente ao século XIX. Nesse período, “a capoeira foi um fenômeno que marcou fortemente a vida social da cidade” (SOARES, 2001, p. 35), ao passo que essa prática apresentava características próprias: era praticada por escravos e ex-escravos, em espaços urbanos por onde circulavam nas ruas, becos e vielas.

A capoeira já era uma fixação para os jovens, sejam eles brasileiros ou africanos escravizados na cidade, e o seu espírito desafiador à ordem escravocrata já se tornara semelhante a uma guerrilha, com sortidas, isoladas e, na maioria das vezes, inesperadas manifestações realizadas por pequenos grupos que se organizavam, dispersando rapidamente a presença dos agentes responsáveis pela manutenção da ordem na cidade.

Com o passar do tempo, esses pequenos grupos foram conquistando novos adeptos, que começaram a se organizar e deram origem às duas grades maltas: Nagoas e Guaiamuns, as quais “[...] representavam os dois partidos políticos da época, respectivamente, liberais e conservadores” (IPHAN, 2007, p. 16). Nesse ponto, demarcam-se tanto um território geográfico, quanto político a partir da capoeira.

Ao nos referimos às maltas, é válido ressaltar, que elas se configuravam como unidades de atuação dos capoeiristas e que eram organizadas e formadas, em sua maioria, por escravos cativos, por escravos libertos e pela população marginalizada que agia armada de porretes e navalhas (SOARES, 2001).

Segundo os registros históricos, nesse período, a repressão policial era muito violenta. Como forma de punição, nos castigos, eram deferidas centenas de chibatadas, muitas vezes, em praça pública, porém isso não era o suficiente para pôr fim às ações das maltas. Acabavam gerando certo desconforto na sociedade e, até mesmo, na polícia, que não conseguia combater a prática da capoeiragem (SOARES, 2001).

Por consequência desses fatos históricos de repercussão da prática de capoeira no estado do Rio de Janeiro, reconhecida como afronta ao socialmente estabelecido naquela época, no dia 11 de outubro de 1890, a capoeira foi incluída no Código Penal Brasileiro, tornando a sua prática proibida por lei, conforme o artigo 402, gerando, ao grupo praticante, pena de dois a seis meses de prisão (SOARES, 2001).

Neste período, especialmente, nos espaços urbanos, a capoeira, dessa forma, era ferramenta para limitar o uso dos espaços públicos. No entanto, sua expansão para outros estados iria mudar drasticamente o fator de paradigma do uso desse espaço, tornando-a instrumento de transformação social (TORRES, 2014).

Na época do uso do espaço público com limitação política, mesmo com todos os feitos heroicos que contaram com a participação de capoeiristas, tal como na Guerra do Paraguai, a perseguição aos seus praticantes não tinha fim. Quando presos e julgados, estes eram deportados para a Ilha de Fernando de Noronha, onde ficavam até sua morte.

Essa trajetória, que se inicia com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, e alcança o fim da Monarquia, bem com, a instauração da República, e finalizada quando a capoeira foi criminalizada e a maioria dos seus praticantes, na capital, desterrada para a ilha de Fernando de Noronha (IPHAN, 2007, p. 22).

Diante de todas as formas e tentativas de coibir tal prática, a capoeira foi praticamente banida da cidade do Rio de Janeiro. A partir desse espaço de tempo, temos um período da história em que a capoeira desaparece dos principais noticiários da época, pois, dentre os capoeiristas, aqueles que não haviam sido presos, saíram, estrategicamente de cena do país, em razão dessa marca de afrontamento. Essa característica de violência contra a capoeira também é destacada em Recife. No entanto, na época do entrudo, antiga manifestação do carnaval, nesse estado, havia mais liberdade para sua prática (SOARES, 1998).

A Bahia foi outro estado considerado berço para a prática da capoeira como manifestação cultural, em que o período mais estudado e documentado é o da República Velha entre os anos de 1890 e 1930. A capoeira praticada no Rio de Janeiro, por conta de seu processo de criminalização, e consequente, limitação do uso do espaço público, gerou uma série de documentos e registros acerca de sua trajetória, facilitando pesquisas nesse sentido; em solo baiano, esse registro não ocorreu, prejudicando as informações quanto à expansão da capoeira pelo Brasil.

A pesquisa acerca da história da capoeira baiana é fundamentada principalmente na tradição oral e nas memórias, embora fosse possível identificar, de forma indireta, algumas informações em jornais da época que faziam menção à prática da capoeira. Segundo o IPHAN (2007), alguns jornalistas e historiadores investigaram sistematicamente a expansão da capoeira do Rio de Janeiro para a Bahia, salientando que a palavra capoeira não aparecia na documentação, mas como sinônimo de jogo/luta. Dessa maneira, é possível estabelecer um paralelo entre a capoeira vivenciada no Rio de Janeiro e a praticada em Salvador e no Recife: enquanto a primeira tem sua relação com um ambiente mais marginalizado; a segunda nos remete a um ambiente mais festivo.

A capoeira baiana passa a ter destaque, ganhando nova projeção no ano de 1928. Foi nesse período que Manuel dos Reis Machado, conhecido popularmente como Mestre Bimba,

criou o chamado estilo da Capoeira Regional que, em suas palavras, seria o batuque misturado com a angola e uma diversificação dos golpes, numa verdadeira luta envolvendo o corpo e a mente (SODRÉ, 2002).

Mestre Bimba, ao introduzir essas modificações substanciais, dá à capoeira um caráter mais aceito socialmente. Todo esse processo acontece em um contexto de modernização da sociedade brasileira. Nesse momento, existia um grande movimento que buscava transformar a capoeira em esporte, fato que a fez sair da criminalidade. Em solo baiano, esse debate ocorre de forma muito forte e, segundo Abib (2004), acaba por desencadear a separação da capoeira em duas novas vertentes: Angola e Regional.

Neste momento, Bimba abandona os espaços públicos de aprendizado e institui a academia como local de realização da capoeira. É, então, criado o método que ele chamou de luta regional baiana, caracterizado pelo abandono de alguns instrumentos da sua bateria, por exemplo, o atabaque, na tentativa de desvincular a capoeira das religiões de matriz africana. Com isso, Bimba acreditava que o preconceito iria diminuir, tornando a capoeira mais aceita, especialmente, pela classe média e alta. Destarte, pode-se inferir que Mestre Bimba aparece na história da capoeira sob duas formas distintas: a primeira como precursor, que ressignifica a prática levando-a a outra vertente, um novo modo de fazer capoeira; e a segunda, tendo-o como um deturpador que descaracterizou a capoeira tradicional.

Diante do contexto apresentado, não podemos negar o fato de que sua visão de reestruturar a capoeira deu certo, dado que, a partir das mudanças por ele instituídas, a capoeira baiana passou a ser aceita socialmente. É válido ressaltar que naquele momento a prática da capoeira ainda era proibida e que, por conta dessa restrição, sua academia não levava o nome de capoeira e sim “Centro de Cultura Física e Regional”, porém, o que se praticava em seu interior era uma “capoeira renovada”, estabelecendo uma maior relação com a classe média.

Esteves (2004), no entanto, afere que, mesmo com a intenção do Mestre Bimba em tornar a capoeira mais aceitável, não sob a forma de resistência ao formato social, o principal interesse do Estado Novo não era o de transformar a prática de capoeira em esporte, mas sim de controlar as atividades, por longa data, consideradas marginais. Dessa maneira, além de tirar essa prática cultural dos espaços públicos, limitando seu uso, conforme apontou Torres (2014), dava-se vida às academias.

Com todas essas transformações, a capoeira passa, então, a alcançar “[...] diversas classes sociais da época colonial, tendo sido praticada não apenas por escravos, mas também

por homens livres pobres e ricos, além dos europeus que viviam na capital do Império” (IPHAN, 2007, p.16), tendo, inclusive, pessoas brancas que pertenciam a grupos influentes da sociedade, tais como médicos, advogados, jornalistas e também estudantes.

Outro personagem que ganha destaque dentro da trajetória da capoeira baiana, apresentando-se como sinal de resistência a todo processo de renovação instituído por Mestre Bimba, é Vicente Ferreira Pastinha. Alcunhado como Mestre Pastinha vivenciava a capoeira de forma mais tradicional, valorizando toda a ludicidade e ritualidade, que foi deixada de lado pela capoeira regional, dentro da perspectiva da capoeira angola. Essa capoeira é uma oposição às transformações empreendidas por Mestre Bimba, pois até este momento não existia tal divisão, o que existia era apenas a denominação Capoeira.

Mestre Pastinha cria o Centro Esportivo de Capoeira Angola em 1941, trazendo algumas diferenciações da capoeira que era praticada nas ruas da cidade de Salvador. Ele fundamentava sua prática na tradição africana, que, aliada à construção de uma nova filosofia, estava baseada em uma estética de jogo mais subjetiva e simbólica. Sendo assim, “[...] enquanto a capoeira angola manteve uma ritualística semirreligiosa, a capoeira regional buscou uma forma mais laica” (IPHAN, 2007, p. 71), permitindo que diferente vertente de sua prática engendrasses mais valorização da cultura negra emergente na constituição da sociedade brasileira. Nos dias atuais, surgiu uma nova vertente denominada “capoeira contemporânea”<sup>5</sup>.

Essa nova terminologia acaba por gerar certo debate no universo da capoeira, os mais jovens afirmam ser, um novo estilo surgido entre a mistura da angola com a regional, todavia os praticantes mais antigos argumentam que não existe capoeira contemporânea, o que existe de fato é uma adaptação da capoeira as influências recebidas nos dias atuais.

Seja angola, regional ou contemporânea, a capoeira é praticada por todas as idades (desde crianças até a terceira idade) e por pessoas de todas as etnias e religiões provenientes do mundo inteiro, como pode ser observado nas imagens apresentadas nas figuras 14; 15; 16; 17 e 18.

---

<sup>5</sup> Este termo é utilizado pelos mestres entrevistados para classificar uma forma de capoeira mais estilizada. Este termo também foi adotado pelo IPHAN durante o processo de Salvaguarda da capoeira.



**Figura 14** - VIII aulão da amizade Praia de Camburi - Vitória - ES



Fonte: Acervo pessoal (2018)

**Figura 15** - Batizado de Capoeira - Grupo Barravento



Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2018)

**Figura 16** - Batizado de Capoeira - Grupo Barravento



Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2018)

**Figura 17** - Roda de Capoeira - Bairro São Pedro



Fonte: Acervo pessoal (2018)

**Figura 18** - Roda de Capoeira - Orla Camburi



Fonte: Acervo do Grupo Sapeba Capoeira (2017)

A partir disso, Ferreira (2014), aponta que para além da dimensão histórica, a capoeira passou a ter outros significados. Fora desenvolvida, aperfeiçoada e agregada de valores, ganhando espaços onde outrora era criminalizada. Assim, a capoeira ganha outros aspectos e passa a ser incrementada não só com movimentos, mas também com valores, o que, com o passar dos anos, promoveu sua entrada no ambiente educacional, seja esse ambiente de educação formal ou não formal (como ilustrado pelas figuras 19 e 20).

Nesse campo, a prática da capoeira permite a aproximação dos alunos com a cultura afro-brasileira, possibilitando realizar um trabalho de identidade e auxiliando no resgate da cultura do país. Breda (2010, acesso em: 30 mar. 2018) salienta que:

A Capoeira é uma arte com histórico de lutas pela emancipação negra, o que a legitima como uma manifestação cultural libertária por excelência. Enquanto prática educativa é nítida sua relevância quando observada a abrangência nacional que alcança, a inserção em todos os níveis sociais e sua adoção pelas instituições educativas, da Educação Infantil ao Ensino Superior.



**Figura 19** - Aula de capoeira espaço de educação formal



Fonte: Acervo do grupo Barravento (2018)

**Figura 20** - Aula de capoeira espaço de educação não formal



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Conforme, Breda (2010), a capoeira para muitos dos seus praticantes é a primeira, ou até mesmo, a única fonte de contato com a história do negro, apresentada de forma que engrandece e valoriza o papel do negro diante da sociedade durante o processo histórico.

A partir da década de 1970, a capoeira passa por uma expansão mundial. Muitos capoeiristas, buscando melhores condições de vida se mudaram para outros países onde contribuíram com a divulgação da cultura brasileira. Quanto a isso, Falcão (2008) salienta que as pessoas não imaginavam à proporção que isso poderia tomar, uma vez que “falar português nas aulas de capoeira é um requisito que opera como uma espécie de ‘selo de qualidade’ e vem contribuindo para abrir campos de trabalhos antes impensáveis” (FALCÃO, 2008, p. 126).

O ano de 2008 foi singular para a capoeira. No dia 15 de julho, o ofício dos Mestres de Capoeira foi inscrito no Livro de Saberes; e a Roda de Capoeira, no Livro de Registro das formas de Expressão. Toda essa formalidade foi regida pelo decreto nº 3.551/00. Esse reconhecimento como patrimônio imaterial torna-se importante, uma vez que “[...] assegura a preservação do bem cultural assim como possibilita a elaboração de políticas públicas para manutenção do bem” (TORRES, 2014, p. 51), seja no processo de valorização da cultura brasileira permeada pela cultura africana, seja no processo de transformação social para agentes dessa prática.

No ano de 2014, a Roda de Capoeira foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio da Humanidade, sendo praticada em mais de 150 países, confirmando o processo de globalização da capoeira.

Esse reconhecimento é muito significativo, tendo em vista que, ao longo de sua história, os praticantes da capoeira sofreram diversas perseguições políticas. Foi uma prática fortemente desprezada em tempos remotos, porém hoje a capoeira se consolida como uma ação cultural autenticamente brasileira, ao passo que, para muitos pesquisadores, a capoeira é considerada uma manifestação não uniforme que vai muito além de uma simples luta, dança ou jogo (FALCÃO, 2008; SOARES, 2001; ABIB, 2004).

O reconhecimento em escala mundial refletiu no processo de reconhecimento em escala local, a valorização da prática da capoeira na cidade de Vitória, vem se consolidando e ganhando prestígio desde a década de 70, o que será evidenciado na próxima seção.

## 2.2 Capoeira tem história capoeira tem tradição<sup>6</sup>: a capoeira na cidade de Vitória

No estado do Espírito Santo existe uma lacuna muito grande em relação à história da capoeira. Apesar da privilegiada localização geográfica do Espírito Santo, entre os dois principais estados do Brasil responsáveis pela difusão e historicidade da capoeira (Rio de Janeiro e Bahia), pouco são os registros acerca da capoeira vivenciada em solo espírito-santense no período colonial, o que acaba refletindo na escassez de material sobre a história da cidade de Vitória.

A trajetória da capoeira, no Espírito Santo, está diretamente ligada à história do povo negro. De acordo com Oliveira (2011), ao menos 40 comunidades se definem como quilombolas<sup>7</sup>, levando em consideração as lembranças recebidas dos antepassados e transmitidas às novas gerações. Apesar dos registros que fazem menção aos quilombos, não é encontrado nenhuma notícia ou relato de forma explícita envolvendo capoeira em épocas passadas. O que é encontrado, diz respeito à prática da capoeira a partir da década de 70; anterior a esta época o material é totalmente escasso. Sobre essa ausência de informações.

Não é possível afirmar, desde quando a capoeira existe no estado do Espírito Santo. No entanto, pelo sistema de colonização utilizado; pela grande afluência de escravos que

---

<sup>6</sup> Frase cantada na ladainha “Capoeira tem História” pelo Mestre Barrão – Grupo Axé Capoeira.

<sup>7</sup> No século XIX, os primeiros dados sobre quilombos no Espírito Santo vêm dos anos de 1814 a 1817, quando o viajante conhecido como príncipe Maximiliano Wied-Neuwied escreveu sobre os ex-escravizados da Fazenda do Campo e Fazenda Engenho Velho, próximas à então Vila de Guarapari (OLIVEIRA, 2011, p. 145).

foram utilizados nas lavouras; pelas notícias de inúmeras insurreições de escravos, como a de Queimados na Serra, e outras ocorridas em Guarapari, Jacaraípe, Itapemirim, São Mateus etc.; e por esse estado em conexão com os dois principais centros do país, podemos afirmar que constituía um ambiente fértil ao desenvolvimento da capoeira (VIEIRA, 2016).

As pesquisas estabelecidas por, Vieira (2016), nos remetem à existência de certas “irmandades<sup>8</sup>” que resultavam em conflitos. Pelos relatos analisados, apresentavam características que se assemelhavam às maltas, todavia, é válido ressaltar que, essas irmandades vivenciadas na cidade por mais que estabeleça certa ligação com as maltas do Rio de Janeiro, em solo capixaba tinha um viés muito forte ligado à religiosidade.

Fazendo uso da memória popular, uma vez que não é apenas o registro documental o mais importante para determinar a existência de alguma manifestação cultural, tendo em vista que a cultura se constrói muito mais nas relações com identidade étnica das memórias, do que restritamente com o registro documental, existem relatos de que, por volta do início do século XX, “era comum em Vitória, o hábito de se formarem rodas às portas de bares onde dois homens que lutavam e apostas eram feitas” (VIEIRA, 2016, p.99).

Seguindo alguns registros, que foram baseados principalmente em depoimentos, relatos e memórias de mestres (VIEIRA, 2019; FIGUEIRAS, 2003; IPHAN, 2017), podemos inferir que a capoeira na cidade de Vitória recebe grande influência do Grupo Senzala, grupo de origem carioca que tem como referência o estilo proveniente da Capoeira Regional de Mestre Bimba.

Segundo Almeida (2008), o jogo de capoeira praticado pelo Grupo Senzala ficou conhecido como Capoeira Contemporânea, prática adotada por alguns grupos e associações de capoeira que se encontram na cidade de Vitória. Como já mencionado neste capítulo, tal vertente mescla entre a Capoeira Angola de Mestre Pastinha e a Capoeira de Mestre Bimba, incorporando movimentos de artes marciais e ginástica. Dessa forma, rompe com os modelos mais tradicionais existentes.

---

<sup>8</sup> As principais irmandades eram a do Convento São Francisco – chamados de Caramurus – e a da Igreja do Rosário – chamados de Peroás. Suas ações eram as mesmas das maltas existentes no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, e sua presença em distúrbios públicos caracterizava um verdadeiro problema social (VIEIRA, 2016, p. 99).

**Figura 21 - Roda de Capoeira Grupo Barravento.**



Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2018)

Todavia, anterior a todo esse processo vivenciado pela capoeira na cidade de Vitória, estabelecido pela ligação com o Grupo Senzala, Filgueiras (2003), referenciando as narrativas de mestres, tais como Mestre Odilon e Mestre Luiz Paulo, traça um caminho possível percorrido pela capoeira na cidade de Vitória, que acaba convergindo para o processo já exposto em relação à ligação com o Grupo Senzala. De acordo com os relatos dos mestres, a capoeira em Vitória tem uma ligação direta com o samba vivenciado na cidade.

O Mestre Odilon chama a atenção para a presença da capoeira desde 1964, ensinada por Coelho (em Jucutuquara, e também ligada ao samba). Mas é a versão contada pelo mestre Luiz Paulo que encontra mais escuta: O capixaba Nerci Cardoso foi o pioneiro que teve contato com a capoeira no Rio de Janeiro, e em 1970, de volta ao Espírito Santo, participou do desfile de carnaval da Escola Unido da Piedade, que teve como tema a Bahia, ele e seu amigo Salomão representaram a capoeira. A escola venceu, e algumas pessoas passaram a ter interesse em aprender a capoeira. Esses primeiros capoeiristas tiveram influência do livro de Lamartine Pereira da Costa, “Capoeira sem Mestre”. Por fim, Nerci se afastou da capoeira e Julimar Ferreira Lopes, conhecido como Binho, deu continuidade ao seu trabalho (FILGUEIRAS, 2003, p. 29).

O relato apresentado por, Filgueiras (2003), também é sustentado por Vieira (2016), quando o mesmo aponta que após o sucesso da apresentação de Nerci na escola de samba, ele decidiu abrir uma academia de capoeira em Vitória, localizada no Morro da Fonte Grande. A partir desta primeira academia surgiram várias outras em toda a Grande Vitória.

Segundo, Filgueiras (2003), três personagens se destacam na história da capoeira no estado do Espírito Santo, sobretudo em Vitória: os mestres Diabo Louro, Odilon e Caio Rezende. Diabo Louro, originário do estado da Bahia, chegou a Vitória ano de 1973. Descendente da matriz Regional foi aluno de Ezequiel e, por sua vez, aluno de Mestre Bimba. Em território capixaba apresentou as duas vertentes difundidas na Bahia: a capoeira Angola e a Regional. Segundo dados históricos, Diabo Louro deixou a cidade em 1976, no seu lugar assume seu aluno mais graduado: Binho, que ministrava suas aulas e treinos no bairro Jucutuquara e também para a elite capixaba no clube Praia Tênis.

Diante do público que começou a praticar capoeira na cidade, esta prática subalterna que havia sido tratada como marginal em cenário nacional, mas, em solo capixaba, amplia seu campo de aceitação e valorização adentrando em classes sociais mais elitistas.

Enquanto o Mestre Odilon, por sua vez, estabeleceu sua formação em Brasília, sendo considerando um dos precursores do grupo Beribazu, em Vitória. Filgueiras (2003) aponta que o Mestre Odilon classifica o Grupo Beribazu como uma raiz terciária do Grupo Senzala. Já Caio Rezende, natural do interior do estado da cidade de Muqui – ES teve sua formação capoeirista estabelecida no Rio de Janeiro. Ao retornar à cidade de Vitória, foi responsável por treinar no grupo Quilombo de Queimado.

Conforme, Vieira (2016), atualmente, em escala metropolitana, os grupos mais tradicionais, levando em consideração a influência que exercem sobre os demais, são: Grupo Quilombo de Queimados, Grupo Angola, Grupo Senzala, Grupo Abadá e Grupo Beribazu.

Assim fica evidente diante da conjuntura apresentada que, apesar da Bahia ser aclamada como berço da capoeira, quando trabalhamos a historiografia da prática na cidade de Vitória, esta se encontra mais próxima da capoeira vivenciada no Rio de Janeiro, exercendo forte influência na disseminação da prática em solo capixaba.

Em relação aos grupos de tradição capixaba, O grupo Senzala, obteve um papel bastante importante na difusão da capoeira no estado, influenciando inclusive o grupo Beribazu, grupo originário de Brasília. Como afirma Louis Dumont, a respeito dos mecanismos políticos presentes no campo do individualismo moderno este processo poderia ser definido como "englobamento do contrário", no caso da capoeira, cada grupo alimenta estereótipos acerca dos demais, por conta da dificuldade que cada um tem em se considerar como equivalente ao outro grupo. Assim, cada um "exprime cada vez mais e de modo insubstituível um aspecto de si mesmo" (FILGUEIRAS, 2003, p.31).



No que se refere, à forma como os capoeiristas se reúnem, as rodas são organizadas de maneira oficial e institucionalizadas. Tendo como referência o processo de mapeamento da capoeira no Espírito Santo, realizado pelo IPHAN, as rodas deixaram de ter o caráter espontâneo, como acontecia outrora. Nos dias atuais, os grupos marcam a realização de rodas em determinados horários e locais, onde seus membros e visitantes se encontram para jogar como pode ser observado nas figuras 22 e 23. Neste contexto, as redes sociais ganharam uma importância significativa para a propagação das informações, estabelecendo uma rede de contato mais rápida de vinculação dos locais e horários das rodas.

Outro dado que chamou a atenção em relação ao mapeamento traçado pelo IPHAN, diz respeito, ao caráter de transmissão do saber. Ao longo da história, as aulas são o espaço primordial para o aprendizado, mas, atualmente, a roda deixou de exercer a função didática como ocorria em tempos passados. A roda, pelo que se notou, é um momento em que aqueles que já têm noções de capoeira testam seu aprendizado com os movimentos. As rodas são momentos de exibição e aperfeiçoamento dos capoeiristas (IPHAN, 2017, p.11).

Após uma breve reflexão da história da Capoeira, iremos estabelecer no próximo capítulo um debate envolvendo alguns conceitos da Geografia e objeto de estudo que foram apresentados até o momento.

**Figura 22** - Convite de roda de Capoeira  
Grupo Barravento



Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2019)

**Figura 23** - Convite de roda de Capoeira  
Grupo Barravento



Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2018)



### **3 CAPOEIRA E PRÁTICA SOCIOESPACIAL: O QUE A GEOGRAFIA TEM A DIZER**

A Geografia é uma ciência que possibilita realizar pesquisas de cunho acadêmico e científico em diversas áreas e dialogando com diferentes pensamentos no âmbito das ciências humanas e sociais. Na pesquisa é estabelecido um diálogo com a Geografia Cultural no intuito de estudar a capoeira, sendo entendida como uma expressão cultural que mistura esporte, lutas, danças, músicas, brincadeiras e cultura popular.

Nesse capítulo foi realizada uma breve revisão bibliográfica acerca da trajetória da Geografia Cultural e, na sequência, apresentamos campos de possibilidades dentro do universo da capoeira, em que a Geografia Cultural pode adentrar e torná-lo campo de estudo. Por fim, é traçado um panorama sobre os conceitos basilares desta pesquisa: território, territorialidade e cidadania.

#### **3.1 Um diálogo com a geografia cultural**

Iniciamos este capítulo partindo da ideia de que a Geografia Cultural seria um ramo da Geografia Humana, em que é proposto um desdobramento de uma visão geográfica do mundo, tendo como prisma a cultura (CORRÊA, 1999; CLAVAL, 2011). A Geografia Cultural surge de um campo de estudo, que leva em consideração, as relações estabelecidas entre a ação humana e a transformação da paisagem natural por ela realizada. É válido ressaltar que justamente no momento dessa transformação, ou seja, da alteração da paisagem natural, a cultura, partindo deste viés, é produzida<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Claval (2011, p.6) a respeito da transformação da paisagem natural aponta que “a abordagem cultural tinha um papel importante na geografia da primeira metade do século XX, mas permanecia limitada: a ênfase dizia a respeito aos meios usados pelos grupos humanos para modificar o ambiente: a domesticação das plantas e dos animais, as técnicas da agricultura [...]. A ênfase concentrava geralmente nas interpretações funcionais, mas certos autores, como Eduard Hahn (1996a; 1996 b) na Alemanha, Pierre Deffontaines (1932) na França, Carl Sauer (1963) nos Estados Unidos, tinham uma visão mais abrangente, como um interesse nos elementos simbólicos”.

A Geografia Cultural tem suas origens enraizadas no continente Europeu. Este campo de estudo vivenciou, durante o final do século XIX e início do século XX, momentos de reconhecimento e também momentos em que seu estudo foi negligenciado.

Com o advento de mudanças, principalmente no que diz respeito à estrutura interna da Geografia, a forma de fazê-la mudou drasticamente. Segundo Claval (1992, p. 134), “a nova Geografia não satisfaz aqueles pesquisadores curiosos de saber, o que torna cada lugar diferente dos outros”. Diante dessa necessidade de redescoberta, emerge a renovação da Geografia atrelada aos aspectos culturais vivenciados pelo contexto social. Sendo assim:

A renovação da geografia cultural foi motivada também pelas transformações do mundo. Determinados aspectos da vida material – especialmente no nível do consumo – têm, efetivamente, a tendência de se tornar idênticos em toda a superfície do planeta [...]. Mas ao mesmo as diferenças se acentuam. Povos que não se diferenciam mais na maneira de viver proclamam fortemente suas especificidades, enfatizam aquilo que os separa e cultiva aquilo que assegura sua identidade (CLAVAL, 1992, p.134).

Para entender essa renovação, faz-se necessário compreender o processo histórico deste campo de estudo que se configurou a Geografia Cultural. Nesse contexto, a Escola de Berkeley, localizada nos Estados Unidos, torna-se uma importante referência ao tratar da temática cultural, partindo de uma premissa geográfica<sup>10</sup>. Carl Sauer (1925) por meio de seu trabalho envolvendo o estudo da paisagem torna-se um dos principais nomes a abordar os aspectos culturais através da Geografia.

A partir dessa perspectiva de análise, torna-se importante para a Geografia a consideração sobre o mundo vivido, isto é, o espaço apreendido pelas diferentes pessoas, a partir de suas influências culturais (PEDROSA, 2013). Corrêa (2005) aponta que Sauer foi influenciado pelo pensamento vigente na Antropologia Americana, adotando a teoria da cultura como entidade superorgânica, ou seja, a materialidade é consequência da cultura, independentemente da sociedade e dos indivíduos que a compõem.

---

<sup>10</sup> Anterior a Escola de Berkeley, Ratzel e La Blache já trazia o debate envolvendo a Geografia Cultural, todavia, a colaboração dos dois reside no fato de ambos conceberem a cultura como um meio entre o homem e o meio natural. A concepção de cultura se limitava aos utensílios, técnicas e formas de habitar que permitiam ao grupo modelar as paisagens [...]. Mas, foi nos Estados Unidos, a partir de 1925, que a Geografia Cultural ganhou expressividade com Carl Sauer e seus discípulos da Escola Berkeley. Eles privilegiaram o estudo da cultura, história da cultura, área cultural e ecologia cultural (OLIVEIRA & SILVA, 2010, p. 8).

Anterior às contribuições estabelecidas por Sauer, à abordagem cultural tinha caráter limitada dentro da Geografia, sua função era basicamente analisar os modos de existência dos grupos humanos (CLAVALL, 1999). Os fatos da cultura eram tratados em seu aspecto material, constituídos por objetos criados pelos grupos humanos, pelos seus gêneros de vida, através dos quais criam e transformam as paisagens (ROCHA; ALMEIDA, 2005, p. 02).

Diante do exposto, Corrêa (1999), destaca que, após a perda de prestígio sofrida pela Geografia Cultural, a sua renovação abriu campo para uma nova abordagem, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, lugares considerados “berço” do surgimento e da estruturação deste campo de pesquisa. Neste sentido é relevante destacar que:

O ressurgimento da Geografia Cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo (CORRÊA, 1999, p.52).

O autor ainda indica, que:

Em seu ressurgir, a Geografia Cultural é marcada, em maior ou menor grau, por várias influências. De um lado, pela geografia cultural que antecedia; de outro pelo materialismo histórico e dialético, que considera a cultura simultaneamente como um reflexo e uma condição social. Finalmente pelos aportes das filosofias do significado através da geografia humanista, que valoriza a experiência, a intersubjetividade, os sentimentos, a intuição e a compreensão daquilo que não se repete (CORRÊA, 1999, p.52).

Assim, o Brasil, apesar de apresentar uma vasta produção de cunho geográfico desde os anos de 1930, não acompanhou o processo de desenvolvimento e renovação da Geografia Cultural. Oliveira; Silva (2010) argumenta que este campo de estudo, ainda não, desfruta do prestígio que outros ramos da área geográfica possuem isso em detrimento ao fato da dimensão cultural ter sido negligenciada ou entendida, a partir do senso comum em relação às problemáticas geográficas.

De acordo com, Rosendahl; Corrêa (1999), muitas das produções científicas, elaboradas no período da década de 1930, podem ser classificadas como Geografia Cultural, mas não se tinha consciência de que se poderia denominá-la assim. “Na geografia brasileira de ontem a abordagem cultural não ocupava uma posição central, mas continha elementos preciosos para a compreensão da natureza e da distribuição espacial dos fatos culturais no Brasil” (CLAVALL, 1999, p. 07).

Os anos de 1930 são singulares, já que é neste período que a Geografia é institucionalizada como disciplina universitária. A partir disso, é possível detectar algumas produções que, de alguma forma, abordam questões que mais tarde seriam trabalhadas dentro da Geografia Cultural. Nesta época, as pesquisas de cunho acadêmico tinham como tema predominante as questões envolvendo a diferenciação regional.

Novas temáticas foram surgindo, tais como: a análise do Brasil como elemento periférico, o processo de modernização do Brasil e sua dimensão política e, por fim, questões ligadas à tropicalidade do Brasil e sua relação com povos indígenas, portugueses e africanos. Todavia, é válido ressaltar que nem sempre esse tema era fundamentado na cultura, porém, a Geografia Cultural foi contribuindo para o debate, uma vez que tais conhecimentos são imprescindíveis para entender a realidade cultural do Brasil (CLAVAL, 1999).

Ao estudarmos a Geografia Cultural Brasileira, como corrente específica de pesquisa, percebemos que foi a partir da década de 1990, que houve uma ampliação desse campo de estudo, em razão da criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), em 1993. Seus idealizadores pretendiam, com sua criação, estimular estudos e pesquisas que colocassem em evidência as relações entre espaço e cultura, isto é, desenvolver atividades objetivando mostrar a dimensão espacial da cultura (ROSENDAHL; CORRÊA, 1999, p.9).

Ao tecer algumas reflexões sobre a Geografia Cultural no Brasil, Claval (1999), enfatiza que a diversidade cultural do Brasil é grande, e que isso se deve a diversos fatores, dentre eles sua raiz histórica constituída por variados povos. Os geógrafos brasileiros que se interessam pela abordagem cultural têm um imenso terreno para trabalhar.

O Brasil é um país de culturas populares fortes comprova-se isto pela riqueza de suas tradições musicais vindas de Portugal ou da África, mais tarde inspiradas pela Europa e depois pelos Estados Unidos, pelo papel da dança e por todas as formas de que se reveste a festa em um mundo onde a cordialidade é universal e onde todas as ocasiões são boas para se comunicar (CLAVAL, 1999, p. 24).

Diante de tamanha riqueza popular apresentada no território brasileiro, esta pesquisa utiliza a capoeira, Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, como objeto de estudo para refletir sobre a relação entre capoeira, apropriação do território e ampliação da cidadania. Como já abordado, a história da capoeira apresenta a peculiaridade de ser uma dinâmica cultural em reinvenção constante, “um fenômeno inusitado de representação da identidade nacional às avessas”, pois exprime o paradoxo “de ser uma arte marginalizada pelos diversos

projetos nacionais e ao mesmo tempo um instrumento incomparável de divulgação da história e da cultura brasileira pelo resto do mundo” (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 55). Destarte, a capoeira torna-se um campo propício a ser investigado e estudado pela Geografia Cultural.

### 3.2 Capoeira: um campo de estudo propício para a geografia cultural

Com base na trajetória da Geografia Cultural, iremos expor uma breve síntese dos aspectos globais que definem a capoeira como um fenômeno cultural.

Diversos estudos destacam a capoeira como algo que está inserido no universo das manifestações populares, dada sua riqueza de movimentos, sua cultura, sendo bastante utilizada e propagada em nossa sociedade. Os estudos destacam, ainda, a necessidade de valorização pela sua importância como forma desportiva, educativa e cultural (TORRES, 2014; FERRACINI, 2006; FALCÃO, 2004; RADICCHI, 2013).

**Figura 24 - Capoeira na Comunidade - 2018**



Fonte: Acervo do Grupo Beribazu (2018)

**Figura 25 - Conversa Professor x Aluno**



Fonte: Acervo do Grupo Herança Cultural (2018)

**Figura 26 - Apresentação de Maculelê**

Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2018)

**Figura 27 - Samba de roda**

Fonte: Acervo do Grupo Barravento (2017)

A capoeira em sua essência é caracterizada por um conjunto de significados que se desdobram em diversas outras manifestações culturais, tais como: música, canto, danças, jogos, gestos e rituais, evidenciados nas figuras 24; 25; 26 e 27.

Esse emaranhado de manifestações vivenciadas no mundo da capoeiragem propicia a vivência de elementos que englobam a tradição e a ancestralidade, muitas vezes, criando vínculos de pertencimento em relação ao território onde essas manifestações acontecem, conferindo, ao território, um aspecto de “espaço vivido” (BROSSEAU, 2007). Para os capoeiristas, mesmo os espaços se apresentando de forma volátil, ou seja, como espaços efêmeros, acabam por abarcar diversas formas simbólicas deixadas pelo universo da capoeira.

Conforme, Corrêa (2007), essas formas simbólicas são representações da realidade, resultantes do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre pessoas de um mesmo grupo cultural. Sendo assim, dentro do contexto de símbolos e representações nacionais, a capoeira, assim como o carnaval, samba e o futebol, faz parte do grupo de manifestações que atualmente representa, de forma emblemática, a relação estabelecida entre o homem e o território criada por determinados grupos em lugares e momentos específicos dentro do espaço urbano.

Considerando a capoeira como manifestação cultural, nota-se a existência de um grande debate sobre o assunto, em razão de sua representatividade e importância, compreendendo sua análise por meio de diferentes abordagens. Essa prática cultural acaba por se revelar multifacetada e polissêmica, despertando o interesse de diversas áreas do conhecimento.

Assim, dentro do contexto de análise e apropriação do espaço pela capoeira, o tema investigado pode ser contextualizado em consonância com a discussão realizada envolvendo a Geografia Cultural / Etnogeografia<sup>11</sup> (CLAVAL, 2002). De acordo com, Corrêa (1995), a cultura é a chave para compreensão sistemática das diferenças e semelhanças entre os homens.

A cultura vive como um reflexo, uma mediação e/ou uma condição social, que está inserida no cotidiano e enraizada no seio das relações sociais. Dessa forma, a capoeira estudada pela perspectiva cultural acaba por corroborar, de forma significativa, a relação estabelecida entre os homens e os territórios por ele apropriados, podendo contribuir para a promoção da cidadania.

Estudar e pesquisar capoeira é adentrar num mundo contraditório, cheio de conflitos e lutas construídas por relações que se complementam e se constroem com o passar do tempo. Para Almeida (2008), as narrativas identitárias da capoeira se estruturam por meio de redes de relações, envolvendo diversos sistemas socioculturais e, por isso, seus significados são “flutuantes”, ou seja, dependem do lugar, do tempo e dos grupos que os acionam.

Em seu processo histórico, a capoeira, que durante muito tempo foi vista como uma arte marginal e, até mesmo, um crime contra o Estado, fato já abordado no primeiro capítulo desta dissertação, hoje se encontra em um patamar de valorização crescente.

Com relação a esse reconhecimento, estabelecemos uma crítica, uma vez que isso aconteceu devido a questões eminentemente políticas, tendo em vista que a capoeira por meio de seus mestres e professores já era reconhecida em escala global, sendo praticada em diversos países do globo.

Um outro ponto a ser destacado, é que mesmo após a sua institucionalização como patrimônio cultural, o acesso às políticas públicas voltadas para a capoeira e seus praticantes continua sendo quase inexistente, tal situação está atrelada ao fato de que, dada sua ligação direta com os negros e negras do Brasil, a capoeira, era classificada dentro de algumas manifestações subjugadas como culturas excluídas.

---

<sup>11</sup> Segundo Claval (2002, p. 178) a Etnografia significa ter uma visão global das representações que uma sociedade faz do mundo, da natureza e das quantidades espaciais da vida de relação. [...] os trabalhos de etnogeografia permitem penetrar na intimidade das civilizações.



Nesse sentido, Corrêa (1995), destaca que essas culturas possuem paisagens próprias (sejam essas paisagens materiais ou imateriais), muitas vezes imperceptíveis aos olhos da cultura dominante, cultura das elites (CLAVALL, 2002).

Após essa breve exposição sobre os aspectos que definem a capoeira como fenômeno cultural, iremos tratar de elencar alguns elementos que justificam seu estudo por meio da Geografia Cultural.

Dentro do campo dessa prática, vamos pensar a roda de capoeira (Figuras 28; 29) e todos os aspectos que a constituem como uma paisagem, uma vez que, a prática da “capoeiragem” serve como mediação na transmissão de conhecimentos, valores ou símbolos, contribuindo para transferir de uma geração a outra o saber e as crenças.

**Figura 28** - Capoeira na Comunidade Nova Palestina Vitória - ES 2018



Fonte: Acervo do Grupo Beribazu



**Figura 29** - VIII Aulão da Amizade Orla de Camburi - Vitória - ES



Fonte: Acervo pessoal (2018)

A roda de Capoeira materializa sua paisagem dentro de determinado território seja ele fixo ou efêmero. O território constitui uma categoria de análise dos estudos geográficos, esse mesmo território tem papel fundamental dentro do processo de exclusão e intolerância sofrida pelos praticantes da capoeira. Aprofundando este debate, Corrêa (2012), ressalta que:

nos dias de hoje a ação intolerante está vinculada à questão etnorracial [...], uma vez que a luta contra a intolerância fortemente vinculada, no mundo contemporâneo, à afirmação da etnicidade e aos processos identitários, especialmente dentro da cultura afro-brasileira (CORRÊA, 2012, p. 03).

No que tange à questão dos aspectos da religiosidade, não podemos negar sua relação com a capoeira. Vale ressaltar que muitas pessoas por conta do toque, principalmente do atabaque, acreditam na ligação entre o Candomblé e a capoeira.

Para Rosendahl (1999), há inúmeros espaços sagrados dentro de múltiplos contextos culturais, sobre os quais também pode se configurar as rodas de capoeira, compreendidas para alguns capoeiristas como um lugar místico, transitório entre aquilo que se entende como sagrado e aquilo que se acredita ser profano.

Ao considerar a roda de capoeira um lugar sagrado, Rosendahl (1999), argumenta que essa ideia de espaço sagrado pode ser definida como um campo de forças e de valores que elevam espiritualmente o homem, transportando-o para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Esse pensamento, relacionado com toda a mística que envolve a

roda de capoeira, evidencia-se no respeito que o praticante deve ter em relação às regras instituídas ao longo do tempo pelos seus assessores, à incorporação desses valores na vida e à sua responsabilidade de preservar os rituais (CASTRO JÚNIOR, 2004).

Outra associação pertinente entre a roda de capoeira e as questões que envolvem o sagrado e o profano nos remete ao seu processo histórico de apropriação do território, em que as rodas de capoeira tinham, como um dos lugares para as suas apresentações às praças públicas, lugares estes territorializados por igrejas e que apresentam características de espaço de convívio<sup>12</sup>, onde há a constante circulação de pessoas. Nesta concepção de apropriação do território, a praça, como espaço geográfico, que abriga diversas funções, adota uma função plurirreligiosa ou eclética (SANTOS, 2008).

As rodas de capoeira também se associavam a espaços considerados profanos (ROSENDAHL, 1999). Por muitas vezes, os capoeiristas ‘vadiavam’ em frente aos botequins, onde realizavam suas rodas, ao mesmo tempo em que se serviam de goles de cachaça, oferecidos, na maioria das vezes, pelos próprios donos desses estabelecimentos como uma espécie de recompensa pelo fato de o jogo atrair curiosos e, consequentemente, fregueses para estes locais (TORRES, 2014).

Dentro dessa mesma lógica, outra interpretação é possível, em referência ainda, à apropriação das praças públicas, considerando agora os espaços do ponto de vista de sua categoria como território<sup>13</sup> pelos grupos de capoeira. Este espaço incorpora um caráter simbólico, ou seja, a praça acaba por abarcar um significado identitário de laço territorial investido de valores não apenas materiais, como também étnicos, espirituais, simbólicos e afetivos (COSTA, 2008).

Nessa conjuntura, manifestam-se as relações que envolvem identidade e pertencimento. Para Costa (2008), o sentido de pertença é resultado do conjunto de recortes que especificam a posição de um ator social e a inserção de seu grupo de pertença a um lugar. Assim, na maioria das vezes, a identidade que o capoeirista mantém com a praça, local de

---

<sup>12</sup> Na perspectiva trabalhada neste trabalho o espaço de convívio seria um espaço capaz de sintonizar valores e sentimento, tal conceito deve ser analisado em consonância com ideia de Corrêa (2005), em que o espaço é o locus da reprodução das relações sociais.

<sup>13</sup> Neste trabalho trabalhamos com a proposta que a partir do momento que tais espaços são reconhecidos por diferentes grupos de indivíduos é estabelecido naquele lugar um território. Território este flexível passível de ser desinstitucionalizado simbolicamente (OLIVEIRA; CAVALCANTE, 2009, p. 49).

treinos e apresentação, é conectada por uma relação de proximidade imediata, estabelecendo, desta forma, uma relação de interesse que transita entre uma referência de identidade e um valor simbólico.

Outro elemento primordial são as músicas. Segundo Carney (2007, p.10), “a música contribui para recordações de experiências [...], ela aparece de maneira significativa no controle cultural”. Nesse contexto, para o capoeirista, principal agente social que absorve a musicalidade, tanto a música quanto os cantos e as ladainhas, constituem-se como elementos simbólicos com melodias que remetem a narrativas e recordações de histórias de deuses e orixás, levando-os a viverem sua ancestralidade.

O jogo da capoeira se manifesta através de movimentos corporais de dois jogadores. No entanto, o início desse jogo está atrelado a um princípio associado à musicalidade. Nesta lógica, a música acaba por adotar um caráter simbólico (KONG, 2009).

A música determina, ainda, os diferentes jogos e orienta a movimentação dos jogadores envolvidos. Podemos dizer que a execução musical e os movimentos corporais se afetam mutuamente, de modo tão íntimo que não existe jogo de capoeira sem música. É precisamente pelo aspecto musical que a capoeira se distingue enquanto luta arte e manifestação cultural.

**Figura 30** - Roda de Capoeira - Bairro São Pedro Vitória - ES



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Ao nos colocarmos como expectador diante de uma roda de capoeira é possível percebermos o poder que a música exerce sobre seus praticantes. As músicas na capoeira refazem na memória de alguns integrantes o idealismo e os sentimentos. Esses sentimentos assumem uma posição simbólica, fomentando um extenso poder sobre sua identificação (ALMEIDA, 2008). Essa percepção, enquanto observador, remete ao pensamento de Kong (2009), quando diz que a música nos oferece uma compreensão do mundo e dos sentimentos de outras pessoas, incrivelmente, maior que outros meios têm sido capazes de expressar.

Dentro desse viés musical, as cantigas de capoeira, do ponto de vista da literatura, fornecem valiosos elementos para o estudo da vida brasileira frente às suas várias manifestações, as quais podem ser examinadas sob diferentes pontos de vista. É válido salientar, que todas essas manifestações acontecem em um determinado espaço, a partir da apropriação dos grupos. Tal perspectiva será abordada no item a seguir.

### 3.3 Apropriação do território e capoeira: uma leitura geográfica

Depreende-se que a definição do conceito de território<sup>14</sup> é importante para o desenvolvimento e entendimento da problemática desta dissertação. Assim sendo, este item apresenta, de forma breve, tal conceito na tentativa de articular a ideia de apropriação do espaço e a concepção de território e territorialidade.

Tomando por base o objetivo do presente trabalho, entendemos a apropriação do espaço como sendo as ações realizadas pelos mais diversos agentes sociais, que utiliza determinada área do território para exercer suas mais variadas atividades. Tal fato se torna, ainda mais importante, uma vez que essas ações objetivam, sobretudo, a salvaguardar a reprodução do sistema social (SACK, 1986; CORRÊA, 1994). Nesse viés de análise, Silva (2015, p.5) destaca que “a apropriação do espaço sobre essa perspectiva trata-se de um processo muito amplo, complexo e com uma enorme diversidade de manifestações e aspectos variados”.

---

<sup>14</sup> Partimos do princípio de que para a análise geográfica é essencial compreender os conceitos de espaço geográfico e território como indissociáveis, pois o território é formado a partir do espaço.



Segundo Gomes (2002), a apropriação de um espaço acontece desde uma simples ocupação de uma área, como calçada, até o fechamento de ruas e bairros. Sendo assim, ao propormos estudar a apropriação do espaço pelos grupos de capoeira na cidade de Vitória, partimos da premissa que tais grupos utilizam e se apropriam dos mais variados espaços da cidade, espaços efêmeros, que são construídos e desconstruídos através das rodas e treinos, como pode ser observado nas figuras 31; 32; 33 e 34. Todos esses espaços carregam consigo uma característica em comum: são espaços públicos, ou seja, espaços de convívio coletivo.

**Figura 31** - Treino na Praça do Papa –  
Vitória - ES



Fonte: Acervo do Grupo Herança Cultural (2017)

**Figura 32** - Treino na Orla de Camburi –  
Vitória - ES



Fonte: Acervo pessoal (2018)

**Figura 33** - Roda no Parque Moscoso –  
Vitória - ES



Fonte: Acervo pessoal (2018)

**Figura 34** - Treino Parque Pedra da Cebola -  
Vitória - ES



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Neste momento, dialogamos com as ideias estabelecidas por Rocha; Almeida, (2005, p.10). Segundo as autoras, o território é concebido como um produto da história da sociedade, sendo assim, está sempre em processo de mudança.

O território pode ser considerado como um conjunto de sistemas naturais acrescidos dos fenômenos históricos materiais impostos pelo homem. É formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, mais as bases técnicas e as práticas sociais. Os acréscimos são destinados a permitir, em cada época, uma nova modernização, que é sempre seletiva. Por exemplo, o acréscimo das ferrovias na segunda metade do século XIX e as infovias, hoje. A partir do Estado Moderno tudo isso constituiu-se como base da soberania nacional e da competição entre as nações. Com a globalização, o território passa a ter mais importância ainda, pois o mundo possibilita multiplicar a produtividade com as técnicas contemporâneas através dos lugares conhecidos em sua realidade material e política, sendo que os lugares se distinguem pela diferente capacidade de oferecer às empresas uma produtividade maior ou menor (ROCHA; ALMEIDA, 2005, p. 10).

Com o advento da Geografia Crítica, o conceito de território ganha novas dimensões; passa a ser definido principalmente pelas relações de trabalho (ROCHA; ALMEIDA, 2005), estabelecendo concepções e debates, trazendo como foco a articulação do pensamento dialético materialista e contribuindo, desta forma, para uma discussão que adentre ao campo filosófico (HAESBAERT, 2006).

Sendo Território e territorialidade as chaves para a reflexão de nossa problemática, que envolve o universo da capoeira, tais ideias serão trabalhadas principalmente em consonância com autores que vem ampliando a leitura, a partir de uma perspectiva integradora, não dissociando a abordagem política da econômica e da cultural.

Portanto, pode-se definir que o território é um constante devir, um objeto em permanente construção, formado a partir de interações múltiplas e, assim, pode ser entendido como a esfera que possibilita a existência da multiplicidade, onde “diferentes trajetórias coexistem” – como na visão de Massey (2008), que chega a criticar duramente, reputando como incompletas e limitadas quaisquer outras tentativas de conceber ou explicar o território.

Há, ainda, abordagens de caráter mais integrador, como a de Haesbaert; Limonad (2007), em que o território é uma combinação de estruturas naturais e produzidas, uma construção social, histórica, econômica, política, cultural e simbólica. Tal perspectiva representa bem a multidimensionalidade do conceito.

Existem também as perspectivas impregnadas de subjetivismo, como a de Lepetit (2001), que percebe o território como um contexto dinâmico, caracterizado pelo movimento de diferentes temporalidades. Por outro lado, os territórios também podem constituir sistemas

estruturados, compostos por processos relacionais, ora impregnados de poder, como apresenta Raffestin (1993), ora de técnica, como defende, Milton Santos (2006).

Dentre as diversas definições, uma das mais difundidas atualmente estabelece sua ligação com o poder<sup>15</sup>. Nas dimensões política e econômica, no entanto, podemos ler território como uma realidade de caráter humano e político da sociedade. Justamente esta seria a proposta ao trazer tal discussão para o universo da capoeira.

Logo, dentre as linhas de pensamento apresentadas até o momento, adotamos a vertente teórica abordada por Haesbaert (2004), tendo em vista que este autor compreende o território não dicotomizando, mas pelas diversas dimensões: cultural, econômica, política e social - que podem ser experienciadas no território. Em sua perspectiva, o autor destaca:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2004, p. 01).

Posto isso, estabelecemos como campo de pesquisa a abordagem do conceito de território que perpassa pelo campo da Geografia Cultura. Conforme, Rocha; Almeida (2005, p.01), “território é o lugar do vivido a partir do percebido e do concebido, ou seja, do mundo – vivido”.

Seguindo a linha do pensamento das autoras supracitadas, Denise Maldí (1998), em seu artigo “A questão da territorialidade na etnologia brasileira”, traça uma abordagem a respeito da territorialidade que possibilita uma reflexão antropológica e geográfica, na medida em que contribui para a compreensão da formulação histórica e cultural sobre a diferença. Com base na opinião da autora, “a transformação do espaço em território é, basicamente, um fenômeno de representação, pelo qual os grupos humanos constroem sua relação com a materialidade” (MALDI, 1998, p. 02).

---

<sup>15</sup> A obra Por uma Geografia do poder, de Claude Raffestin (1993), é uma importante referência para a construção do conceito de território na Geografia.

Tal abordagem nos permite dialogar com, Santos (2004), em que o território não é somente o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e de coisas criadas pelo homem, mas um espaço carregado de valores, o que pode possibilitar um sentimento de pertencimento, estabelecendo, desta forma, uma relação entre os grupos de capoeira e os territórios por eles apropriados. “A ideia de pertencimento ligada ao território nos remete, por sua vez, à definição da territorialidade que, no seu limite, significa o que pertence a um território” (MALDI, 1998, p.05).

Reforçando a ideia estabelecida pela a autora em pauta, Rocha; Almeida (2005) partem do princípio que a territorialidade, varia de acordo com o condicionamento cultural, meio social, atitudes políticas e motivações ideológicas. As autoras utilizam-se do pensamento de Sanguin (1977), que reforça o conceito de territorialidade em que carrega consigo um sentido profundo de pertencimento e de permanência.

Partindo da premissa que a capoeira se configura como uma manifestação rural / urbana, e tendo como recorte espacial a cidade de Vitória, o conceito de territorialidade que iremos debater e refletir, está ligada justamente, a territorialidade urbana que, nesta proposta de pesquisa, objetiva analisar o processo de apropriação do território pelos grupos de capoeira no espaço urbano de Vitória. Esse processo é entendido:

[...] como conjunto de ações, comportamento de indivíduos ou grupo que tendem a afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações; atividades que estabelecem territórios, tendo como elementos fundamentais as representações sociais (visão de mundo dos diferentes agentes sociais, atribuições de significados e interpretações da realidade) e as práticas espaciais (ações espacialmente localizadas, materialização cotidiana da identificação dos grupos com o espaço às ações do planejamento) (CAMPOS, 2002, p.36).

Ao refletir sobre o papel das representações urbanas na área central do Recife, o autor em discussão, fundamenta sua argumentação classificando as territorialidades em três elementos básicos, que dentro do debate tornam-se fundamentais, são eles: “as formas de expressão de poder, associados a objetivos comuns dos participantes dos grupos; a identificação simbólica do território para seus componentes; e os meios de comunicação com o exterior” (CAMPOS, 2002, p. 37).

Podemos inferir que, através das observações *in loco*, é possível encontrar estes três elementos citados pela autora no processo de territorialidade dos grupos na cidade de Vitória. Observando a figura 35, em que determinado grupo realiza uma roda de capoeira na praça central do bairro São Pedro I, detectam-se as formas de expressão de poder por meio do



controle estabelecido pelos membros do grupo com a comunidade que acessa a praça, onde o grupo tem ingresso livre a áreas específicas tanto do bairro como da própria praça.

**Figura 35** - Roda de Capoeira realizada na praça do bairro São Pedro I, Vitória – ES.



Fonte: Acervo pessoal (2018)

No tocante a questão envolvendo relação de poder e o território, Campos (2002, p.37), diz que “a territorialidade é a expressão geográfica primária de poder social, por meio da delimitação e afirmação do poder de determinado grupo”; neste estudo, seriam os grupos de capoeira, trazendo implícito um forte significado de pertinência do grupo a uma porção do espaço, que muitas vezes se expressa por modos específicos de comportamento.

A identificação simbólica entre o grupo de capoeira e a praça do bairro São Pedro I é estabelecida, a partir dos diferentes significados e valores que o espaço assume para os mais diversos grupos sociais, que convivem e utilizam a praça para realizar suas práticas.

É possível perceber que a praça agrega diversas atividades, sendo que cada grupo estabelece uma forma diferente de se relacionar e agregar valor. É justamente, neste momento, que a territorialidade surge através das relações de grupos sociais com o “seu” território, que se materializa por meio das formas de uso, organização e significado que ele pode assumir em diferentes momentos. Tais significados podem ser traduzidos em expectativas particulares ao grupo – prazer, necessidade, contingência, obrigação, ideologia – como também, exteriores a eles, que seriam funcionais, simbólicas, sociais, físico-ambientais, socioeconômica (CAMPOS, 2002).

Essas formas de comunicação com o exterior são evidenciadas por meio das ações correspondentes à materialização no espaço a partir das relações que são constituídas como práticas socioespaciais.

Tendo como exemplo, o grupo apresentado na figura 35, a Praça de São Pedro I, como já mencionado, abriga os mais diferentes grupos sociais: o grupo que utiliza a quadra para a prática de futebol; outros que fazem uso da academia popular; ou mesmo utilizam o espaço para a prática de skate e patins; e temos também famílias que utilizam o parquinho para diversão das crianças.

Uma infinidade de relações que são estabelecidas, concomitantemente no espaço, fazendo com que a praça assuma um papel de interação, na medida em que une os indivíduos em grupos com motivações comuns, e diferenciação, determinando limites e expressando desigualdades por meio de comportamentos, formas de usar/transformar o espaço.

Sendo assim, ao relacionarmos os grupos de capoeira à ideia da territorialidade, percebemos que esta pode ser manifestada nos mais diversos ambientes que seus integrantes utilizam, apropriando e estabelecendo uma relação que para outras pessoas pode não existir, uma vez que, a territorialidade não é algo visível (FERRACINE, 2006).

Nessa perspectiva, a territorialidade cria a função de um fenômeno de representações, em que os grupos de capoeira constroem a sua relação com a materialidade, ao passo que essa construção estabelece uma relação com o território, onde os grupos passam a exercer uma função de mundo vivido ou simplesmente “espaço vivido”.

### 3.4 Território como espaço vivido

Partimos do pressuposto que as relações tecidas no território pelos grupos de capoeira extrapolam o caráter meramente funcional. Ao observarmos os grupos treinando e realizando suas rodas, é perceptível que naquele momento o espaço ocupado passa a exercer uma função que, na maioria das vezes, só quem está inserido naquele contexto consegue compreender.

Esses espaços acabam por incorporar uma carga de subjetividade. As inúmeras manifestações vivenciadas no universo da capoeira podem propiciar a vivência de elementos que englobam a tradição e a ancestralidade, podendo conferir ao território um aspecto de mundo ou “espaço vivido”.

O mundo-vivido seria, portanto, tudo aquilo que se desenvolve no espaço geográfico, formado pelas pessoas, pelos objetos, pelas relações intersubjetivas e com as coisas, as instituições, os fluxos que levam

mercadorias, ideias, pessoas, informações. Este mundo-vivido geográfico tanto pode ser o de uma rua, de uma cidade, de uma paisagem (ROCHA; ALMEIDA, 2005, p.08).

De acordo com Bonnemaïson (2002, p.110), o espaço vivido seria um “espaço-movimento”, formado pela soma de lugares e trajetos que são usuais a um grupo ou indivíduos. Lira (2017), em sua tese, associa tal termo ao espaço onde determinada pessoa realiza suas atividades, estabelecendo um grau de relação.

Diante dos conceitos apresentados existe, portanto, a apropriação do espaço pelos capoeiristas como espaço vivido, partindo do princípio que o espaço está relacionado diretamente com a forma com a qual os capoeiristas se expressam e com a significação dos lugares para aqueles adquirem experiência nesses espaços.

**Figura 36 - VIII Aulão da Amizade, Praia de Camburi.**



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Um exemplo de materialização deste território como espaço vivido no universo da capoeira seria o ritual da roda de capoeira demonstrado nas figuras 36 e 37. Esse momento que está diretamente ligado à subjetividade, intuição, sentimentos, experiências e simbolismo, privilegiando o singular e não o universal. Considerando os sentimentos mais íntimos do sujeito na interpretação e percepção do espaço vivido. Katuta (2011) citada por Lima (2014, p.08), aponta “A roda de capoeira expressa diferentes linguagens, formando um espaço percebido, imaginado e concebido. Representa dessa forma, o próprio espaço vivido aonde se dão as experiências que possibilitam a realização dos lugares [...]”.

Ainda segundo a autora

O jogo de capoeira permite a construção de laços sentimentais, pois ela apresenta inter-relação entre quem toca, canta ou joga, nota-se a admirável percepção espacial das capoeiras nas rodas, o tempo da roda é fundamental, pois permite outras experiências no espaço, tão qualitativas como vadiar na roda com um amigo, e tão intenso como ser presenteado com uma rasteira ou uma chamada (LIMA, 2014, p.9).

**Figura 37** - Roda de Capoeira realizada na EMEF Tancredo Neves, São Pedro, Vitória – ES.



Fonte: acervo do Autor (2018)

Sendo assim, estudar determinada manifestação cultural como a capoeira, por meio das relações que são tecidas com o território, torna-se uma forma de entender o espaço vivido, que possibilita vivenciar experiências, favorecendo uma melhor compreensão e, de certa forma, resgatar sentimentos de identidade cultural e pertencimento daqueles que estão inseridos no processo, o que garante a ampliação da cidadania (CALLAI, 2003). Conceito de cidadania será debatido a seguir.

### 3.5 A cidadania dentro do contexto geográfico

Nesta pesquisa, o conceito de cidadania está atrelado à matriz territorial (SANTOS, 1993; GOMES, 2002). Iniciamos este tópico trazendo um questionamento provocador que serviu como título para o primeiro capítulo do livro “O espaço do cidadão”, escrito pelo geógrafo Milton Santos no ano de 1987: Há cidadãos neste país?

O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos; mas também um dado simbólico (SANTOS, 1993). Diante desse espaço que carrega símbolos e marcas dos mais variados, os grupos realizam suas atividades. Tomando por base as ideias de Santos, as pessoas nascem detentoras de direitos, que deveriam ser garantidos pelo mero fato de ingressar na sociedade humana. A cidadania como garantia de direito se aprende; e é através do ato de aprender que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura.

A cidadania dentro da perspectiva Miltonsantiano seria a consagração do respeito individual dos direitos estabelecidos pelos indivíduos. Contudo, a atual realidade do Brasil, no que diz respeito aos direitos dos cidadãos, é diferente, pois o sentido de cidadania é constantemente deturpado, visto que “em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário” (SANTOS, 1993, p. 13). Seguindo a mesma linha de pensamento, DaMata (2000, p. 75) argumenta que “No Brasil a noção de cidadania sofre uma espécie de desvio”.

Nesse contexto, pela formação social do país, os direitos tornaram-se privilégios e tiveram sua existência atrelada às questões de ordem econômica, em uma realidade de país colonizado com profundas disparidades sociais.

Em relação à ideia de que os privilégios se sobrepõem aos direitos, DaMata (2000, p. 78) é crítico ao afirmar que “[...] se o indivíduo não tem nenhuma ligação com pessoas ou instituição de prestígio na sociedade, ele é tratado como inferior”.

Freire (2006), no artigo “Ensaio Sobre a cidade antidemocrática: pensando os bens e Serviços a Favor da cidadania”, referência à obra de Milton Santos, tornando o debate atual, mesmo sendo escrita no ano de 1987. Passaram-se 31 anos dos escritos de Santos e 12 anos da reflexão de Freire, mas ainda percebemos que houve ínfima modificação; o debate realizado por eles continua cada vez mais atual, uma vez que,

A sociedade brasileira constata que as nossas grandes cidades transformaram-se em verdadeiras “bombas-relógio” prestes a explodir a qualquer momento, posto que as desigualdades socioespaciais alcançassem patamares alarmantes, notadamente quando verificamos a não homogeneidade na distribuição dos bens e serviços (FREIRE, 2006, p. 17).

Traçando um comparativo entre a ideia dos autores e a trajetória da capoeira no território brasileiro, percebemos que tais disparidades são vivenciadas em sua grande maioria por diversos praticantes da capoeira, assim como vários brasileiros, têm seus direitos negados.

Diante de tal situação, podemos refletir sobre duas questões pensadas por Santos (1993, p. 7): “Quantos habitantes, no Brasil, são cidadãos? Quantos nem sequer sabem que são?”. Na atual conjuntura brasileira, é possível pressupor que uma grande parcela de indivíduos não possui, de fato, noções cidadãs básica.

Uma das formas de negação de direitos dentro da capoeira acontece, principalmente, no que concerne ao desenvolvimento de políticas públicas voltadas para atender as demandas de seus praticantes, bem como incentivo e valorização da cultura. Sendo assim, é comum encontrarmos no universo da capoeira os não-cidadãos (TORRES, 2014). Para Santos (1993, p. 48), “a própria existência vivida mostra a cada qual que o espaço em que vivemos é, na realidade, um espaço sem cidadãos”.

Nesta pesquisa, ao trabalhar a apropriação do território pelos grupos de capoeira, estamos nos referindo à apropriação de espaços públicos. Sendo assim, podemos afirmar que o próprio acesso desses grupos aos parques, praças, centros comunitários, quadras de escolas, já é considerado um ato de cidadania, mesmo com os embates que tais grupos podem enfrentar diariamente para se manterem presentes nesses locais.

Outro geógrafo que debate acerca da cidadania dentro das Ciências Geográficas seria Gomes (2002). Para ele, a cidadania é uma abordagem recorrente nas discussões acadêmicas. Atrelando os estudos geográficos a essa temática, o referido autor traça alguns questionamentos: Em que medida a cidadania pode ser um objeto de pesquisas geográficas? Que contribuições efetivas a reflexão geográfica poderia trazer a esse importante tema?

Segundo o autor, para efetivar uma discussão coerente e precisa sobre a temática, faz-se necessário abandonar a sedução da moda, em que a cidadania é relacionada a velhos argumentos e a conhecidos pontos de vista que procuram ares de renovação fazendo apelo à simples substituição da denominação. Em sua visão de análise “a cidadania seria assim uma conquista, um desenvolvimento natural na evolução do espírito humano em seu infinito progresso” (GOMES, 2002, p. 129). Conforme, Gomes (1999, p.117), o conceito de cidadania se filia “[...] à matriz do mundo urbano, de um ambiente de convivência, ainda que suponha a diversidade, e na necessidade de estabelecer normas que regulamentam este convívio”.

Diante do que foi apresentado, fica claro, portanto, que a cidadania não seria algo passível de doação ou transmissão, mas sim um processo de construção e desenvolvimento que só seria possível por meio de um processo de busca, desenvolvido e conquistado pelas análises e vivências do indivíduo a serem trabalhadas em todos os espaços de convivência,



sejam estes públicos ou privados. Nesse caso, o contato com determinadas manifestações culturais como a capoeira pode contribuir de forma mais significativa para tal conquista.

Nessa perspectiva, pode-se compreender, que a apropriação do território, associado ao espaço geográfico, é fundamental para a vida, para a construção da cidadania e para uma consciência espacial cidadã, que compreende os movimentos articuladores presentes num espaço sempre, em constante transformação, do qual o cidadão participa. Essa compreensão oportuniza o entendimento do território como constituinte e como resultado de complexas relações que se processam na constituição dos territórios e que são os resultados de diferentes relações entre o local e o global.

Para Andreis (2009), o fato de ser cidadão não se relaciona somente com os direitos e garantias proporcionados pelo Estado e os seus territórios, mas também com o caráter simbólico presente nas práticas e que proporcionam a sensação de pertencimento. Segundo Damiani (2006) citado por Andreis (2009, p.20):

A noção de cidadania envolve o sentido que se tem do lugar e do espaço, já que se trata da materialização das relações de todas as ordens, próximas ou distantes. Conhecer o espaço é conhecer a rede de relações à qual se está sujeito, da qual se é sujeito. Alienação do espaço e cidadania se configura um antagonismo a considerar.

Dessa maneira, a Geografia e a construção de uma formação cidadã, tendo como foco a apropriação do território pela capoeira, devem estar em conformidade com a interpretação do espaço através dos múltiplos fatores intencionados, que o condicionam e do qual o capoeirista coparticipa dessa constante construção vivenciada e apropriada sob a forma de território, transformando-o em territorialidades, como espaço de pertencimento do sujeito, mas que se relaciona com as diferentes escalas dos espaços.

É exatamente essa a crítica que se faz a uma forma de transmissão de um conhecimento que não aconteça levando em consideração a formação de uma perspectiva cidadã e alienada dessa realidade concreta, uma vez que impossibilitaria o exercício da cidadania porque não seria capaz de reconhecer e interpretar as diferentes relações sociais que são personificadas pela concretude do espaço.

[...] a consciência cidadã é entendida como consciência das atitudes-ações individuais praticadas e produzidas socialmente, a partir de um saber-pensar o espaço com criatividade e comprometimento ético responsável – o que implica em desenvolvimento de valores (NOGUEIRA, 2009, p.79).

Ainda segundo o autor,

[...] a formação de uma consciência espacial-cidadã demanda que se pense e defenda os princípios jurídicos e políticos intrinsecamente relacionados a uma “ética da responsabilidade” (HANS JONAS, 1995), a uma tomada de consciência e atitudes que contribuam para os atores sociais se perceberem como tais e possam, a partir disso, agir em sociedade no plano local-global e global-local, tendo em vista a força do que significa. Comprometer-se responsabilmente com sua cultura, seu grupo social, sua comunidade, seu lugar de vivência (NOGUEIRA, 2009, p. 84).

A partir dessa citação do autor, torna-se bastante claro do ponto de vista defendido por este trabalho, já que cita a conscientização acerca do espaço/território como fundamental para a construção crítica e reflexiva do sujeito cidadão, como essencial para a formação dessa consciência cidadã e, conseqüentemente, ampliação da cidadania.

Desse modo, a relação entre o espaço e a capoeira pode ser considerada uma das ferramentas que possibilita a ampliação do grau de consciência, principalmente daqueles que estão envolvidos nesse processo, isto é, como citado por Milton Santos, uma fração da totalidade<sup>16</sup> da cidade. Nesse sentido, no próximo capítulo, serão analisadas as narrativas de mestres e professores dos grupos estudados, possibilitando uma melhor compreensão do assunto, buscando ouvir aqueles indivíduos que estão diretamente envolvidos no processo.

---

<sup>16</sup> “A totalidade é a realidade em sua integridade. [...] a realidade é a totalidade dos estados de coisas existentes, a totalidade das situações. A totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento. [...] é assim que a totalidade evolui ao mesmo tempo para tornar-se outra, e continuar a ser totalidade. Essa totalidade do real compreende conjuntamente o Planeta, isto é, a natureza e a comunidade humana” (SANTOS, 1996, p. 116-117).



#### **4 “O MESTRE GUARDA SEGREDOS, MAS NÃO NEGA EXPLICAÇÃO”<sup>17</sup>: A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO ATRAVÉS DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA**

Você sabe o que é água de beber? Pois bem, para realização deste trabalho foi preciso “beber água” direto da fonte do conhecimento, ouvindo mestres e professores dos seis diferentes grupos de capoeira localizados na cidade de Vitória – ES. Em cada entrevista realizada foi possível “beber” um pouco de conhecimento sobre a capoeira nas suas mais diversas dimensões.

A construção deste capítulo foi fundamentada em todo o debate estabelecido, ao longo do primeiro, e segundo capítulos dessa dissertação. A trajetória da capoeira apresentada no primeiro capítulo serve de pano de fundo para organizar e direcionar o debate que envolve os conceitos apreciados no segundo capítulo.

Entender a relação entre capoeira, apropriação do território, cidade e cidadania através de uma perspectiva humanista por meio de referências geográficas é estabelecer reflexões acerca de questões primordiais que atravessam o universo capoeirístico, tendo em vista que, “[...] na atualidade, a cidade e seus espaços urbanos mantém um importante papel na manutenção das práticas culturais” (TORRES, 2014, p.16).

A apropriação do espaço pela capoeira possibilita aos atores que executam essa ação a prática de uma dimensão social ligada diretamente à cidadania, visto que, é direito de todo e qualquer cidadão a utilização dos espaços públicos da cidade para o exercício do lazer, realização de manifestações culturais, dentre outros.

Sobre a articulação entre a capoeira, o espaço e a cidade, Gomes (2002), diz que um olhar geográfico sobre a cidade e a apropriação de seus espaços deve considerar não apenas suas configurações físicas, mas também englobar o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí desenvolvem. Nessa direção, Freire (2004, p.107), aponta que, o estudo da cidade e dos aspectos urbanos é “[...] um fenômeno complexo que exige reflexões de nós, geógrafos, para

---

<sup>17</sup> Mestre Pastinha S/D.

além da cidade, o espaço produzido na sua concretude, isto é, a realidade no que tange à sua dimensão espacial”.

A discussão relativa às narrativas dos mestres que será apresentada visa mostrar caminhos para interpretar as práticas sociais executadas e vivenciadas pelos grupos de capoeiras, que ocorrem dentro dos limites territoriais da cidade de Vitória.

#### 4.1 Iê, Viva ao Meu Mestre, Camará!

Direcionamos a entrevista para quem exercia a liderança e respondia legalmente pelo grupo, ou seja, o Mestre. Essa decisão foi tomada por consideramos este indivíduo como o catalisador de opiniões dentro do grupo; aquele que, em limitado processo de feedback com seus discípulos, forma e informa a ideologia do grupo. O mestre exerce a função de referência e, autoridade máxima, sendo respeitado e obedecido.

Ao longo do trabalho de campo, percorrendo os seis grupos pesquisados, identificou-se algo comum em todos: o que é dito ou ensinado pelo mestre de capoeira é aceito e apreendido pelos demais capoeiristas. A importância da figura do mestre na capoeira é bem explicitada na letra da música a seguir, que por diversas vezes foi entoada nas rodas de capoeira realizada pelos grupos observados.

#### O MESTRE

O mestre, figura importante,  
dignificante, sempre exemplar  
Dá conselhos a todo instante  
ensinando o caminho que devo trilhar.  
Ao seu lado fico confiante  
chegando na roda vou logo jogar  
De trajetória marcante  
Por onde ele for  
Vou acompanhar (coro)  
Por onde for, meu mestre  
Vou acompanhar  
Todas dificuldades da vida  
não são razões para desanimar

É sábio na hora da escolha  
do caminho seguro pra se enveredar  
Na capoeira  
viu um rumo, um norte,  
pra mudar sua sorte  
Sei que nesse homem forte  
posso confiar  
De trajetória marcante  
Por onde ele for,  
Vou acompanhar  
Por onde for, meu mestre  
Vou acompanhar

**Autores: Joergues Nery e Luiz Renato**

Em relação, a hierarquia que existe dentro da capoeira, o mestre exerce a função de líder. Diante disso, é possível dialogar dentro da perspectiva do pensamento metonímico, conforme Maciel (2009, p. 34), quer dizer:

O processo metonímico indicaria a direção do pensamento metafórico acionado para tentar conferir coerência ao espaço vivido (...). Neste sentido, seria somente a partir de sujeitos conscientes e ativos que os espaços figurados se enunciariam enquanto estratégia de reconhecimento e reinterpretação do mundo, adquirindo relevância para uma análise geográfica dos sentidos e valores atribuídos (MACIEL, 2009, p. 34).

Sendo assim, reconhecendo a representatividade e importância dos mestres e professores para os grupos, valorizamos e enxergamos estes indivíduos como pessoas conscientes e ativas dotadas de experiências, que a partir de seu lugar de fala, e através de suas vivências podem contribuir de forma eficaz para atender à proposta desta pesquisa.

Nesse capítulo, serão apresentadas as narrativas levantadas durante as entrevistas, de modo a apresentar as principais características que marcam a dinâmica territorial da relação entre a prática capoeirista de cada grupo e a apropriação dos mais diversos territórios localizados no espaço urbano da cidade de Vitória. No processo de análise das narrativas tangenciamos estabelecer um panorama, visando compreender e refletir o processo histórico da trajetória da capoeira vivenciada em solo capixaba.

Jorge (2016), embasado pelos estudos de Pérez (2001), afirma que as narrativas são textos produzidos por sujeitos historicamente situados, revelando modos de criar e recriar cotidianamente o mundo no qual estão inseridos. A autora trata das narrativas escritas, compreendendo-as a partir de Benjamin (1994), para quem a narrativa se constitui como experiência de si e do mundo, como a experiência uma ação refletida que permanece para além do vivido.

É válido salientar que as narrativas dentro da capoeira, incorporam sentimento de pertencimento e de territorialidade. Desta forma, podemos chamá-las de narrativas identitárias. “As narrativas identitárias da capoeira se estruturam por meio de redes de relações, envolvendo diversos sistemas socioculturais e, por isso, seus significados são “flutuantes”, pois dependem do lugar, do tempo e dos grupos que as acionam” (ALMEIDA, 2008, p. 20).

Também foi adotada como metodologia de análise a pesquisa participante (GRUBITS; DARRAUT-HARRIS, 2004), pois essa técnica de pesquisa pressupõe uma investigação ancorada na articulação das seguintes dimensões: pertencimento, criação de saberes e

afirmação. A noção de pertencimento revela o compromisso do pesquisador com o seu espaço de investigação.

A criação de saberes está vinculada à valorização das narrativas identitárias, dos conhecimentos que emergem tendo por base um contexto social específico, em que os praticantes da capoeira, sejam eles mestres, professores ou alunos, são capazes de pensar e agir sobre si mesmos.

Assim, distante de querer julgar os grupos investigados, buscamos produzir conhecimento em parceria com os sujeitos que o constituem uma vez que, partimos da premissa que entender a dimensão sociocultural dos grupos de capoeira possibilita uma aprendizagem rica, que contribui para estabelecer a noção de luta e resistência, destaca-se também a relevância, uma vez que, a capoeira se apresenta como uma das únicas formas de apropriação do espaço público que consideram os sujeitos e seus anseios. Por fim, o conhecimento nesta perspectiva surge das experiências, e história de vida de cada mestre e professor entrevistado, que contribui com sua trajetória para que a prática se perpetue.

Para entender o universo vivenciado pela capoeira durante o período de realização da pesquisa (2017-2018), na condição de pesquisador, fiz uma imersão, na qual acompanhei as mais diversas atividades promovidas pelos grupos de capoeira pesquisados. Nesse período, realizamos 45 inserções de campo, em que participamos de diversas atividades, como: treinos, rodas, batizados, “aulão da amizade” e eventos em geral.

Entre mestres, contramestres, professores e iniciantes no mundo da capoeira fazendo uma estimativa geral foram estabelecidos diálogos, com aproximadamente mais de 200 pessoas. Contudo, os dados trabalhados neste capítulo, são provenientes de seis sujeitos, sendo quatro mestres, uma contramestra e um professor de capoeira.

Esses indivíduos trazem, em suas histórias de vida, elementos riquíssimos sobre a capoeira vivenciada no Espírito Santo, bem como práticas desenvolvidas em consonância com o universo capoeirístico que corrobora, de forma direta ou indireta para a consolidação da identidade cultural e, conseqüentemente, para a ampliação da cidadania no território em que se encontram inseridos.

Na produção dos dados, utilizamos as seguintes fontes para registrar as práticas: observação participante, sistematizada em diário de campo; registros iconográficos de imagens paradas (fotografias); e relatos orais por meio de entrevista.

No processo de análise, articulamos dados provenientes de diferentes fontes – para que a unilateralidade de um dado não se sobreponha à complexidade da realidade – com os pressupostos teórico-metodológicos que orientaram esta pesquisa.

É válido salientar, que as perguntas direcionadas para os entrevistados (apêndice B), foram pensadas de forma a direcionar as respostas, a convergir e dialogar dentro dos conceitos principais trabalhados nesta pesquisa: apropriação de território e territorialidade, identidade cultural e cidadania. Sendo assim, o questionário de entrevista foi pensado para a reflexão dentro desse escopo de conceitos.

A fim de valorizar os sujeitos que contribuíram para a realização desta pesquisa em todas as etapas de reflexão, serão utilizados seus nomes de capoeira. Na ausência do apelido de capoeira, serão empregados seus nomes reais. Para conhecimento de todos, é informado que os usos das falas, bem como das fotografias foram autorizados através de assinatura de termo de livre consentimento pelas partes envolvidas (apêndice A).

Considerando que as narrativas analisadas estão diretamente ligadas ao contexto sociocultural que estes mestres foram criados, o item a seguir visa contextualizar o lugar de fala de cada mestre, apresentando sua trajetória e vivência junto à capoeira.

## 4.2 Historicizando a trajetória dos sujeitos entrevistados

### 4.2.1 Professor Paulista - Grupo de Capoeira Herança Cultural

Nascido em São Paulo, como o apelido de capoeira já indica, Professor Paulista foi criado na baixada santista, vivenciou seu primeiro contato com a capoeira, por volta dos 9 anos de idade, no grupo de capoeira Afro-brasileira, localizado na região onde residia.

Em sua trajetória de vida, o entrevistado se coloca como exemplo de superação e persistência, pois conseguiu sobreviver às adversidades impostas pela vida, por intermédio da prática da capoeira. Com 10 anos de idade, passou a morar nas ruas, permanecendo nesta situação por 8 anos. Durante este período, o convívio dentro do universo da capoeira foi fundamental para que ele não adentrasse por caminhos incertos. O mesmo relata que “[...] se não fosse à capoeira na minha vida eu não sei o que eu seria hoje. Mesmo morando na rua, eu sempre pratiquei capoeira, então a capoeira me instruiu muito” (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Mesmo diante das dificuldades impostas pela vida, Professor Paulista, conseguiu realizar a sua formatura dentro da capoeira, em 1998. Nesta transição, o apoio do irmão, conhecido hoje, como Mestre Cobrinha, foi de suma importância. A partir deste momento a capoeira tornou-se a principal fonte de renda, como fica evidente nesta fala “[...] desde 1998 eu vivo de capoeira eu dou aula de capoeira, eu passei muitas coisas com a capoeira, mas tudo que eu tenho hoje a capoeira me deu” (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Em 2000, Paulista, passa a fazer parte do movimento “S dobrado”, utilizamos a expressão movimento, pois não se tratava de um grupo de capoeira, mas sim de um grupo de shows e, de espetáculos, envolvendo os golpes da capoeira.

Em 2007, por intermédio da professora de capoeira Baixinha, Paulista passa a morar no estado do Espírito Santo. Em solo espírito-santense, inicia sua jornada realizando os treinos no grupo “A Capoeira”, sob a liderança do mestre Capixaba. Em 2016, acontece seu desligamento deste grupo, em seguida passa a integrar o núcleo do grupo de Capoeira Herança Cultural, na cidade de Vitória, sob a orientação do Mestre Catitu de São Paulo.

[...] eu já tinha uma admiração muito grande pelo mestre Catitu, pela pessoa que ele é, não só pelo capoeirista, mas pela pessoa, o caráter, a conduta, a postura, isso me chamava muito à atenção lá atrás e a gente já se conhecia de longa data de crescer junto, cresci os vendo jogarem capoeira, frequentei anos e anos a praça da República em São Paulo, é o berço da capoeira de São Paulo e em 2016 eu ingressei no grupo Herança Cultural e foi muito bacana (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Após essa transição de grupo, torna-se o representante legal do Grupo de Capoeira Herança Cultural, no estado do Espírito Santo. Atualmente esse grupo desenvolve suas atividades em alguns bairros localizados na Região Metropolitana de Vitória. Em relação a linhagem, o grupo se identifica como uma capoeira que busca preservar as raízes, fazendo jus ao nome Herança Cultural, sem se classificar especificamente como Angola ou Regional.

[...] a capoeira perdeu aquela coisa assim de vadiação, de malandragem, hoje tá com uma coisa mais robótica, mas mecânica, todo mundo tem que fazer bonitinho igualzinho. Antigamente não, era malandragem, vadiagem, e a gente, o grupo Herança Cultural preserva isso e é uma coisa que eu gosto muito e também manter a musicalidade, o toque do berimbau antigo, sambeto grande de Angola, sambeto pequeno, uma coisa mais da malandragem, aquela energia da palma do terreiro, que hoje quase não se usa [...] (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

#### 4.2.2 Mestre Fábio - Grupo de Capoeira Beribazu

O primeiro contato do Mestre Fábio com a capoeira aconteceu, em 1980, por volta dos seus 14 anos de idade. Por não gostar de outras atividades esportivas como musculação, e com a influência de seu irmão que já praticava a capoeira, Fábio inicia sua prática, em um projeto desenvolvido na UFES.

A princípio houve um estranhamento e certo descontentamento com a capoeira. Entretanto, com o desenvolvimento das aulas, o bom convívio com os praticantes e mestres, aos poucos foi gerando um maior envolvimento, criando um sentimento de pertença. A disciplina e postura desenvolvidas nos treinos foram fundamentais para sua permanência na capoeira.

No começo eu não gostei [...] fiz uma aula e outra e gostei do ambiente dos movimentos dos mestres, aí me interessei e comecei a me dedicar e foi um processo desafiador por que... era engraçado que para pegar a primeira corda tinha que fazer prova escrita, tinha chamada, frequência mínima, tinha que fazer os movimentos para o mestre ver, era bem disciplinado o processo (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Mestre Fábio sempre desenvolveu sua prática capoeirista no grupo Beribazu, em que vivenciou todas as graduações até chegar ao reconhecimento de mestre. Em relação, a história do Beribazu, o grupo tem suas origens enraizadas no Distrito Federal, e foi criado pelo Mestre Zulu no início da década de 1970.

O mestre Zulu já praticava capoeira com outros mestres, mas ele queria algo mais com a prática da capoeira e começou a estudar e praticar a capoeira dentro do colégio agrícola, ele então pegou um grupo de alunos e começou a dar aula, naquele período era tudo muito autônomo, ele montou um sistema de graduação, sistema de treinamento muito forte e os capoeiristas começaram a ficar muito habilidosos (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Na atualidade, o grupo está presente em vários estados do Brasil, inclusive em outros países. No Espírito Santo, o grupo desenvolve suas atividades desde 1975. A vinda do Beribazu para Vitória foi realizada, por meio do Mestre Odilon, que nasceu no interior deste estado. Seu contato inicial com a capoeira aconteceu, em Brasília, no período que estudava no colégio agrícola. Odilon foi aprendiz, e posteriormente, o primeiro mestre capoeirista formado por Mestre Zulu. Em seu retorno para o Espírito Santo, Mestre Odilon começa a dar aula de capoeira fundando o núcleo do Beribazu na cidade de Vitória, hoje o grupo tem subnúcleos que desenvolve a capoeira em todo o estado.

Estabelecendo como filosofia o lema “Arte – Luta”, o Beribazu, além de utilizar elementos embasados na Capoeira Regional e da Capoeira Angola, aplica uma fundamentação própria que abrange aspectos ritualísticos, históricos e socioculturais sintonizados com princípios educativos e filosóficos que valorizam o respeito, a ética, a cidadania, a tolerância, a diversidade e o cultivo da paz.

O Grupo Beribazu, em todas as suas instâncias, adota seu próprio sistema de graduação elaborado pelo Mestre Zulu, que está relacionado à conotação filosófica das fases sociais que marcaram a vida do negro no Brasil, com os domínios de irradiação dos orixás, dentro de uma perspectiva que desvincula de qualquer indução ou orientação de prática religiosa.

#### **4.2.3 Mestra Furinha - Grupo de Capoeira Barravento**

Mestra Furinha teve sua iniciação na capoeira, em 1993. O seu relato evidencia que tal fato aconteceu por intermédio de sua mãe, que, ao levar seu irmão para conhecer determinado grupo de capoeira, despertou seu interesse levando-a iniciar a prática.

[...] por coincidência não era nem para eu começar a capoeira, foi minha mãe que levou meu irmão para conhecer a arte e com uma semana depois eu fui. Chegando lá vi a capoeira e bati o olho e me apaixonei. Eu estava com 13 anos de idade. Aí comecei a treinar aqui na comunidade de Itararé, em Santa Rita de Cássia com meu mestre que sempre trabalhou com comunidade, mestre Pedro (MESTRA FURINHA - Transcrição de entrevista realizada em 05/08/2018).

Com 25 anos de capoeira, sendo 5 anos desde vividos como mestra. Furinha tem sua trajetória atrelada ao desenvolvimento de projetos junto à comunidade: já atuou no projeto escola aberta<sup>18</sup> e Cajum<sup>19</sup>; suas ações sempre estiveram atreladas a ampliação da cidadania, seja em seu trabalho envolvendo crianças e adolescentes, seja debatendo e discutindo a questão de gênero dentro da capoeira.

---

<sup>18</sup> O Programa Escola Aberta tem por objetivo a abertura das escolas públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social nos finais de semana. A estratégia visa potencializar a parceria entre escola e comunidade ofertando atividades educativas, culturais, esportivas e de geração de renda.

<sup>19</sup> Projeto que integra a rede de proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social o Projeto Caminhando Juntos, tem como objetivo desenvolver o potencial de meninos e meninas, promovendo a autoestima e fortalecimento de vínculo com suas famílias, a escola e a comunidade.



Estabelecendo como símbolo de sua trajetória a figura história de Dandara, Mestre Furinha, é uma das organizadoras do movimento das mulheres capoeiristas no Espírito Santo.

Dou aulas aos sábados na comunidade na Ilha das Caieiras e também organizo um projeto movimento das mulheres capoeiristas do Espírito Santo. Hoje está com um ano e alguns meses e esse é o espaço das mulheres na capoeira e minha história é isso aí.

Dandara foi mulher guerreira, que lutou pelo quilombo o tempo todo. Sempre falo na roda dos movimentos, tem a Dandara, tem a música da Maria Felipa, e tem a Maria do Cambota. São mulheres guerreiras que na época lutaram. Então temos que lembra-las, que hoje nós podemos representar essas mulheres que foram guerreiras, hoje tem o movimento de capoeira das mulheres do Espírito Santo que leva capoeira para cada mulher que tem seu jeito de guerreira. Então quando eu canto eu lembro daquela energia, como é forte (MESTRA FURINHA - Transcrição de entrevista realizada em 05/08/2018).

Mestra Furinha vivência e sempre vivenciou sua história na capoeira dentro do grupo Barravento, cujo nome está relacionado à força do vento, sendo que o nome de capoeira do mestre é Torpedo, tudo associado à força e energia do vento.

O Grupo Barravento tem sua linhagem fundamentada em Besouro, passando por Mestre Monsueto, Mestre Camisa, Mestre Burguês, Mestre Nino até chegar a seus fundadores no Espírito Santo, Mestre Rafael e Mestre Torpedo. O grupo não comunga da ideia de ter que ser classificado em Capoeira Angola ou Capoeira Regional, por isso, quando é levantado tal questionamento, a resposta é bem enfática: somos capoeiras.

#### **4.2.4 Mestre Sapeba - Grupo de Capoeira Sapeba Capoeira**

Mestre Sapeba, iniciou na capoeira em 1984, no grupo Senzala. Sob a orientação do Mestre Luiz Paulo, Sapeba vivenciou e desenvolveu seus primeiros movimentos, o que acaba por despertar grande encanto pela manifestação cultural.

E eu era criança ainda e estava assistindo televisão e ouvi uma música de capoeira, música de um cantor capixaba chamado Carlos Bono, o nome da música era capoeira, história e magia. Encantei-me com aquela cena ali (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018).

Após esse encanto inicial, o Mestre Sapeba acaba se afastando da capoeira por questões de saúde. Esse afastamento gerou grande desânimo, e como verbalizado pelo mestre seu retorno ocorreu, em 1988. “Em 1988, voltei a praticar capoeira com o Mestre Luiz Paulo, através de um tio meu que era diretor do departamento Estadual de Cultura, na época não

tinha secretaria ainda [...]” (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018). No ano seguinte, Mestre Sapeba deixa de treinar com o Mestre Luíz Paulo e inicia seus treinos com o Mestre Capixaba.

Em 1989 eu passei a treinar com o Mestre Capixaba, comecei a assistir as aulas dele que tinha perto da minha casa e me identifiquei demais e fiquei com o mestre, que é meu mestre até hoje apesar de eu não fazer parte da mesma escola dele (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018).

Após vivenciar sua prática em alguns grupos localizados na cidade de Vitória (Senzala, Abadá Capoeira, Grupo A CAPOEIRA), Mestre Sapeba, interrompe novamente a prática da capoeira, retomando seus trabalhos, em razão da realização de um concurso promovido pela prefeitura municipal. Desde então, o Mestre Sapeba passa a ofertar capoeira na orla da praia de Camburi, sem que a atividade estivesse ligada com algum grupo específico. Nesse período, não existia grupo ou escola, tampouco associação de capoeira. O trabalho constituía apenas em um projeto ofertado pela prefeitura, vinculado à secretaria de saúde do município.

Não tinha grupo, era um projeto da Prefeitura com a secretaria de saúde. Claro que tinha um intuito social também de inclusão. Então não deveria ter nome de grupo, mas a cultura da capoeira, a coisa de que todo mundo que você vai te pergunta: Você é de que grupo? Todo mundo pergunta isso. Até os alunos começaram a me perguntar: De que grupo eu sou? Nenhum, você é aluno da Prefeitura e do Sapeba. Aí eles começaram a falar que eles eram do Sapeba Capoeira. E o nome foi criação deles. Eles criaram uma logo marca e eu assumi isso, junto com eles. E passamos a nos intitular família Sapeba Capoeira, mas quando perguntavam grupo, não é grupo que nos representa. A identidade nossa é essa! (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018).

Após cinco anos de vivência da capoeira na Orla de Camburi, no final do mês de março de 2018, as atividades chegaram ao fim. Atualmente, o Grupo Sapeba Capoeira tem sede própria, tornando-se oficialmente uma associação, ou seja, um grupo de capoeira. Em relação à linhagem, conforme as verbalizações do Mestre Sapeba, o grupo se enquadra em uma proposta de capoeira mais renovada.

Se fosse para identificar umas das três, apesar de eu ter uma dificuldade em aceitar o nome: a contemporânea. A gente está bem distante do que Bimba fazia e minha escola nunca foi de angola, meu mestre pouco passava de angola, por que também não era de onde ele vinha. Ele veio como o discípulo do Mestre Camisa que foi discípulo do Mestre Bimbo, então totalmente regional. Só que esse regional foi se desconstruindo e reconstruindo algo diferente. Então se eu tiver que escolher um dos três

nomes, é Capoeira Contemporânea (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018).

#### 4.2.5 Mestre Nagô - Grupo de Capoeira Renascer

Completando 42 anos de vivência e de prática na capoeira, Mestre Nagô, iniciou sua trajetória no ano de 1975. Os primeiros movimentos foram ensinados por seu irmão, sendo que, neste período, os dois treinavam com o lendário Diabo Loiro. Ao relatar a sua história, Mestre Nagô evidencia que o seu percurso sempre esteve ligado à Capoeira de Angola, que em sua concepção seria a capoeira primitiva.

E essa trajetória começou lá na Capoeira de Angola, capoeira primitiva e a partir daí a gente deu continuidade no trabalho. Devagarzinho, fomos galgando de graduação a graduação, praticando, estudando a parte prática, teórica, e fomos pela vida até chegar a mestre. Hoje sou presidente do conselho dos mestres do estado. Hoje temos um trabalho social em Tabuazeiro há 28 anos. E por aí vamos participando de roda em roda, eventos e eventos (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

Sua história, também está ligada ao grupo Liberdade da Bahia, onde praticou capoeira por um curto período, cerca de seis meses. Após o professor responsável pelo grupo retornar para o estado da Bahia, Mestre Nagô, inicia seus treinos no Grupo Besouro, momento em que ele conhece o Mestre Torpedo e, em conjunto com mais dois outros alunos fundam o Grupo Barravento. A vivência no Grupo de capoeira Barravento foi de grande importância na vida do Mestre Nagô. Após 16 anos, todavia, por contraposição de ideias, Mestre Nagô sai do Barravento e funda a Associação de Capoeira Renascer.

Fiquei no Barravento 16 anos e por incompatibilidade de ideias entre mim e o Mestre Torpedo eu acabei saindo do Barravento e fundando a associação Renascer em 2008, aí o Renascer nasceu exatamente em busca da renovação. Tanto que hoje a nossa logo tem a fênix atrás. Ele não nasceu de uma brincadeira, mas sim por um motivo justo. Ele teve um motivo para nascer que foi de uma busca de conhecimento, de renovação, uma busca de novos horizontes, por isso que o Renascer surgiu (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

Quando questionado, sobre a ascendência do grupo Renascer, Mestre Nagô é categórico ao se intitular como Capoeira Angola, contudo, sua concepção de Capoeira Angola não está atrelada à linhagem de Mestre Pastinha, mas à identidade de uma capoeira primitiva.

Nós somos capoeira Angola, capoeira primitiva. Hoje quando falamos Angola as pessoas confundem muito como se tivesse feito parte da linhagem de Pastinha. A minha linhagem é primitiva e nós não confundimos, nós não misturamos os toques, os tipos de jogos, a tradição, tudo nós seguimos a Capoeira de Angola (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

#### **4.2.6 Contramestra Ananda - Grupo de Capoeira Volta ao Mundo**

Com 26 anos na capoeira, a Contramestra Ananda, iniciou sua prática na cidade do Rio de Janeiro, isso porque, por volta dos seus 17 anos de idade, sua família que vivia no município de Vitória muda-se para o estado fluminense. Em sua segunda semana de aula, aquele que viria a se tornar seu mestre de capoeira adentra à sala e convida a todos os alunos para vivenciar a prática da capoeira.

A minha entrada na capoeira, foi assim... muito por acaso, eu morava em Vitória. Morei em Vitória até os 16 anos e com 17 me mudei para o Rio de Janeiro, em virtude da mudança da minha família. Naquela época, ainda em Vitória eu fazia balé e jazz e já tinha visto a capoeira enquanto manifestação na escola, e já tinha visto uma vez na rua e achava interessante, mas como eu fazia outras coisas, até então, não tinha despertado o interesse, e quando eu chego ao Rio de Janeiro a escola que eu me matriculo lá do terceiro ano do segundo grau, uma semana depois que eu estava na escola o meu mestre de capoeira, quer dizer meu futuro mestre de capoeira, entra na sala de aula e anuncia que iria ter aula de capoeira na escola (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

O convite de Mestre Claudio foi acolhido, e a partir disso, a Contramestra Ananda inicia-se na capoeira no Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo.

[...] foi por que ele estava lá e eu estava naquela escola naquele momento e ele foi dar aula naquele espaço. Se a escola oferecesse outra coisa provável que eu fizesse essa outra coisa. Foi tudo muito por acaso e eu estou até hoje em todos esses anos (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

Após 12 anos de treinos sob a orientação do Mestre Claudio, Ananda é aprovada em um concurso público no Espírito Santo e retorna para o estado. Chegando em Vitória, ela busca encontrar algum grupo de Capoeira Angola para dar prosseguimento aos seus treinos. Não encontrando e por incentivo de alguns colegas, ela mesma começa a dar aulas para um grupo de amigos da adolescência.

[...] chegando a Vitória eu fui procurar um outro grupo de capoeira Angola e não encontrei; então neste momento eu fiquei no dilema porque geralmente quem faz esta modalidade de Capoeira Angola não se adapta a fazer a Capoeira Regional ou contemporânea, é um caminho sem volta, então eu fiquei no dilema [...] (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

Passados alguns dias, em seu ambiente de trabalho, a Contramestra Ananda conhece um colega que também praticava Capoeira Angola no interior de São Paulo. Após algumas conversas, os dois decidem iniciar um núcleo do Grupo de Capoeira Angola Volta ao Mundo no município de Vitória – ES. Nesse processo, a falta de lugar apropriado surgiu como primeiro empecilho. Estabelecendo contato com algumas escolas públicas, e não obtendo um retorno positivo, a Contramestra encontra no Parque Municipal Pedra da Cebola um ambiente adequado para iniciar o grupo.

Encontramos disponível e ocioso a Pedra da Cebola; foi por este motivo que nós fomos para a Pedra da Cebola. Então foi mesmo ocupar um espaço da cidade que estava ocioso e disponível, que não precisaria mandar 500 ofícios para pedir [...] a Pedra da Cebola foi um lugar disponível encontrado o fato de ser aberto, ter livre acesso nos agrada e agente foi ficando por ali. Já se passaram 13 anos é muito provavelmente que em outros espaços nos teríamos que pagar pela utilização. A Capoeira Angola pelo menos eu não acredito que se encaixa numa academia (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

Assim, as narrativas analisadas, contextualizada com as trajetórias apresentada possibilitam a construção de reflexões estabelecendo como foco três categorias. São elas: Apropriação do território, identidade cultural e cidadania.

#### 4.3 Territórios apropriados e capoeira

Como já mencionado no segundo capítulo desta dissertação compreendemos o conceito de espaço e território como indissociáveis, pois partimos da premissa que o território é formado a partir do espaço. Essa indissociabilidade foi construída por Haesbaert (2004, p.61), que dependendo do enfoque estabelecido na pesquisa permite tratar espaço e território como “sinônimos”.

Convergindo ao encontro das categorias indissociáveis espaço e território, utilizamos o termo apropriação dentro de uma perspectiva geográfica que é caracterizada por meio de uma relação mais simbólica de utilização dos espaços, a partir das marcas do vivido, ou seja, mais

caracterizada pelo valor de uso. O espaço apropriado, neste sentido, apresenta um atributo de posse e de identificação, que se diferencia da mera ocupação física (HAESBAERT, 2007). Dentro desta premissa, a primeira e a segunda pergunta direcionadas foi saber quais os espaços da cidade de Vitória que o grupo utilizava para realizar suas práticas de capoeira e se existe algum critério para escolha deste lugar. A resposta foi unânime ao afirmar que os espaços ocupados são em sua maioria escolas, praças, espaços comunitários.

O Herança Cultural está presente no espaço da prefeitura na região do Centro da Cidade, ele tá na Praça do Papa, pelo projeto TAMAR, tem Cariacica, na praça central em Nova Rosa da Penha [...]O critério utilizado é poder atender ao máximo de pessoas, e também possibilitar que nesses territórios vivenciem um pouco de cultura. Aqui na região do Centro, a princípio, os treinos eram realizados no Tancredão e, posteriormente, conseguimos aqui o espaço do Pé de Moleque<sup>20</sup>, que acabou ficando como a nossa sede, mas aqui realizamos roda na Vila Rubim, na rodoviária, em vários lugares (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Hoje o grupo está presente em 4 faculdades, estamos em várias escolas públicas, atendemos diversos projetos sociais situados em bairros bem periféricos, sendo que a UFES como foi o primeiro local, acaba sendo vista como referência para o grupo. O que existe são orientações por nós acreditarmos que a capoeira é um fenômeno que educa, e tem alguns espaços que não possibilita algumas ações[...]. Então a orientação que nos colocamos é que seja um espaço que dê para trabalhar a capoeira em sua totalidade cultural, histórica, social, política, nessa visão que possa formar um cidadão próximo da cultura mas uma proximidade com toda formação da capoeira que às vezes é bem difícil (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Tem o grupo que eu dou aula que é na Ilha das Caieiras; tem o núcleo do Arcanjo, que é em São Pedro na Escola Municipal Tancredo Neves; tem o grupo do Mestre Guerreiro, que é na praça de Gurigica. A questão da escolha é visibilidade; a gente vai mais assim, surge uma pessoa de chamar, “Ah tem como você dar aula naquele local, naquele bairro, naquela comunidade” e a gente acaba fazendo ali o espaço de aula e algumas vezes surge uma roda (MESTRA FURINHA - Transcrição de entrevista realizada em 05/08/2018).

Hoje o grupo utiliza apenas aqui a Orla da Praia de Camburi para realizar os treinos. Já houve um grupo também em Cariacica, mas acabou não tendo continuidade. Então o espaço para mim é adequado, o piso é bom, o tamanho é ótimo, algumas coisas são desconfortáveis como dia de chuva e vento

---

<sup>20</sup> O projeto Pé de Moleque atua como uma importante ferramenta de promoção de ações relacionadas ao desporto educacional de Vitória. Trata-se de um polo educacional de atividades recreativas e esportivas.

forte, ou barulho de carro passando ou ônibus, mas isso não impediu (MESTRA FURINHA - Transcrição de entrevista realizada em 05/08/2018).

Hoje o grupo está presente apenas aqui no espaço da associação de moradores do bairro (MESTRA NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

Então, os lugares hoje que a gente realiza os treinos são: o treino dos adultos é no Parque Municipal Pedra da Cebola; nós temos os núcleos sociais que a gente chama que são espaços que a gente acredita que a capoeira tem que chegar lá? Que é a escola Edina de Matos em Jesus de Nazaré, a escola de Bicanga na Serra, em Morada de Laranjeiras, no Condomínio Residencial Atlântica Vile que fica no final da Praia de Camburi; e nós também ficamos por 7 anos na Comunidade Quilombola de Retiro em Santa Leopoldina. As rodas nós podemos fazer em alguns desses lugares e também em espaços públicos que nos utilizamos; a praia de Camburi no calçadão perto da entrada de Iemanjá e também realizamos rodas no centro da cidade na praça Costa Pereira e na praça Ubaldo Ramalhete, são os dois espaços que costumamos fazer rodas em locais públicos (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

Com base nas narrativas dos entrevistados percebemos a tendência no que tangencia a apropriação de espaços considerados públicos. Para Corrêa (2009), o espaço público é considerado um campo de luta, constituído por distintos usos.

Dentro da perspectiva que envolve e, ao mesmo tempo, atrela o espaço público ao território apropriado pelo grupo de capoeira, Saquet (2014, p. 13) diz que o “território é substantivado, material e imaterial, por sujeitos, grupos e classes sociais que estão em constante interação, conflito e disputa”. Gomes (2000) trabalha o espaço público em uma perspectiva de lugar das indiferenças; espaço onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio e, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade.

Todavia, o relato dos mestres, quando questionado sobre as dificuldades de realização de uma roda de capoeira vai justamente à contramão da ideia apresentada pelo autor em que “espaço público é qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa” (GOMES, 2000, p. 162). No dia a dia, os capoeiristas vivenciam o acesso a esses espaços considerados como público de uma forma diferente, como pode ser demonstrado nas narrativas a seguir:

A gente foi fazer uma roda na Praça dos Namorados, a gente fez lá no meio e aí passado cerca de vinte minutos de roda, o organizador veio e pediu que a gente terminasse a roda, pois apesar de ser um espaço público tinha regras para o uso daquele espaço no dia da feira, que tinha que pedir autorização da prefeitura; era um sábado de noite que tem a feira de artesanato, eu desconheço se essa regra aplica a todo tipo de artista, grupos culturais e

esportivas [...] (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

[...] muitas vezes, a capoeira sofre uma perseguição diferente de outras manifestações, vou dar um exemplo: lá na Pedra da Cebola, o vigia fica bem de olho na gente se saímos depois do horário. No dia que tem o campeonato de futebol, que eles saem muito depois, não tem problema, entendeu? A gente percebe um tratamento diferente da capoeira e do futebol e isso é sempre [...] (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

[...] Outra vez estava fazendo um projeto na praça dos namorados e a prefeitura sem nenhuma explicação proibiu a realização das atividades no espaço; era um projeto que atendia crianças com alto risco de vulnerabilidade social, este episódio foi o mais marcante, pois ao contar para as crianças do fim do projeto, elas ficaram revoltadas, muitas começaram a chorar (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Gomes (2000) expõe no decorrer do seu debate que todas as cidades dispõem de lugares excepcionais, os quais correspondem à imagem da cidade e sua sociabilidade, e são justamente, esses lugares que os grupos de Capoeira buscam utilizar a fim de realizar sua prática. No entanto, através dos relatos anteriores é percebido que o acesso por vezes é negado, indo de encontro à ideia que este mesmo autor vai defender “espaço público é o terreno fundamental da vida social democrática” (GOMES, 2000, p. 164).

As narrativas dos entrevistados evidenciam e nos permitem estabelecer uma comparação dentro do processo histórico que perpassa pela capoeira que é justamente na sua relação com os espaços de livre acesso por toda a população onde, a partir de meados do século XIX, após a abolição da escravidão, a capoeira nas cidades, principalmente no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, ocupava ruas, praças, becos e vielas para realizar suas atividades.

É válido ressaltar que ao fazer tal proposição da capoeira como prática que se apropria dos espaços públicos urbanos, não estamos negando a origem da capoeira como uma manifestação oriunda do campo, que se desenvolveu junto aos quilombos, onde sua prática estava relacionada às questões que envolviam a resistência da população negra escravizada, que lutavam por liberdade.

Tal proposição só vem reafirmar esse caráter de resistência e luta, pois, ao sair dos quilombos, a capoeira vai para as cidades através de seus corpos negros, tornando o espaço público, seja ele nas mais diversas cidades, inclusive em Vitória – ES, palco inquestionável de suas ações (TORRES, 2014).

É notório que ainda nos dias de hoje, a apropriação dos espaços públicos pela capoeira na cidade de Vitória, ainda acontece, contudo em menor escala. Com exceção do grupo do



Mestre Sapeba e da Contramestra Ananda, os demais utilizam os espaços, mas na forma de equipamentos públicos, tais como: escola, sede de associação de moradores dentre outros. Em relação a essa ausência da capoeira nas ruas, propriamente dita, o Mestre Nagô alerta que:

A capoeira hoje não está tão popular como ela já foi antigamente, hoje ela está mais inserida nas academias, nas escolas, e nos espaços comunitários como o nosso. Dificilmente hoje você ver roda de capoeira na rua. Isso também foi a preocupação de alguns mestres retirar a capoeira da rua para dentro de espaços fechados para dar mais dignidade ao capoeirista. Porque na rua acontecia muitas coisas ruins. Eu já participei de várias rodas na rua, e víamos muito barbaridades, que mantinha a discriminação, como ainda hoje tem, mas quando era feito na rua a discriminação era bem maior, não só racial, mas nos tachávamos de marginais (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 20/06/2018).

Em relação ao critério utilizado para escolha do lugar, as respostas convergem para a questão que envolve a oportunidade de uma maior visibilidade. Notamos, que os grupos buscam apropriar-se daqueles espaços que têm uma grande circulação de pessoas. Nesse sentido, podemos contextualizar a prática da capoeira a partir da teoria da cultura como entretenimento, proposta por Claval (1999, p.152): “a cultura-entretenimento deixa de ser feita de elementos ativos e prepara as pessoas para assistir, durante uma parte do seu tempo, a sessões preparadas e realizadas por outros”. Esse conceito pode ser exemplificado no relato a seguir:

[...] quando realizamos uma roda na rua... vou dar um exemplo: vou fazer uma roda ali na rodoviária. Naquele espaço, podemos pensar várias coisas, pode ser uma roda para divulgar o trabalho, mas além de divulgar o trabalho pode servir de entretenimento para quem está no espaço, que pode tá estressado por ns fatores que aconteceu no decorrer do dia, proporcionar às pessoas um momento gostoso de se envolver com algo rico de diversidade cultural; então a capoeira traz tudo isso para gente. A ideia da roda na Vila Rubim, além de divulgar o trabalho não só o meu mais também de toda a comunidade capoeirista do Espírito Santo, que sempre vem prestigiar as rodas, mas também atrair o turismo na Vila. A vila Rubim é um lugar muito rico culturalmente, eu tenho certeza que a capoeira pode ajudar a potencializar e resgatar culturalmente a valorização daquele espaço (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

A terceira pergunta objetiva investigar se o entrevistado tinha noção da importância do espaço coletivo, levando-o a refletir sobre a relevância da prática da capoeira, como fomentador de ações que visam potencializar e estimular a vivência coletiva. Sendo assim, foi questionado se a utilização desses espaços pela capoeira reforçava o caráter coletivo.

[...] na verdade eu penso assim, quem faz o espaço é você. Para você ter noção, nossos treinos em Nova Rosa da Penha é um espaço que quando eu cheguei lá era muita violência vivenciada no território [...], A capoeira chegou lá e mudou, isso porque a comunidade aceitou e entendeu a proposta do trabalho que seria desenvolvido [...]. Se você vai com a proposta de levar o bem, tenho certeza que a praça ou qualquer lugar que você for trabalhar vai te trazer uma estrutura legal, e vai acabar refletindo este caráter coletivo e ao mesmo tempo cria um ambiente de cidadania (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Sim! Reforça, pois, a gente trabalha dentro da formação dos alunos uma diferença muito grande dentro do fazer pedagógico; e um conceito que levamos na formação é a diferença de coletivo e multidão. Então se uma pessoa não sabe a diferença entre coletivo e multidão, ele não sabe, por exemplo conduzir uma roda, conduzir o seu grupo ou coletivo de aula, ele não sabe trabalhar a cerimônia a ritualística da capoeira, por que eu entendo o coletivo como um organismo vivo, que tem atribuições, funções, relações humanas, pessoais e interpessoais com a cultura e com a história da capoeira. E a multidão é um aglomerado de pessoas que não tem essa percepção, e se a capoeira trabalhar dessa forma, que nem sempre é trabalhada, quando é trabalhada dessa forma eu acredito que contribui para a formação do coletivo daquele espaço, aproximando os pais da escola, administração, coordenação, alunos e pais, no projeto social a comunidade; então aproxima as pessoas, o reconhecimento da cultura acontece através de várias ações, apreciação estética da capoeira, então são vários elementos que contribuem para formação desse coletivo, a partir dessa justificativa eu acredito que contribuem (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Com certeza, reforça tanto as pessoas que estão presentes e até mesmo quem não sabe que não tem capoeira, passa a saber que tem um espaço, um projeto que está sendo puxado ali (MESTRA FURINHA - Transcrição de entrevista realizada em 05/08/2018).

Ao analisar as três respostas, é possível identificar uma carga que nos remete ao sentimento de territorialidade. Tal proposição é embasada no conceito de Santos (2004), em que o espaço, carregado de valores, pode possibilitar um sentimento de pertencimento, estabelecendo uma relação entre o grupo, as pessoas no seu entorno e a ressignificação gerada pela apropriação, como é comprovado também na fala a seguir:

A capoeira por si só já é uma prática coletiva no meu entendimento, e a forma como a gente chega nesses espaços existe um momento de interação com o público; as pessoas gostam de chegar se aproximar e perguntar: posso jogar? A gente dá abertura pra essas pessoas jogarem; então traz uma interação, as pessoas podem participar também e muitas vezes naquele momento que elas conhecem a Capoeira Angola se interessam, perguntam onde tem o treino; às vezes, algumas pessoas acabam entrando para o grupo depois; e às vezes, só reforça a capoeira enquanto cultura e ocupação de um espaço público (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

O sentimento de pertença caminha junto com o conceito de territorialidade nas narrativas transmitidas. É possível identificar que a partir da coletividade criada pela capoeira no espaço apropriado<sup>21</sup>, este torna -se um espaço carregado de valores, que chegam a afetar até mesmo as pessoas que não participam diretamente do grupo, mas que de alguma forma, vivenciam a capoeira transmitida em seu entorno.

Podemos considerar os espaços apropriados pela capoeira como espaços efêmeros, levando em consideração principalmente a dinâmica de realização das rodas de capoeira, que por vezes tendem a acontecer em lugares diversos na cidade. Em relação a efemeridade das rodas de capoeira, Guimarães (2013) destaca que:

Uma vez formada a roda, está delimitada a fronteira com o mundo exterior, é a “volta do mundo” que delineia o interior da roda, o mundo da capoeira. Assim, dentro da roda, os símbolos e os ritos só fazem sentido para quem pertence a esse universo (GUIMARÃES, 2013, p. 172).

A partir deste momento, podemos dizer que o território é produzido por meio das territorialidades (HAESBAERT, 2006). Sendo assim, criando ferramentas para transforma-se em espaço vivido, pois contrapondo as narrativas ao conceito já debatido no segundo capítulo desta dissertação, percebemos que os territórios apropriados pelos grupos de capoeira de Vitória formam um grau de relação com as pessoas que praticam a capoeira e com aqueles que assistem a ação, ao ponto de manifestarem o desejo de começar a jogar capoeira (LIRA, 2017). A quarta pergunta foi mais propositiva, buscando saber se existem outras intencionalidades no processo de apropriação do espaço para a realização de alguma atividade.

Sim, existe! Posso falar explicando com o aulão da amizade, evento que acontece anualmente reunindo diversos capoeirista da Grande vitória. A concepção que levei para o aulão deste ano foi à concepção da formação de uma consciência social, política e história; então levei a partir da apreciação da estética, a estética não numa redução apenas do belo artístico dos movimentos da capoeira, mas do poder de organização que a capoeira pode ter no espaço [...], também realizamos muitas rodas nos mais diversos espaços da cidade, em praças, na praia, o grupo tem essa dinâmica, às vezes acontece várias rodas, sempre com a mesma intencionalidade de levar a

---

<sup>21</sup> É válido destacar que estes territórios apropriados pela capoeira são considerados dentro desta pesquisa como espaços efêmeros devido a dinâmica da capoeira de ocupar vários lugares pela cidade.

cultura afro-brasileira e potencializar a cidadania (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Sim. Aqui o foco além da roda era trabalhar em prol da saúde e da cidadania. E a saúde, visando não só a saúde física, mas a saúde intelectual; a capoeira te faz pensar, te refletir, a saúde familiar, aqui nós temos pai, mãe e filho fazendo capoeira [...] olhando a saúde numa visão ampliada a gente tem que ver tudo isso, não só a parte física, mas vendo a parte social, intelectual, familiar, profissional, financeiro e a capoeira promove muito isso e esse era o foco aqui. (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018).

Sim, existe a preocupação de ensinar história da capoeira, a história do Brasil, e tentar passar para o aluno o caráter necessário para ser uma boa pessoa na sociedade. Para ser um cidadão de bem, seja no estudo, seja no trabalho. Para que ele possa estar inserido na sociedade como cidadão de bem (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 20/06/2018).

Então, a visibilidade da capoeira por si só já leva a uma quebra de preconceitos ainda existentes, então a gente ainda sofre preconceito; eu tenho experiências que eu passei de preconceito de capoeira enquanto atividade de matriz africana então eu tive problemas com isso, de tensionamento de discriminação, então no momento em que você coloca a prática em evidência em um espaço coletivo, você está contribuindo para mostrar o que é isso, afirmar aquela cultura, afirmar um ponto ali de que aquilo é importante, que é bacana, é difícil encontrar uma pessoa que não se emociona com uma roda de capoeira, então a quebra de preconceito, fortalecer o espaço da capoeira enquanto cultura já é uma das intenções, a prática de uma cultura popular em um espaço aberto é muito importante para alcançar a população. Então assim... Eu acho que os guardiões da cultura têm que ir onde o povo está fazer a roda pública é muito importante, embora as rodas fechadas para o grupo tiverem seus momentos também são importantes, os dois momentos são importantes (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

As respostas indicam e possibilitam reflexão a respeito da multidimensionalidade que existe na capoeira, como uma prática que pode ser benéfica dentro de um território. Afinal, muitas intencionalidades podem existir, a partir de um evento ou uma ação de determinado grupo. Algo em comum em todas as falas é a intencionalidade que leva o sujeito praticante a ampliação da cidadania.

Em relação à capoeira como instrumento, ou seja, ferramenta para a formação cidadã, Silva e Heine (2008), dizem que:

Ao longo dos séculos, a capoeira sobreviveu e passou por diversas fases de transformação, até chegar à atualidade. Hoje, ela está inserida em um contexto obviamente muito diferente dos passados tempos de escravidão do período colonial. Aqueles que ainda acreditam no valor desta precisa manifestação cultural, legada a todos nós, trabalham arduamente em prol do resgate dos princípios fundamentais que norteiam a capoeira, quando está

apenas começava a mostrar por que e para que vinha ao mundo (SILVA & HEINE, 2008, p.10).

Todavia, Almeida (2008, p.69), ao associar a capoeira ao conceito de cidadania, alerta que “a cidadania não se limita ao domínio ou aprendizado das técnicas corporais da capoeira”; é algo muito mais amplo, que os mestres entrevistados buscam transmitir em seus grupos através de conjuntos de valores, atos e atitudes vivenciados no dia a dia.

Outras intencionalidades destacadas pelas narrativas do Mestre Nagô e Contramestra Ananda, respectivamente, são as que envolvem a preocupação em ensinar a história da capoeira atrelada à história do Brasil, e a luta pelo preconceito, posicionando a capoeira como uma manifestação de matriz africana.

Por meio dessas intencionalidades, a apropriação do território por estes grupos permite a aproximação de seus praticantes e de seus espectadores com a cultura afro-brasileira, possibilitando realizar um trabalho de identidade, ajudando a resgatar a cultura e compreender a formação social e cidadã existente.

A capoeira é uma arte com histórico de lutas pela emancipação negra, o que a legitima como uma manifestação cultural libertária por excelência. Enquanto prática educativa, social e cultural é nítida sua relevância quando observada a abrangência nacional que alcança, a inserção em todos os níveis sociais e sua adoção pelas instituições educativas (BREDA, acesso em 16 de setembro de 2018).

Atrelando as intencionalidades destacadas pelos entrevistados, com a citação acima, podemos salientar, que a capoeira para muitos dos seus praticantes é a primeira, ou até mesmo a única fonte de contato com a história do negro, apresentada de forma que engrandece e valoriza o papel do negro diante da sociedade durante o processo histórico. Sendo assim, tais intencionalidades cumprem um papel de suma importância dentro de um viés de consolidação da identidade cultural, tema este que será debatido no ponto a seguir.

#### 4.4 Identidade cultural, uma construção social

##### **Identidade cultural essa é minha bandeira**

Identidade cultural essa é a minha bandeira  
eu carrego ela no peito com amor ao grupo  
e a capoeira.

A vida do capoeira não é fácil você deve  
saber, mas com luta e com persistência eu  
sei que treinando você vai vencer.

Identidade cultural essa é a minha bandeira  
eu carrego ela no peito com amor ao grupo  
e a capoeira.

Na capoeira é assim um dia tá lá outro cá,  
na mandinga e malícia do jogo o capoeira  
não pode é parar.

Identidade cultural essa é a minha bandeira  
eu carrego ela no peito com amor ao grupo  
e a capoeira.

A rasteira sempre vem para tentar me  
derrubar mantenho minha disciplina e com  
persistência um dia eu chego lá.

**Autores: Vanessa Oliveira e Gabriel Miranda**

A letra da música “Identidade cultural essa é minha bandeira”, composta pelos monitores de capoeira, Vanessa Oliveira e Gabriel Miranda, contribui para o debate posto ao trazer a importância da identidade cultural na formação e concepção do capoeirista, na frase: “a vida da capoeira não é fácil”, nos remete a origem e trajetória dessa manifestação que desde outrora luta por reconhecimento e valorização.

Diante das situações adversas impostas ao capoeirista, a identidade cultural, torna-se elemento de fortalecimento, resistência e persistência, uma vez que “a capoeira integra a cultura nacional não apenas como uma forma de representação, mas também como discurso de liberdade e luta por valores com os quais nos identificamos como nação e nos afirmamos como agentes da cultura afro-brasileira” (CABRAL, 2010, p.8).

É válido destacar que o debate em torno do conceito de identidade é um tanto complicado, uma vez que é um conceito tradicionalmente trabalhado nas Ciências Sociais, tendo uma discussão complexa, mesmo neste campo do conhecimento.

Castro (2014, p.73) alerta que o conceito de identidade é “considerado escorregadio, complexo, fugidio”. Deste modo, ao trazer tal abordagem para esta dissertação, não se pretende sanar lacunas apresentando respostas prontas sobre o conceito, que dentro do meio acadêmico é vista como tão complexa. O objetivo não é definir identidade, tampouco identidade cultural; busca-se estabelecer reflexões sobre a relação entre capoeira e a questão identitária, sobre o viés de análise das narrativas dos mestres e professores entrevistados.

Afinal, desde o final do século XIX, a capoeira é um fenômeno cultural que tem se manifestado por quase todo o território brasileiro. Tornou-se um fenômeno inusitado de representação da identidade nacional às avessas. Ou seja, carrega em si o paradoxo de ser uma arte marginalizada pelos diversos projetos nacionais e ao mesmo tempo um instrumento incomparável de divulgação da história e da cultura brasileira pelo resto do mundo. Além disso, antes mesmo de qualquer debate político ou acadêmico sobre o assunto, a capoeira já era, em sua vivência e ensino, um meio excepcional de ação afirmativa da identidade brasileira, em especial aquela produzida pela experiência do negro no Brasil (OLIVEIRA & LEAL, 2009, p.55).

Fazendo uso do pensamento de Haesbaert, (1999, p.6), geógrafo que nos ajuda muito a pensar a problemática que envolve a questão de identidade, uma vez que em sua visão de análise “não é propriamente o espaço que forma uma identidade, mas a força política e cultural dos grupos sociais que nele se reproduzem e sua capacidade de produzir uma determinada escala de identidade, territorialmente mediada”.

Com base na opinião do autor citado, partimos da ideia que a construção da identidade é simbólica e social, sendo que, a identidade tem sua existência atrelada à concepção de espaço produzido, que, dentro da perspectiva deste trabalho podemos associar ao espaço vivido (HAESBAERT, 1999).

No intuito de estabelecer tal reflexão, foi questionado se o grupo de capoeira contribui para a consolidação da identidade cultural daqueles que participam e como acontecia essa consolidação. As respostas foram as seguintes:

Contribui muito... para isso vamos voltar lá no passado. Antigamente o capoeirista dentro do contexto da cultura, a pessoa de olhar e falar aquele cara é capoeirista, ou seja, ele era visto como maloqueiro, bandido, marginal, ele era radicalizado, até meados da década de 90; a capoeira era muito marginalizada. Depois das práticas junto com a Educação Física, a capoeira começou a ser mais valorizada. Então hoje a pessoas na maioria das vezes vê o capoeirista com bons olhos; eu falo por minha vivência. Eu cheguei em 2010 aqui no estado, eu já trabalhei em várias escolas particulares [...] quando eu ando na rua, a sociedade me vê com meu abadá de capoeira, hoje não me olham com mais olhos de preconceito (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Eu creio que sim. Nós temos uma preocupação de estar passando todas as informações necessárias não só da capoeira, mas da história do Brasil por que uma anda de mãos dadas com a outra. Então eu acho que nós conseguimos contribuir e principalmente na formação do cidadão. Sempre procurando uma boa formação para o cidadão (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 20/06/2018).

As respostas acima nos levam à associação da identidade cultural vivenciada através da formação de identidade nacional brasileira. Segundo Oliveira; Leal (2009), durante o século XIX, a concepção de identidade nacional era transmitida por meio de projetos racialistas e racistas que, dentre as ações a serem implementadas, buscavam políticas de

embranquecimento da população brasileira<sup>22</sup>. Para esse feito, foram tomadas algumas ações: campanhas em favor da migração europeia para o país e a violenta repressão às práticas culturais de matriz africana em favor de modelos culturais europeus.

As falas “vamos voltar lá no passado” e “Nós temos uma preocupação de estar passando todas as informações necessárias não só da capoeira, mas da história do Brasil por que uma, anda de mãos dadas com a outra” possibilitam retomar a trajetória da capoeira frente à luta e resistência que se enquadra justamente nas repressões sofridas por ser considerada uma prática de matriz africana.

Na análise da narrativa, “até meados da década de 90, a capoeira era muito marginalizada”, sendo fruto de um processo histórico, a saber, entre o século XIX e início do século XX, a capoeira sempre esteve associada à criminalidade. “Poucas vezes ela foi compreendida como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira” (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 48).

Diante do que foi apresentado, podemos concluir que as expressões *maloqueiro*, *bandido* e *marginal* ainda sejam herança de uma visão racista e preconceituosa que perdurou durante muito tempo na sociedade.

Entretanto, a transição e o reconhecimento aconteceram e a capoeira tanto em Vitória quanto em todo o Brasil vivencia um reconhecimento que foi fruto de muito trabalho por toda a comunidade capoeirista “quando eu ando na rua, a sociedade me ver com meu abadá de capoeira, hoje não me olham com mais olhos de preconceito”.

Fica claro, portanto, que a formação e consolidação da identidade cultural é fruto do processo histórico, em que o presente e o passado se condicionam mutuamente (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009). Tal fato se torna, ainda mais, importante ao fundamentarmos as respostas acima, a partir de Claval (2001):

A identidade é construída a partir da interiorização de uma tradição, são afinidades que são estabelecidas transmitindo às pessoas que as vivenciam o sentimento de pertencer a determinados grupos sociais. A identidade pode basear-se na “ideia de uma descendência comum, de uma história assumida

---

<sup>22</sup> Autores como Nina Rodrigues (1982), Silvio Romero (1954), dentre outros equiparam este processo a eugenia, onde é realizada a seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias (embranquecimento) com o objetivo de melhorar as gerações futuras.



em conjunto ou de um espaço com o qual o grupo assume elos” [...]. (CLAVAL, 2001, p. 179).

Sendo assim, o fato dos mestres compartilharem a história da capoeira atrelada a história do Brasil, auxilia na interiorização da tradição e ancestralidade, que pode culminar na criação de afinidade com quem está ouvindo, podendo consolidar a identidade cultural. Ao usar o termo “podendo”, entendemos que a formação e consolidação da identidade cultural é uma ação individual, em que cada sujeito vivencia e experimenta de uma maneira diferente em um determinado período. Outra resposta extraída das narrativas dos mestres foi a seguinte:

Eu acredito que forma, pois procuramos fazer uma apresentação de capoeira a partir do fenômeno da análise síntese, é apresentado o ritmo do berimbau, o berimbau com toda a sua bateria, depois com a música com vários ritmos, depois o movimento feito isolado, o movimento de dois a dois, a canto; até chegar à roda que é símbolo maior, isso constrói através do grupo, da música o movimento da capoeira, e dentro das lutas. Uma das formas de apropriação é pela apreciação estética e a identidade ela se cria inicialmente pelos órgãos do sentido, pela observação, pela audição, pela visão você vai criando uma apreciação identitária, só que tem um problema, a identidade pode ser uma identidade de resistência uma identidade de projeto ou uma identidade legitimadora, que são identidades completamente diferentes, então depende como a pessoa recebe isso a partir da sua formação que você já tem, mas eu acredito que constrói uma identidade e o grupo tem essa proposta (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Ao utilizar como ferramenta o fenômeno da análise síntese, o Mestre Fábio possibilita que os alunos vivenciem a capoeira em sua totalidade, acompanhando passo a passo todo o processo que envolve a multidimensionalidade expressada através da capoeira, sendo que, esta análise terá como desembocadura a roda de capoeira, símbolo maior de representatividade dessa manifestação.

A roda existe a dezenas de anos na trajetória da capoeira, trata-se do ritual sagrado capaz de expressar sinteticamente parte do universo da capoeira. Desta forma, a roda seria o lugar ideal onde a identidade cultural dos praticantes pode vir a emergir, isso levando em consideração que:

Pensar a roda é pensar o ritual, o ciclo, princípio, meio e fim, território do devir corporificado na forma circular, lugar gerador de sentidos, abrigo de universos simbólicos repleto de significados. A roda de capoeira é movimento incessante, eterno recomeço forma viva que guarda a ancestralidade de memórias simbólicas de culturas diversas (GUIMARÃES, 2013, p.171).

Ao dizer que “uma das formas de apropriação é pela apreciação estética e a identidade ela se cria inicialmente pelos órgãos do sentido, pela observação, pela audição, pela visão você vai criando uma apreciação identitária” dentro do universo compreendeu que a capoeira que o lugar que converge de forma mais específica para a criação dessa apreciação identitária seria justamente a roda de capoeira, uma vez que:

A partir da formação corpórea do círculo, todas as relações de pertencimento se fazem presentes, todos os olhares são vistos, todos os movimentos são vividos, numa dinâmica coletiva harmonizada pelo ritmo do berimbau e pelo canto uníssono do coro que responde às cantigas (GUIMARÃES, 2013, p. 173).

Em relação às formas de identidades manifestadas entendemos que, como já mencionado, manifestam-se de maneira individual em cada sujeito, sendo que, “determinadas identidades [...] manifestam-se em função das condições espaço – temporais em que o grupo está inserido” (HAESBAERT, 1999, p.175). A resposta a seguir possibilita uma reflexão envolvendo a consolidação da identidade cultural por meio de um aspecto diretamente ligado à capoeira.

A capoeira tem uma essência de brasilidade tão grande. A capoeira traz em si, nas cantigas, nos gestos motores, em tudo. Na história do Brasil e da história da nossa ancestralidade, de quem passou antes da gente. A gente traz junto com a gente isso num movimento de capoeira, num gesto, num olhar, na música. No que a música fala, não só no ritmo, mas no que as letras contam. Então a pessoa passa a conhecer um pouco mais do Brasil, do Espírito Santo, de Vitória, de cultura de outros estados também através da capoeira. Uma fonte riquíssima de cultura, principalmente cultura afro-brasileira, mas também indígena, por que não? Tantas palavras na capoeira são indígenas, a própria palavra capoeira tem também significado indígena. Então, eu acho que tem a brasilidade total aí, a pessoa entra na capoeira, se ela pensava em outros países em morar na Europa, como teve um aluno que falou outro dia que pensava em ir embora daqui, morar em outro país; quando conheceu a capoeira passou amar o país e não quis mais sair daqui de Vitória (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018).

O comentário feito por Mestre Sapeba enfatiza outra ferramenta fundamental da capoeira, que contribui para afirmação da identidade cultural: as músicas na capoeira.

Diversas cantigas, ladainhas, chulas e corridos<sup>23</sup> são de domínio público; outras são de autoria própria dos integrantes do grupo que buscam nas letras exaltar seu grupo, a história do seu mestre e, a cultura local.

Acreditamos que essas letras, podem reforçar a consolidação da identidade cultural, pois é possível perceber de forma evidente o objetivo de educar e preservar na memória os fatos históricos e culturais, como pode ser exemplificado nas letras das músicas a seguir:

### **Torta Capixaba**

Pra torta Capixaba pegar o tempero  
 Coro: É na Panela de Barro  
 E a moqueca sair com um gosto maneiro  
 Coro: É na Panela de Barro  
 E o siri desfiado vem lá de São Pedro  
 Coro: É na Panela de Barro  
 Camarão, la merão e Pirão tá no meio  
 Coro: É na Panela de Barro  
 O artesanato é de fino trato  
 Barro especial pra preparar  
 Manusear com mãos de fada  
 Sem muita pressa pra moldar

Depois de pronto a salpicar  
 Com água do mangue vermelho  
 Levar ao fogo ao ar livre  
 Eu pergunto a você, me responda ligeiro  
 Pimenta, cebola, coentro e salseiro...  
 Coro: É na Panela de Barro  
 E a moqueca sair com um gosto maneiro  
 Coro: É na Panela de Barro  
 E o siri desfiado vem lá de São Pedro  
 Coro: É na Panela de Barro  
 Camarão, lamerão e Pirão tá no meio  
 Coro: É na Panela de Barro

**Mestre Joerlis**

### **Navio Negreiro**

Navio negreiro  
 Tumba flutuante  
 Terra mãe distante  
 Dor e desespero  
 Coro: navio negreiro  
 Segue a nau errante  
 Singrando saudades

África distante  
 Ouça meus cantares  
 Coro: navio negreiro  
 Mãe que perde o filho  
 Rei perde rainha  
 Povo perde o brio  
 Enquanto definha  
 Coro: navio negreiro

**Mestre Toni Vargas**

---

<sup>23</sup> Corrido: como o próprio nome já sugere, o corrido é uma cantiga que "acelera" o ritmo e que se caracteriza pela junção do verso do cantador com as frases do refrão repetido pelo coro total ou parcialmente, dependendo do tempo que o cantador dá entre os versos que canta.

Ladainha: É um ritmo lento, sofrido, dolente. O conteúdo de uma ladainha corresponde a uma oração longa e desdobrada pelo cantador em versos entremeados pelo refrão repetido pelo coro. As ladainhas, são cantadas antes do jogo.

Chula: é uma cantiga curta, normalmente feita de improviso que faz apresentação ou identificação. É entoada pelo cantador para fazer a abertura de sua composição. Normalmente faz uma louvação aos seus mestres às suas origens, pode ainda fazer cultos a fatos históricos, lendas ou algo que diga respeito à roda de capoeira.

Em geral, por meio das cantigas de capoeira, a consolidação da identidade pode ser construída e fundamentada nas homenagens aos grandes mestres, bem como na história dos heróis da cultura negra, ou até mesmo ao relacionar acontecimentos marcantes da cidade, do estado ou país. Então, a pessoa passa a conhecer um pouco mais do Brasil, do Espírito Santo, de Vitória, de cultura de outros estados também através da capoeira.

É importante destacar, que o ato de possibilitar meios que o outro se aproprie de sua cultura, conheça a história de sua cidade, de seu estado, de seu país, além de reforçar o caráter identitário, também permite que este crie acesso a uma cidadania plena.

#### 4.5 Tanto na vida como na roda, é preciso gingar sempre

##### **Moleque do morro**

Moleques do Morro do Boréu  
Santa Marta, Pavão, cais da Bahia  
Nunca que frequentaram academia  
Já nasceram jogando Capoeira  
Aprenderam a gingar na ladeira  
Atravessando a rua, a esquiva  
E fugindo da vida, a negativa  
O martelo cruzado e a rasteira  
O macaco por pura brincadeira  
E o aú nem se fala, que é bobagem  
Já cresceram vivendo a malandragem  
Se não fossem malandros, nem cresciam

E o toque do Berimbau que ouviam  
Era dentro do peito que tocava  
Era a voz de Zumbi que então gritava  
“Corre livre, moleque  
Não se entregue”  
Que filho de Zumbi já nasce livre  
Ele luta com força e valentia  
Até que se possa dizer, um dia  
Somos livres, irmãos de toda raça  
Berimbau vai tocar em plena praça  
E o povo vai jogar a noite inteira  
Capoeira Meu povo!

**Mestre Toni Vargas**

A ideia de iniciar este tópico com a letra da música “Menino do Morro” é mostrar a realidade de tantos capoeiristas que não têm seus direitos garantidos, como diz a letra “já cresceram vivendo a malandragem, se não fossem malandros nem viviam”. Podemos evidenciar nestas palavras a materialização daqueles que caracterizam o não-cidadão. De acordo com, Santos (1993 p. 19), “é extensa a tipologia das formas de vida não-cidadãs, desde a retirada, direta ou indireta, dos direitos civis à maioria da população, ao abandono de cada um à sua própria sorte”.

Os não-cidadãos, de forma geral, correspondem a uma parcela da sociedade que a todo momento tem seus direitos negados, no Brasil parte dessa população seria composta por povos negros e periféricos, que historicamente também são representados por diversos

capoeiristas, uma vez que genuinamente a capoeira é uma prática ligada e vivenciada pelos negros e negras.

Nessa reflexão, retomamos a problematização de Santos (1993): quantos habitantes, no Brasil, são cidadãos? Quantos nem sequer sabem que são? A partir disso e envolvendo o debate sobre cidadania e a sua ausência, Freire (2006, p. 17), destaca que:

Precisamos enfatizar, antes de tudo, que a busca pelo direito de cidadania, pelo direito à cidade, precede uma intensa luta pela melhoria nas condições da vida cotidiana, a existência digna, o que significa, dentre outros movimentos relevantes, a luta contra um cotidiano massacrante e alienante a favor da humanização do homem. Daí podermos pensar, sim uma cidadania e uma democracia verdadeiras.

A ideia de cidadania caminha junto com a concepção de conjunto de direitos político e civis, em outras palavras, “entendemos que a cidadania, de fato, passa pela concreta participação e o envolvimento integral do indivíduo no lugar em que ele vive, seja na escala micro ou macro: o bairro ou a grande cidade” (FREIRE, 2006, p. 19). Contudo, no Brasil a realidade é bem diferente. Vivemos em um mundo onde as desigualdades sociais imperam e, as oportunidades não chegam para todos. Diante desta realidade podemos nos perguntar: o que a capoeira tem a ver com isso?

Silva; Heine (2008, p. 29) nos ajuda a responder:

A capoeira sempre foi e será símbolo de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e com direitos reais e iguais para todos. Com a capoeira, os escravizados lutaram pelo direito a vida e não se acomodaram nem aceitaram a escravidão. Acreditaram no sonho de liberdade, arregaçaram as mangas, criaram estratégias e batalharam por uma vida mais digna. Assim, a capoeira pode dar às pessoas um sentido de dignidade para a vida, esperança e força para lutar e construir um futuro melhor para todos (SILVA; HEINE, 2008, p.29).

É preciso deixar claro, que a intenção ao trazer a citação acima não é romantizar a capoeira, mas mostrar que, desde a sua origem, a forma como ela foi vivenciada durante o período da escravidão, já era possível perceber características do que hoje consideramos ser a busca pela cidadania.

Sendo assim, ressaltamos que na atualidade o simples fato de estudar e de certa forma trazer essa reflexão para o debate já simboliza uma atitude cidadã. Dessa forma, a principal intencionalidade desse debate é pensar a capoeira como lugar de cidadania.

A história de vida do professor Paulista é singular ao mostrar a superação que a vivência no mundo da capoeira possibilitou:

Desde quando eu conheci a capoeira, eu comecei com 9 anos de idade, com 10 anos eu fui morar nas ruas, morei 8 anos nas ruas e graças a capoeira assim, se não fosse a capoeira na minha vida eu não sei o que eu seria hoje. Mesmo morando na rua eu sempre pratiquei capoeira então a capoeira me instruiu muito (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Através da narrativa acima, fica evidente a proposta de formação cidadã proporcionada pela capoeira, ainda, em sua infância, por questões que não cabem ser mencionadas neste momento, foi vivenciada a falta de direitos ao ponto de vir morar nas ruas. Todavia, a aproximação com a prática cultural - a capoeira - levou-o a trilhar outro caminho:

Olha a minha história de vida, eu morei tantos anos na rua, de mais de 30 crianças que morava comigo na Praça da Sé, só 3 vingaram, e os três hoje se tornaram cidadãos de bem, no meu caso foi graças aos bons exemplos que recebi dos meus mestres de capoeira (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Dentro da capoeira, os mestres exercem uma figura singular, atrelando ao seu papel a responsabilidade de direcionar por meio de seus atos e atitudes a vida daqueles que os tomam como exemplo. Nesse sentido, o entrevistado acima pode experimentar outras possibilidades em sua vida.

Gomes (2002) argumenta que uma formação cidadã deve estar em conformidade com a interpretação do espaço através dos múltiplos fatores intencionados que o condicionam. Sendo assim, os bons exemplos recebidos foram os condicionamentos necessários para a sua formação como cidadão, e isso é tão significativo que em sua prática, nos dias atuais, o fator exemplo pode ser percebido como metodologia na busca da formação da cidadania de seus alunos.

Eu acredito que dentro da capoeira a formação da cidadania passa muito pelo exemplo dos mestres e professores para com seus alunos. Eu acredito que a partir do momento que você tem uma conduta legal, mesmo a criança sendo de um território conflituoso de vulnerabilidade, a pessoa olha para você e diz que quer seguir seus passos, nós acabamos sendo espelhos para os alunos (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Diante do relato, podemos associar o conceito de cidadania vivenciada pelo professor Paulista àquele que DaMata (2000) vai propor, em que a cidadania é um pacto social

estabelecido simultaneamente como relação de pertencimento a um grupo, ou seja, o fato de pertencer ao grupo de capoeira foi fator decisivo para a construção dos ideários de cidadão vivenciado na sua trajetória de vida, sendo que hoje, professor Paulista, acredita que a capoeira possibilitou mudanças e mostrou caminhos que fizeram total diferença em seu percurso: “tudo que eu tenho hoje a capoeira me deu” (PROFESSOR PAULISTA – Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

A capoeira como elemento de transformação social evidenciada na fala do Mestre Nagô “como disse o mestre Pastinha, a capoeira é tudo aquilo que a boca come. Então, ela traz tudo de bom para quem a pratica e quem a entende. Ela traz tudo que nós precisamos. Dentro do estudo, dentro da prática como defesa pessoal e dentro da musicalidade” (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

Fica evidente por meio das falas analisadas, que com a capoeira é possível fomentar a ampliação da cidadania e, até mesmo, a construção desta, uma vez que por meio da vivência no grupo tem-se a chance de conhecer deveres e direitos, conviver com seus semelhantes e acreditar nas suas potencialidades.

Neste aspecto os grupos da cidade de Vitória - ES têm feito um trabalho direcionado para a prática cidadã, em que os resultados podem ser comprovados através das falas levantadas durante o trabalho de campo.

Para mim, participar da capoeira foi muito importante, pois tenho vários amigos que hoje estão no tráfico, e eu só não estou por que através da capoeira percebi que não é legal (Diário de campo do dia 03/09/2018 – PEDRO 15 anos).

Se não estivesse praticando capoeira, hoje poderia estar na rua, fazendo sei lá o que (Diário de campo do dia 01/08/2018 – JOÃO, 18 anos).

Na atualidade, em que as desigualdades em nosso país são grandes, os grupos de capoeira exercem um papel fundamental dentro da perspectiva da formação cidadã. Além disso, levando em consideração, que mesmo aqueles grupos localizados em bairros mais elitizados há uma responsabilidade social em manter a função da capoeira como veículo de afirmação da identidade e de possibilidade de ampliação da cidadania.

O núcleo da Pedra da Cebola tem a função de organizar o grupo como um todo, aqui 80 a 90% do grupo é universitário. Nosso objetivo é espalhar a semente do trabalho que já realizamos mantendo a tradição e nos outros núcleos sociais como nós chamamos que são em comunidades que a capoeira atende que nós achamos que a capoeira tem que chegar lá, então como é que funciona isso, esse grupo dos adultos que tem a possibilidade de

escrever editais. Num edital que escrevemos para a Pedra da Cebola, a gente vai colocar o uniforme para o núcleo das crianças, é como se fossem os meus soldados e a gente sai para atuar nos núcleos sociais e esses trabalho de crianças e adolescentes vão trazer todas as formas de contribuições que a capoeira vai proporcionar, que é essa mistura de elementos multidimensional que abre esse campo de ação que uma escola de sabedoria de autoconhecimento, conhecimento humano em geral, a preservação da ancestralidade valorizando e resgatando a história afro-brasileira o legado cultural e trabalhando junto com isso outros elementos como companheirismo, respeito, ética, dentre outros valores. Eu acho que existe uma valorização da auto-estima muito grande de todos os praticantes de todos os núcleos, os relatos que chegam é que eles falam que o grupo me deu força, o grupo me encorajou a seguir em frente, a capoeira fortalece por si só (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

Quando se fala em Capoeira, as palavras inclusão e cidadania devem vir sempre atreladas, pois, engloba os vários elementos mencionados na fala da contramestra: autoconhecimento, preservação, companheirismo, respeito, ética. Tais itens são parte integrante que deveriam compor o cotidiano de todo e qualquer indivíduo. Todavia, sabemos que diante da atual realidade, uma parcela da população não é reconhecida de fato como cidadã, cujos elementos não acontecem em uma proporção ideal de igualdade, sendo a capoeira, principalmente, nos bairros periféricos, a responsável por mitigar tais efeitos.

Falar em cidadania é falar do processo educativo e as ações dos grupos pesquisados têm uma preocupação através de suas atitudes em potencializar e incentivar a ampliação da cidadania por meio do incentivo aos estudos.

A capoeira tem sido uma ferramenta de transformação e a comunidade aceitou super bem [...], a garotada antes da chegada do projeto não gostava de estudar então montei um projeto específico “Capoeira e o caderno”, onde para participar da capoeira os integrantes precisam melhorar o rendimento escolar, e isso eu fui acompanhando, e desta forma tenho certeza que exercer uma prática voltada para a cidadania (PROFESSOR PAULISTA - Transcrição de entrevista realizada em 05/06/2018).

Nós temos que ter a educação para as nossas crianças. Que elas estejam na escola. Ter uma boa formação educativa, para que elas possam ser inseridas na sociedade com muita responsabilidade com muito cuidado. Dependendo da situação, buscar saber se essa criança está com algum problema dentro da escola, na sociedade ou dentro de casa. Para que essa criança seja formada como uma boa cidadã. Por que a criança de hoje seja futuro de amanhã. E se não formar uma criança com boa educação, eu não vou ter uma boa cidadã (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

Dentro da questão que abarca a cidadania e a educação, além do incentivo aos estudos, a questão disciplinar é um ponto que pode ser percebido na fala dos entrevistados.



Nós trabalhamos muito a disciplina. Não é por que nós praticamos uma luta, uma arte marcial, que tem musicalidade e movimento, que deixamos de praticar disciplina. Então nós exigimos isso, disciplina e respeito com os seus colegas. Mostramos isso aos alunos, independente de qual idade for que ele precisa respeitar seu próximo (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

No decorrer desta pesquisa, foi mostrado que a capoeira possibilita a formação da cidadania, isso levando em consideração, que é uma cultura muito rica e que diante dos espaços apropriados para sua prática existe uma intencionalidade muito clara, no que diz respeito a essa proposta os entrevistados verbalizaram:

Às vezes, acontecem várias rodas, sempre com a mesma intencionalidade de levar a cultura afro-brasileira e potencializar a cidadania (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

O grupo, como forma de estimular a cultura e potencializar a cidadania aqui na região do Centro de Vitória, realiza todo mês uma roda que reúne todos os polos na Vila Rubim, resgatando assim a capoeira do Estado, se tornando um polo turístico e de valorização e também de resgate da cidadania (MESTRE NAGÔ - Transcrição de entrevista realizada em 06/06/2018).

Araújo (2010) faz uma reflexão associando o termo “ginga<sup>24</sup>” à capacidade que a população tem de gingar, referindo-se ao jogo de cintura frente aos conflitos e desigualdades impostos pelo sistema que vivemos. Nessa “ginga da vida”, os grupos entrevistados agem de forma a possibilitar meios para que aqueles que os participantes vivenciem situações que futuramente favoreçam as práticas cidadãs.

Existem alguns projetos onde orientamos a importância de ter todos os documentos pessoais começando pela carteira de identidade, orientamos a estudar, a se colocar no mercado de trabalho, são elementos pontuais por isso que falo que é uma cidadania limitada. Outro ponto é a relação com meio ambiente, o lixo, outra é o cuidado com a saúde, então trabalhamos o banho, a higienização a boa alimentação, mas às vezes a criança não tem o alimento em casa por isso que falo que é limitada. Não adianta falar que tem de chegar a casa e se alimentar se o cara não tem condições de comprar. Por isso que ela é limitada, trabalhamos também nas reconfigurações familiares. Trabalhamos nesses tipos de formação do cidadão para que ao menos possa balizar e tomar uma atitude e também orientando a formação (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

---

<sup>24</sup> É o principal movimento da capoeira, o primeiro que um aluno aprende, dentro ou fora da roda. Consiste num bailado invertido, quando a mão direita está à frente, o pé esquerdo se encontra atrás do corpo e vice-versa. É a partir da ginga que surgem os deslocamentos e golpes (IPHAN, 2014, p.95).

Dentro da proposta desta pesquisa uma das questões emblemáticas, diz respeito, ao entendimento por parte dos entrevistados sobre o conceito de cidadania e como a capoeira atua em prol da construção cidadã.

Tal questionamento parte da perspectiva de que a capoeira é um caminho para esta construção, uma vez que levando em consideração toda a sua trajetória ela vem na contramão, sendo uma ferramenta de luta e principalmente uma prática cultural contra toda forma de desigualdade, trazendo através de sua multidimensionalidade toda condição que corrobora para a prática e vivência da igualdade.

Durante as observações, foi possível participar de rodas de conversas, com temas de suma importância que tocam diretamente os seus praticantes: extermínio da juventude negra, feminicídio da mulher negra, cotas, assistência social, atual cenário político e as formas de resistência, dentre outros.

Contribuindo para o debate que envolve o conceito de cidadania partimos do pressuposto de que “A cidadania ampla passa, inclusive, pela existência de tempo, não o tempo da produção, mas o tempo para a vida mais digna; para que o indivíduo possa usá-lo no seu cotidiano; tempo para apreender, tempo para criar, tempo para o vivido” (FREIRE, 2006, p.18). Em relação ao questionamento referente à cidadania, algumas das respostas foram as seguintes:

A primeira ideia que vem à cabeça é a ideia de direitos e deveres dos indivíduos em uma sociedade, então trazendo o conceito para a relação da capoeira porque são justamente essas questões que nós temos consciência da forma que é desigual em nosso país (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

A gente pode partir das questões de princípios, respeito ao próximo, lealdade, consciência da importância que tem a integridade física e moral do outro, respeito às leis, por que a capoeira tem regras, tem normas, disciplina, e a pessoa que na capoeira aprende a respeitar as normas ela lá fora tende a respeitar também. Na capoeira ela aprende a respeitar o próximo, a tendência dela lá fora também ser um cidadão mais compromissado com o outro [...] então acredito na formação de um cidadão através da capoeira por essas ferramentas que promovem educação, que promovem socialização, e acho que para uma pessoa ser realmente um cidadão de bem ela tem que além de se gostar, se conhecer, respeitar o próximo e a pessoa que não respeita o próximo na capoeira ela não fica. Ela não cabe (MESTRE SAPEBA - Transcrição de entrevista realizada em 02/08/2018).

Não existe cidadania neste país, cidadania existe de direita, na parte jurídica, no voto, então é uma cidadania incompleta. Eu posso falar que tentamos levar a cidadania, mais ela chega incompleta, não é uma cidadania plena, eu

não posso falar que na capoeira e no grupo trabalhamos a cidadania plena. O que seria uma cidadania plena... Ter o poder de decidir acima do estado e nós não temos isso, a capoeira não tem esse poder, nós trabalhamos a cidadania no sentido de encaminhar, mostrar o caminho, criar proximidade com a cultura. Para mim a cidadania seria você ter poder de decisão sobre o seu destino com qualidade de vida e com consciência. A capoeira trabalha sim com cidadania mais de forma limitada, apontando, guiando, balizando a criança, o jovem o adulto onde ele pode ir de uma forma segura, diante das drogas das armas, do comércio do corpo. Nós trabalhamos uma cidadania muito limitada. A capoeira possibilita uma cidadania autonomia cuidadora, pois de poder de decisório a capoeira não tem espaço para isso, a capoeira em sua trajetória exerce de certa forma uma cidadania de resistência (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

Gomes (2002) indica que o conceito de cidadania é uma ideia muito valorizada. Todavia, na atualidade, acaba sendo impreciso em suas significações. Na concepção do autor, a cidadania atua como uma representação dos indivíduos dentro do Estado Nacional, contudo, este se coloca como um fenômeno muito mais complexo que incide no quadro da dinâmica territorial cotidiana da sociedade.

Diante das opiniões levantadas, podemos dialogar com alguns autores que se aproxima das ideias e significações abordadas por nossos mestres. A primeira e segunda narrativa nos permite dialogar com, Da Mata (2000), uma vez que este autor trabalha com a questão de princípios de universalidade na formação e concepção da cidadania.

A terceira narrativa abre espaço para dialogar de forma direcionada com a concepção de Santos (1993, p.43): “o espaço vivido consagra desigualdades e injustiças e termina por ser, em sua maior parte, um espaço sem cidadãos”. Condescendendo a ideia de Santos, o Mestre Fábio afirma que “não existe cidadania neste país”, em que podemos interpretar, na verdade, seriam os não cidadãos, uma vez que através do relato, evidenciamos a falta de garantia de direitos.

Dentro desta lógica de interpretação, Santos (1993, p.13) vai dizer:

Em nenhum outro país foram assim contemporâneos e concomitantes processos como a desruralização, as migrações brutais desenraizadoras, a urbanização galopante e concentrada, a expansão do consumo de massa, o crescimento econômico delirante, a concentração da mídia escrita, falada e televisionada, a degradação das escolas, a instalação de um regime repressivo com a supressão dos direitos elementares dos indivíduos, a substituição rápida e brutal, o triunfo, ainda que superficial, de uma filosofia de vida que privilegia os meios materiais e se despreocupa com aspectos finalistas da existência e entroniza o egoísmo como lei superior, porque é instrumento da buscada ascensão social (SANTOS, 1993, p.13).

O Mestre Fábio é categórico ao evidenciar em seu grupo algo que conduz à cidadania através do comportamento, atos e atitudes dos seus alunos “o comportamento social dentro do ritual da capoeira, paciência, escuta e esperar seu momento de jogo, e também na construção do evento, pois todo mundo se envolve”. Outro ponto destacado, na visão deste mestre seria a simbologia maior da representação da cidadania dentro do contexto que seu grupo está inserido.

Através da nova corda, que acaba construindo uma cidadania, o alcance do objetivo naquele espaço, não uma cidadania de Estado maior, naquele momento sim, existe um momento de valorização do cidadão diante do contexto cultural que é a capoeira, há uma identidade, há um reconhecimento, há um vínculo. A materialização é quando ele sai do evento e volta para casa circulando com a roupa na comunidade e as pessoas envolvidas com comportamentos inadequados (traficantes, assaltantes) respeitam aquelas crianças e por vezes até protege, neste momento, fica evidente a cidadania de resistência que sabe que existe a pessoa mais respeita (MESTRE FÁBIO - Transcrição de entrevista realizada em 07/07/2018).

A questão territorial é fundamental para pensar a lógica da cidadania na visão de Gomes (2002, p. 134): “a cidadania surge a partir de uma reorganização do território”. Na visão de Santos (1993, p.116), “é impossível pensar uma cidadania concreta que prescindia do comportamento territorial”.

Nessa perspectiva de análise, a cidadania atrelada ao território pode tornar-se um limitador na ampliação da condição de cidadão, sendo a prática da capoeira muitas vezes responsável por romper tal limite.

Quando um indivíduo vivencia outras situações diferentes do seu cotidiano, por exemplo, um jovem de periferia, que tem um acesso limitado a determinados espaços, determinados direitos e a capoeira abre para ele outros espaços, isso porque ele sai de dentro do mundinho dele e vai fazer rodas em outros lugares, conhece outras pessoas: então ele é levado ele conhece mundos distintos do que ele está acostumado e esses mundos distintos são diferentes do mundo dele que o sistema trabalhou arduamente para que ele acreditasse que só tinha acesso aquilo. Então a partir do momento que ele sai daquilo que o sistema falou “olha para você é só isso aqui” ai vê que existem outras coisas além do mundo que pertence ali da sua comunidade, então esse jovem começa a questionar as barreiras, as oportunidades que não chegam até ele que ele tem direitos que são negados, então esse despertar vem. A capoeira começa a mostrar uma situação de igualdade naquele espaço dos treinos e das rodas e porque essas igualdades não podem se expandir para além daquele espaço para a sociedade enquanto um todo, então o que vemos é um empoderamento e uma abertura da visão desse jovem citado no exemplo, e acaba por mudar suas expectativas futuras e do seu comportamento de suas atitudes. Entendo isso como parte da

formação cidadã (CONTRA MESTRA ANANDA - Transcrição de entrevista realizada em 05/09/2018).

Diante dessa situação de invisibilidade do indivíduo por morar em determinados bairros, Santos (1993), diz que o valor do indivíduo depende de onde ele está. Argumenta, ainda que, o fato de morar na periferia já é se condenar duas vezes à pobreza: a pobreza do mercado econômico e a gerada pelo modelo territorial.

Na perspectiva de fomentar a consolidação da cidadania, a capoeira praticada na cidade de Vitória – ES, como demonstrado na fala acima, busca propiciar uma prática empoderada, fornecendo acesso a espaços de direitos, levando o indivíduo a um pensamento crítico em relação ao meio em que ele está inserido.

Outra vivência muito interessante destacada nos grupos da cidade de Vitória é a formação da cidadania por partes daqueles que vivenciam o outro lado da situação, indo de contramão do que foi explicitado até agora, aqueles que por terem uma condição econômica mais confortável conseguem ter acesso de forma mais digna aos bens e serviços universais.

A prática da capoeira nos bairros de classes de médio e alto poder aquisitivo possibilita uma formação crítica e humana, posto que provoque uma reflexão daqueles jovens de maior poder aquisitivo, diante dos outros jovens de classes sociais menos favorecidas, o que oportuniza perceber que tem algo de errado na distribuição dos bens e serviços produzidos pela sociedade.

Neste momento, esses jovens de classe média, ao perceber tal disparidade, começam a lutar pela igualdade, mesmo não sendo atingidos diretamente por esta questão, ou seja, a capoeira possibilita ao indivíduo uma visão crítica que dentro da perspectiva trabalhada nesta pesquisa está atrelada à ampliação da cidadania.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adeus, Adeus  
Boa Viagem  
Eu vou me embora  
Boa Viagem  
Eu vou com Deus  
Boa Viagem  
E com nossa Senhora  
Boa Viagem

A música acima, de domínio público, é usada sempre no final das rodas de capoeira, na intenção de alertar os praticantes e o público que estejam assistindo à apresentação sobre a finalização da roda de capoeira. Além disso, a música representa uma despedida e uma saudação. Portanto, mencionamos essa canção, como o intuito de iniciar as conclusões dessa pesquisa.

O adeus exaltado na canção surge como um, até breve, pois o campo de estudo da capoeira é infinito, ou seja, existem muitos temas dentro da capoeira que carecem de estudos. Desse modo, destacamos que o estudo da capoeira pode ser articulado tanto na Geografia, quanto em outros campos do conhecimento, a saber: Capoeira, gênero e poder; Capoeira e religião; Capoeira Angola e Regional; Capoeira cultura x esporte; Capoeira e compromisso social, dentre outras áreas que podem ser pesquisadas.

Nesse estudo, analisamos o processo de apropriação do território na cidade Vitória, com o intuito de encontrar vestígios sobre os aspectos que essa apropriação pode revelar ou não em relação à dimensão da identidade cultural e da cidadania. Para isso, seis grupos de capoeira foram investigados no município.

As análises apresentadas e toda pesquisa construída concentram-se nas seguintes problematizações: a) quais são os espaços que estão sendo apropriados pelos grupos de capoeira, na capital do estado do Espírito Santo? b) Quais integrantes da territorialidade dos grupos de capoeira colaboram para a ampliação da cidadania e da formação de uma consciência espacial – cidadã?

Ressaltamos que as análises e as informações levantadas não visam esgotar o assunto, pelo contrário, esperamos que elas sejam mais um fomentador de discussão envolvendo a capoeira como uma atividade de luta e de resistência. A capoeira exerce uma função social, porque ela contribui para a ampliação da identidade e da cidadania, e porque os espaços e os equipamentos públicos são usados diariamente.

A fim de delimitar, contextualizar e problematizar nosso objeto de pesquisa, apresentamos a relação do autor à prática da capoeira. O propósito é mostrar os motivos que contribuíram para a realização dessa dissertação. Portanto, notamos que a pesquisa é uma ascensão de si mesmo, dos assuntos e dos temas que os tocam.

No decorrer deste trabalho, utilizamos a metodologia da pesquisa participante, tendo como foco a vivência por meio das observações, dos registros iconográficos, das conversas formais e informais e das entrevistas. Esse tipo de metodologia tornou-se necessária por causa da relação do pesquisador com o objeto de estudo. A pesquisa aconteceu gradualmente, a partir da vivência diária em cada grupo visitado. A convivência com os capoeiristas e as conversas com os mestres ajudaram na construção de conhecimentos. Assim, observamos que o conhecimento produzido pelos grupos sociais estava pautado na centralidade desses indivíduos e no contexto social inserido.

Durante o processo de investigação, reconhecemos os mestres de capoeira e seus discípulos como sujeitos ativos das relações estabelecidas e construídas nas aulas, nas rodas ou nos eventos. A pesquisa partiu do princípio de que a capoeira age como um elemento agregador de valores significativos. Esses valores são fundamentais para a formação da territorialidade, que corrobora para a consolidação da identidade cultural e da ampliação da cidadania. Portanto, na realização da pesquisa, percebemos que a prática da capoeira se consolida em uma ação educacional, pois, ela atua na construção e no fortalecimento da identidade cultural.

No primeiro capítulo, ao resgatar a história da capoeira, verificamos que a capoeira, mesmo sendo estudada por diversos autores e por diversos campos do conhecimento, ainda apresenta certo hiato. Todavia, essas críticas que surgem entorno de sua origem não são capazes de ofuscar a sua trajetória de luta e de resistência que envolve, principalmente, o povo negro. Em relação à história da capoeira, na cidade de Vitória, por exemplo, identificamos lacunas na literatura, o que aponta para a necessidade de ampliar as pesquisas nesse campo de conhecimento.

No segundo capítulo, relacionamos a capoeira com a ciência geográfica. Nesse aspecto, fundamentamos a teoria na ideia de Claval (1999, p. 73) que afirma: “o papel do geógrafo não é explicar o homem, a sociedade, a cultura, o espaço, mas se interrogar sobre as razões que levam os homens a construir razões simbólicas que negam a distância, ou a exaltam”. Dessa forma, a revisão bibliográfica apresenta as ligações estabelecidas entre a Geografia e Capoeira no campo de estudo. Esse estudo foi fundamental para analisar as

narrativas dos mestres entrevistados, sobre as suas histórias e a simbologia que envolve as suas práticas.

No terceiro capítulo, as narrativas construídas, por meio das entrevistas, foram primordiais para entendermos e refletirmos sobre os componentes que integram a territorialidade dos grupos de capoeira, os quais colaboram para a ampliação da identidade cultural e da ampliação da cidadania. Notamos que o principal componente desse processo são os valores transmitidos pela oralidade e pela experiência de vida dos mestres, que passam de geração a geração.

A capoeira, praticada em Vitória, surge como uma alternativa de manifestação cultural que ocupa e ressignifica os lugares públicos da cidade, isto é, são lugares perigosos que despertam medo e insegurança para a população, por causa da violência que assombra toda a sociedade. A exemplo de áreas periféricas, destacamos os bairros São Pedro, Gurigica, Jesus de Nazaré, Andorinha, Vila Rubim e Rodoviária.

A formação da cidadania é clara na capoeira capixaba, visto que todos os mestres entrevistados e seus grupos de atuação realizam atividades socioeducativa, porque atendem crianças e adolescentes de comunidades de baixa renda em toda a região metropolitana. Desse modo, compreendemos que a representatividade na capoeira é um marco na formação da cidadania. O fato de os mestres atribuírem a capoeira às suas conquistas, não só o financeiro, mas também a moral, desperta o sentimento e a necessidade de ajudar a comunidade.

Nas entrevistas, as falas dos mestres significam que a missão de educar, ensinar e balizar o caminho da cidadania é mais importante do que todas as outras formas de ensino, que acaba emergindo de forma involuntária. Os autores mencionados na pesquisa e as observações mostram que a prática da capoeira fortalece a relação de respeito mútuo e de parceria entre os integrantes. Em outras palavras, não é possível realizar uma roda de capoeira sem o exercício da coletividade, uma vez que se faz necessário às palmas, o jogador, uma pessoa para tocar os instrumentos e cantar as músicas.

Nesse caso, a pesquisa indica que o caráter democrático, vivenciado durante as aulas de capoeira, possibilita a integração entre as pessoas, afinal, como já foi dito no primeiro capítulo desse trabalho, a capoeira é praticada por todas as idades (desde criança até a terceira idade) e por pessoas de todas as etnias e religiões provenientes do mundo inteiro. As práticas de capoeira, executadas nos grupos estudados, ajudam a lidar uns com o outro e com as suas diferenças. Ainda, atenua as tensões cotidianas, aumentando a autoestima e as formas individuais mais conscientes.



Em relação à apropriação do território pelos grupos de capoeira, objeto que norteou toda a pesquisa observou que a capoeira dinamiza o espaço, de modo a proporcionar condições para a ampliação e consolidação da cidadania. Nesse processo de apropriação, o indivíduo, sendo capoeirista ou não, possui meios que podem assimilar questões que envolvem a socialização e o respeito.

Portanto, os objetivos traçados nessa pesquisa, visando analisar, compreender e investigar aspectos que envolvem a Capoeira e os conhecimentos geográficos mostrou a capoeira como uma manifestação cultural brasileira que age como um elemento agregador dentro do território vivenciado.

Com isso, sinalizamos que a relação entre, território, identidade, cidadania e capoeira tornam-se a base para investigação de estudos futuros. Algumas conclusões preliminares de pesquisadores da área apontam que a Geografia Cultural ainda precisa expandir as suas pesquisas, a fim de avançar no estudo do tema proposto nesse trabalho.

## 6 REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, São Paulo, 2004, 170 f, Tese (doutorado em ciências sociais aplicadas à educação. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <[https://grupomel.ufba.br/sites/grupomel.ufba.br/files/capoeira\\_angola\\_cultura\\_popular\\_e\\_jogos\\_dos\\_saberes\\_na\\_roda.pdf](https://grupomel.ufba.br/sites/grupomel.ufba.br/files/capoeira_angola_cultura_popular_e_jogos_dos_saberes_na_roda.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- ALMEIDA, J. A. de. **A reflexividade nos discursos identitários da capoeira**. 2008.148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.
- ALMEIDA, R. de; PIMENTA, L. **Capoeira: luta, dança e jogo da liberdade**. São Paulo: Aori, 2009.
- ANDREIS, A. M. **Da informação ao conhecimento: cotidiano, lugar e paisagem na significação das aprendizagens geográficas na educação básica**. Rio Grande do Sul – Ijuí. Dissertação de Mestrado, 2009. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
- ARAÚJO, H. L. E.. Capoeira e cidadania: seu poder e atuação como instrumento educacional em ambiente escolar. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, Juiz de Fora, 10 ago. 2010.
- AREIAS, A. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- AZEVEDO, A. F. Geografia e cinema. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDHAL, Z. (Org.). **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. P.95-127.
- BARBALHO, A. **Políticas Culturais no Brasil: Identidade e diversidade sem diferença**. III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/ UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/AlexandreBarbalho.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2018.
- BASTOS, A.R.V.R. Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas. In: **Espaço e Cultura**, n 5, jan/jun; 1998.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEZERRA, R. S. Geografia e Patrimônio Cultural: Ensaio sobre a capoeira como espacialização e territorialização do negro Brasil. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. **Anais do VII CGB**. 10 a 16 Agosto de 2014, Vitória/ES. Disponível em: <[http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404394061\\_ARQUIVO\\_GEOGRAFIAE\\_PATRIMONIOCULTURALENSAIOSOBREACAPOEIRACOMOESPACIALIZACAOETERITORIALIZACAODONEGRONOBASIL.pdf](http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404394061_ARQUIVO_GEOGRAFIAE_PATRIMONIOCULTURALENSAIOSOBREACAPOEIRACOMOESPACIALIZACAOETERITORIALIZACAODONEGRONOBASIL.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2018.
- BONEMAISON, J. Viagem em torno do Território. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Geografia Cultural**. Trad. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, 83-131 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BREDA, O. **A capoeira como prática educativa transformadora**. 24 de agosto de 2010. Disponível em: <[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao\\_fisica/0009.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_fisica/0009.html)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BROSSEAU, M. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2007: 17-77.

BRUHNS, H. T. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas, SP: 2000. 158 p.

CABRAL, M. G.. Pensando a Identidade Cultural ao Som do Berimbau. **Pontos de Interrogação** (ONLINE), v. 1, p. 701-710, 2010.

CALLAI, H. C. **O estudo do lugar como possibilidade de construção de identidade e pertencimento**. VIII Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais. Coimbra. 2003.

CAMPOS, H. Á. Refletindo sobre o papel das representações nas territorialidades urbanas: o exemplo da área central do Recife. **Espaço e Tempo**. São Paulo. Nº 11. Geousp, 2002.

CASTIGLIONI, A.H. Mudanças na estrutura demográfica do Espírito Santo ocorridas durante a segunda metade do século XX. In: **Revista Geografares**, Vitória, nº 7, p. 93 – 109, 2009.

CASTRO, J. R. B.. As questões identitárias e as especificidades culturais da Bahia expressas na literatura e na musicalidade: um olhar geográfico. **Geotextos** (Online), v. 10, p. 105-126, 2014.

CARNEY, G. O. Música e lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p.123-150.

CASTRO JÚNIOR, L. V. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.2, p.143-158, jan. 2004.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação hoje**. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

CLAVAL, P. Reflexões sobre a geografia cultural no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v.8, p.7-28, ago/dez. 1999.

\_\_\_\_\_. La theme dela religion dans les études geographiques. **Geographie et cultures**, Paris, n. 2, p. 85-111, 1992.

\_\_\_\_\_. A volta da Cultura na Geografia. **Revista Mercator**, UFC, ano 1, n. 1, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afesche Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

\_\_\_\_\_. Geografia Cultural: Um balanço. **Revista Geografia** (Londrina), v. 20, n. 3, p. 005 – 24, set/dez. 2011.

\_\_\_\_\_. A diversidade das geografias econômicas. **Geographia**, v. 14, n. 2. 2012. p. 7-20.

Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. Disponível em:<  
<http://www.ceplac.gov.br/radar/vassoura-de-bruxa.htm>>. Acesso em 25 de out. de 2018.

CORREIA, A. O sagrado é divino, a religião é dos homens: territórios culturais e fronteiras simbólicas, a intolerância religiosa na contemporaneidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 31, p.1-14, jan/jul. 2012.

\_\_\_\_\_. A dimensão cultural do espaço: alguns conceitos. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, p.1-21, out. 1995.

\_\_\_\_\_. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **Geographia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p.7-17, mar. 2007.

\_\_\_\_\_. Espaço, um conceito chave da geografia. In: CASTRO, Iná E. et al (orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 15-47.

\_\_\_\_\_. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994.

\_\_\_\_\_. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Editora Ática, 2003. 7ª ed. Série Princípios.

\_\_\_\_\_. Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma introdução. In: **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 49 - 59. (Geografia cultural).

\_\_\_\_\_. Carl Sauer e Denis Cosgrove: A paisagem e o passado. **Espaço Aberto**, PPGG – UFRJ, V.4, n. 1, p. 37-46. 2014.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: **Paisagem, Tempo e Cultura**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSTA, O. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. In: **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, Edição comemorativa, p. 149-156, 1993-2008.

DAMATTA, R. **A Casa & a Rua: espaço, cidadania e mulher no Brasil**. 6. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 2000.

DAMIANI, A. L. A Geografia e a Construção da Cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.) **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 50-61.

ESTEVES, A. A **“Capoeira” da Indústria do Entretenimento: corpo, acrobacia e espetáculo para “turista ver”**. Salvador: A. P. Esteves, 2004. 166 p.

FALCÃO, J. L. C. A internacionalização da capoeira. **Ministério das Relações Exteriores - Revista Textos do Brasil**, nº 14, 2008, p. 126-33. Disponível em: <<http://www.dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista14-mat17.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **O jogo da capoeira em jogo: e a construção das práxis capoeirana**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FERRACINI, R. A. L. **O Espetáculo na Praça: Territorialidade, Identidade e Rituais Negros na Cidade de Goiás**. Dissertação (de Mestrado em Geografia). Universidade Federal de GOIÁAS/ UFG,. 2006.

FERREIRA, B. S.. Imagens da capoeira no século XIX. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2012, Ouro Preto - MG. 9º Encontro - 2013, 2013.

FERREIRA, T. J. **A capoeira na escola: a Lei 10.639/2003 como política pública afirmativa**. Monografia (Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Especialização de Estudo e Políticas Sociais). Brasília, 2014. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13069/1/2014\\_Tarc%C3%ADsioJos%C3%A9Ferreira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13069/1/2014_Tarc%C3%ADsioJos%C3%A9Ferreira.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

FILGUEIRAS, J. P. Tá tudo dominado: a institucionalização da capoeira. **Caderno textos e debates**, Florianópolis, v. 8, 2003.

FREIRE. A. L. Ensaio sobre a cidade anti-democrática: pensando os bens e serviços a favor da cidadania. **Geografares**. Vitória, nº 05, ano 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/viewFile/1052/773>. Acesso em: 01 outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. Projetos de urbanização em Vitória-ES: aspectos do processo de produção de uma metrópole moderna. **Geosp**. São Paulo, nº 15, ano 2003.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. Cultura ou Civilização: A renovação de um importante debate. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 99 a 122.

GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Org.). **Método Qualitativo:** epistemologia, complementariedades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004.

GUIMARÃES, A. A.. Capoeira - a roda, o jogo, o ritual. In: BARRETO, M. A. S. C.; ANDRADE, P. G. R.; CUNHA JR., H.A.; RODRIGUES, A.. (Org.). **Africanidade(s) e Afrodescendência(s)**. 1ed. Vitória: EDUFES, 2013, v. 1, p. 07-225.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF, São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: Eduff, 1997.

\_\_\_\_\_. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

\_\_\_\_\_. **O Mito da Desterritorialização:** do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. Etc: **Espaço, Tempo e Crítica**, Niterói, UFF, v. 1, n. 2, p. 39-52, ago de 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê:** Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007.

Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA\\_capoeira.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio cultural imaterial:** para saber mais. Brasília, DF: IPHAN, 2012. 32 p.

Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha\\_1\\_\\_parasabermas\\_web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Mapeamento da Capoeira no Espírito Santo**. Vitória, 2017.

\_\_\_\_\_. **Ofício das Paneleiras de Goiabeiras**. 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 05 de set. de 2018.

JORGE, R. S. **Atividades físicas e esportivas em projetos sociais:** sentidos construídos pelos educandos do Centro Social São José de Calasanz. 2016. 106, [12] f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

KONG, L. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p.129-175.

LEFEBRVE, H. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2000.

LEPETIT, B. **Por uma nova história urbana**. Tradução Cely Arena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA, R. R. de. O estudo do lugar através das múltiplas manifestações da capoeira no espaço escolar: Experiências da capoeiragem em ourinhos-SP. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRÁFOS, 7., 2014, Vitória. **Anais....** Vitória: Isbn, 2014. p. 1 - 11.

LIRA, J. R. de O. **Migração e mobilidade na fronteira: concentração de imigrantes internacionais e formação de espaços de vida na Amazônia brasileira**. 2017. 154 f. Tese (Doutorado) - Curso de Demografia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MACIEL, C. A. A.. A Retórica da Paisagem: um instrumento de interpretação geográfica. **Espaço e Cultura** (UERJ), v. 26, p. 32-48, 2009.

MALDI, D. A questão da territorialidade na etnologia brasileira. In: **Sociedade e Cultura**. V.1, n.1, Jan/Jun, p.1-17. 2008.

MASSEY, D. **Pelo espaço**. (Trad. Rogério Haesbaert) Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MELLO, A. da S.; COSTA, F. R.; SANTOS, W.; NETO, A. F.. A construção da rivalidade e da violência entre os grupos de capoeira de Piúma/ES. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 13, nº 2, p. 1-17, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/8638/7616>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

MOREIRA H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NICOLÁS, D. H. Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na mundialização. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, María Laura (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

NOGUEIRA, V. **Educação Geográfica e formação da consciência espacial-cidadã no ensino fundamental**: sujeitos, saberes e práticas. Paraná, Departamento de Educação - UFPR, 2009. Tese de Doutorado.

OLIVEIRA, C.D.M.de; CAVALCANTE, T.V. O estudo da Terra como lar das pessoas. **Espaço e Tempo**. São Paulo, nº 25, p. 41-52, 2009.

OLIVEIRA, D.A. Semeando saberes ancestrais. Narrativas sobre a cultura afro-brasileira no grupo de capoeira Angola Sementes do Sertão – um estudo de consciência histórica. **Anais...** IV Encontro Estadual do Ensino de História – UNEB/Campus XIV. 2017. Disponível em: [http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1507294576\\_ARQUIVO\\_SEMEANDOSABERESANCESTRAISartigo.pdf](http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1507294576_ARQUIVO_SEMEANDOSABERESANCESTRAISartigo.pdf). Acesso em: 03 de dez de 2018.

OLIVEIRA, J. P. e LEAL. L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil - Salvador: EDUFBA, 2009. 200 p.

OLIVEIRA, S. C. L.; SILVA, G. S. **A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação.** III Encontro de Geografia e VI Semana de Ciências Humanas A GEOGRAFIA E SUAS VERTENTES: REFLEXÕES, v. I, p. 1, 2010.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Comunidades quilombolas no estado do Espírito Santo: conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural.** Ruris, Vitória, v. 5, n. 2, set. 2011.

PEDROSA, B. V. **Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura.** São Paulo: tese de doutorado – FFLCH/USP, 2013.

PEREIRA, P. A. **O que é pesquisa em educação?** São Paulo: Paulus, 2005.

PÉREZ, C. L. V. Passagens: a outredade na voz e na letra: praticando a formação de professores a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO: Paulo Freire na contemporaneidade, 1., 2001, São Gonçalo. **Anais...** São Gonçalo, 2001.

Portal Capoeira. Disponível em: < <http://portalcapoeira.com/>>. Acesso em 03 de jun. de 2018.

Portal da Capoeira. Disponível em: <http://www.capoeira.gov.br/>. Acesso em: 25 de abril de 2018.

Prefeitura Municipal de Ibirataia. Disponível em:  
<<http://www.ibirataia.ba.gov.br/artigo?codArtigo=3037>>. Acesso em: 02 de out. de 2018.

PRIORE, M. L. M.. **Histórias da Gente Brasileira - República.** 1. ed. São Paulo: Leya, 2017. 572p .

RADICCHI, M. R. **Capoeira e escola: significados da participação.** Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993, 269p.

REIS, L. A.; **Cantos da Capoeira: fonogramas e etnografias no diálogo da tradição.** 2009. 124 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2009.

REGO, W. **Capoeira Angola - Ensaio Sócio-Etinográfico.** Bahia: Itapoá, 1968.

RIO, G. A. P. do. **Jogo de Espelhos: A Dimensão Cultural do Econômico.** Org Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ROCHA, L. B.; A., M. G. Cultura, mundo-vivido e território. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina. p.1-13. 2005.

RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil.** 6ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.



ROMERO, S. **Contos populares do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1954.

ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.

\_\_\_\_\_. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 231-247. (Geografia cultural).

\_\_\_\_\_. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

SACK, R. D. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University, 1986.

SAQUET, M. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANGUIN, A-L. **La géographie politique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

SANTOS, B. de S. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, J.P. **Memória e Patrimônio cultural de Vitória, ES: Um estudo sobre as igrejas Católicas do Centro da cidade**. Monografia (Bacharelado em Geografia). 75 p. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, 2014.

SANTOS, J. L. dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, M.. O retorno do território. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel. 1993.

\_\_\_\_\_. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec; 1993.

\_\_\_\_\_. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: técnica, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 12º Ed. Rio de Janeiro. Record. 2008 473 p.

SANTOS, M. da G. M. Poças. Os Santuários como lugares de construção do sagrado e de memória hierofânica: esboço de uma tipologia. In: ROSENDAHL, Zenir. CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

SARTÓRIO, F. D. V. **Lazer, cidadania e desigualdade**: um estudo sobre Vitória-ES. 2015. 181 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

SAUER, C.O. A morfologia da paisagem. In: **Paisagem, Tempo e Cultura**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1925).

SEABRA, O. C. L. A insurreição do uso. In: MARTINS, J. S. (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 71-86.

SERPA, A. S. P.. Espaço Público e Acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica. **Geosp** (USP), São Paulo - SP, v. 15, n.15, p. 21-37, 2004.

SILVA, D. J. da. **O olhar sobre a capoeira**: um estudo dos filmes nacionais e internacionais. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

WAGENER, Ph. L.; MIKESEL L, M. W. **Os temas da Geografia Cultural**. In: CORRÊA, R. L.;

SILVA, V. P. Da. Apropriação do território e meio ambiente: uma leitura geográfica. **GEOCONEXÕES**, v. 2, p. 38-46, 2015.

SILVA, E. B.. A apropriação do espaço e as transformações implementadas pela sociedade no espaço rural brasileiro. In: VIII Encontro baiano de Geografia / X Semana de Geografia da UESB:, 2011, Vitoria da Conquista. **ANAIS...UESB:**, 2011. p. 01-13.

SILVA, G. de O.; HEINE, V.. **Capoeira**: um instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008. 191 p.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SODRÉ, M. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

TORRES, F. do C. **Espaço Público: Apropriação e direito ao uso. A territorialidade das rodas de capoeira em Brasília (Distrito Federal)**, 263 p. Dissertação (Mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Pós-Graduação em Geografia). Brasília, 2014.

VALE, A. L. F.; SAQUET, Marcos Aurélio; SANTOS, Roseli Alves. O território: diferentes abordagens e o conceito-chave para a compreensão da migração. **Revista Fax Ciência**, v. 7, nº 1, 2005, pp. N. 25. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/download/7380/5429>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

VIEIRA, Carlos Henrique. **A inteligência da cultura popular:** uma etnografia da capoeira. 1. ed. Vitória, ES: Leitura Fina, 2016. 144 p.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu \_\_\_\_\_, RG n.º \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado pelo pesquisador Elvis Reis de Oliveira, a respeito dos riscos, benefícios e confiabilidade da entrevista e fornecida para a pesquisa **“APROPIAÇÃO DO TERRITÓRIO PELA CAPOEIRA NA CIDADE DE VITÓRIA (ES): CONSOLIDANDO A IDENTIDADE CULTURAL E AMPLIANDO A CIDADANIA”**. Também participo voluntariamente ciente de que a publicação e divulgação dos resultados, por meio digital e/ou presencial, nas quais serão omitidas todas as informações que permita identificar-me, contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e produção de conhecimento científico.

Vitória, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura do participante (Responsável)

Esclarecimentos a respeito da pesquisa:

- Justificativas e objetivos.
- Descrição do método utilizado e métodos alternativos existentes.
- Desconfortos e riscos associados.
- Benefícios esperados (para o voluntário e comunidade).
- Garantia de confidencialidade das informações geradas e a privacidade da pesquisa.
- Participação voluntária e possibilidade de retirada do consentimento a qualquer tempo, sem prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.
- Conduta para sanar eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
- Recebimento de cópia deste termo.

Contatos:

Pesquisador (a) responsável: [elvisgeoufes@gmail.com](mailto:elvisgeoufes@gmail.com)

Tel: 027 - 999835680

Professora-orientadora Dr<sup>a</sup> Ana Lucy Freire de Oliveira

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**Nome / Tempo de capoeira / Como aconteceu sua entrada na capoeira?**

**Comente um sobre a história e trajetória do grupo**

- 1) Quais são os lugares da cidade de Vitória que o grupo utiliza para realizar seus treinos e roda de capoeira?
- 2) Existe algum critério para a escolha deste lugar?
- 3) Você acredita que a utilização do espaço pela capoeira reforça o caráter coletivo do espaço? Como?
- 4) Quando o grupo se apropria de determinado local para realização de suas ações existe outras intencionalidades além da própria realização da roda de capoeira?
- 5) O grupo recebe algum tipo de apoio para sua manutenção?
- 6) Já houve algum episódio marcante no sentido de dificuldade de realização de uma roda de capoeira?
- 7) Você acredita que de alguma forma o grupo de capoeira contribui para a consolidação da identidade cultural daqueles que participam? Como?
- 8) Como se dá a transmissão do saber no universo da capoeira?
- 9) Quais são as contribuições que o grupo fornece para a comunidade local?
- 10) O que você entende por cidadania?
- 11) Existe alguma ação que o grupo realiza que contribui para a formação da cidadania?
- 12) Em sua opinião, como a capoeira atua em prol da cidadania?
- 13) Como você percebe a cidadania dentro dos eventos realizados pela capoeira ( batizados, rodas, formaturas)?
- 14) Como a capoeira pode contribuir para a ampliação da formação cidadã?

## APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas realizadas

Entrevista 01

Mestre Paulista – Grupo de Capoeira: Herança Cultural

Local: Centro de Vitória

**Nome / Tempo de capoeira / Como aconteceu sua entrada na capoeira?**

**Comente um sobre a história e trajetória do grupo**

Resp.: Então, primeiramente queria agradecer a oportunidade de poder falar um pouquinho da minha história né, da minha trajetória dentro da capoeira. Eu sou nascido em São Paulo, criado na Baixada Santista. Comecei a capoeira com 9 anos de idade né, grupo Afro brasileira do mestre “Paraqueda” em 85. Hoje, eu completo, vou fazer esse ano 33, 34 anos de prática de capoeira. E a capoeira para mim é como dizia o mestre “Pastinha” ... “é tudo que a boca come”. Desde quando eu conheci a capoeira, eu comecei com 9 anos de idade, com 10 anos, eu fui morar nas ruas. Morei 8 anos nas ruas e graças a capoeira, assim, se não fosse a capoeira na minha vida, eu não sei o que eu seria hoje. Mesmo morando na rua, eu sempre pratiquei capoeira, então, a capoeira me instruiu muito. E me formei em 98, com meu irmão Hoje, ele é mestre, é o mestre “Cobrinha” do grupo “SEC”. E desde 98, eu vivo de capoeira, eu dou aula de capoeira.

**A capoeira é o seu sustento, hoje?**

Resp.: Sempre foi a capoeira. Já tentei fazer outras coisas, mas ...não tem jeito, a capoeira, quando está no sangue da gente, ... e quem acredita, tem que acreditar, também, eu acredito. Eu passei muitas coisas com a capoeira, mas tudo que eu tenho, hoje, a capoeira me deu. Em 2000, eu ingressei no grupo “S dobrado capoeira”, não é um grupo de capoeira, é um grupo de show, de espetáculo de capoeira mais famoso do mundo da capoeira. É uma marca. “S dobrado” não é um grupo é uma marca, eu fui um dos primeiros componentes e fui até acabar, até o final desse grupo.

**Mas isso tudo foi lá em São Paulo?**

Resp.: Em São Paulo. Em 2007, eu conheci Baixinha. A Baixinha daqui do estado, professora renomada aqui do estado, referência mundial na capoeira feminina, uma professora de mão cheia. Conheci ela num encontro na faculdade Zumbi dos Palmares lá em São Paulo, na UniPalmares e vim morar para cá. Cheguei, aqui, participei 9 anos do grupo do mestre Capixaba, no “A capoeira não era mais Abadá”. Quando, em 2014, eu me desliguei do grupo do mestre Capixaba e entrei pro “Herança Cultural Capoeira” com mestre “Catitu”. Hoje, meu mestre atual é um sonho, porque, assim, eu já tinha uma admiração muito grande pelo mestre Catitu, pela pessoa que ele é. Não só pelo capoeirista, mas pela pessoa, o caráter, a conduta, a postura, isso me chamava muito a atenção lá atrás e a gente já se conhecia de longa data de crescer junto. Cresci vendo eles jogarem capoeira, frequentei anos e anos a praça da República, em São Paulo. É o berço da capoeira de São Paulo e, em 2016, eu ingressei no grupo Herança Cultural e foi muito bacana.

**E aqui no estado hoje o Grupo Herança Cultural está presente só nesse polo mesmo?**

Resp.: É o Herança Cultural, eu sou o representante legal aqui no estado. A gente não está só nesse polo que estamos, aqui, hoje. O Herança Cultural, no espaço da prefeitura na região do Centro da Cidade, ele tá na Praça do Papa, pelo projeto TAMAR. Tem Cariacica, na praça central, em Nova Rosa da Penha. Tem um projeto de inclusão social meu, sem apoio de ninguém, desde 2012, que chama “Capoeira e o Caderno”, que é o mesmo projeto que é aqui. O Capoeira e o Caderno tem aqui, lá, em Nova Rosa da Penha, que é o forte e funciona como uma ação que visa a inclusão social. Na praça do Papa, eu montei uma equipe de trabalho porque graças a Deus, assim, pouco tempo que eu tô aqui no estado. Deus abriu uma porta pra mim.

### **São quantos anos à frente do grupo Herança Cultural?**

*Resp.: 2 anos de grupo, sim, mas eu tô aqui no estado 10 anos e, hoje, eu não tenho mais horário pra trabalhar, graças a deus, né? Mas pra trabalhar, eu falo, trabalhar é acordar cedo e ir até à noite, é trabalho. Tem gente que vai, tem professor de capoeira que vai e dá uma aula de uma hora de aula, duas horas de aula e acha que tá bom. Eu dou aula de 6, 7 da manhã, às vezes, vou até 11 horas da noite. É trabalho, então, eu além de dar aula nos projetos, eu dou aula em escolas particulares, também. Então, muitas escolas, escola particular de Vila Velha, Cariacica e, aqui em Vitória, e graças a Deus, vêm construindo bastante, talentos na capoeira.*

Você começou falando a citação do Mestre Pastinha e o grupo Herança Cultural hoje, existe assim uma ligação mais direta com a capoeira regional, capoeira Angola?

*Resp.: O grupo Herança Cultural, como já diz no nome, é Herança Cultural. A gente procura preservar a capoeira, as raízes da capoeira, a capoeira antiga, mas dentro do contexto da capoeira atual.*

### **Contemporânea?**

*Resp.: Isso, a capoeira contemporânea, que é a capoeira mais estilizada. A capoeira perdeu aquela coisa assim de vadiação, de malandragem. Hoje, eu tô com uma coisa mais robótica, mais mecânica, todo mundo tem que fazer bonitinho, igualzinho. Antigamente, não era malandragem, vadiagem e a gente, o grupo Herança Cultural, preserva isso. É uma coisa que eu gosto muito e, também, manter a musicalidade, o toque do berimbau antigo, o sambeto grande de Angola, o sambeto pequeno, uma coisa mais da malandragem. Aquela energia da palma do terreiro que, hoje, quase não se usa. Hoje, tá voltando; hoje, eu percebi, eu dei uma rodada aí e vários lugares tá voltando essa coisa de usar a palma do terreiro, mas pelo Abadá capoeira ter despontado na década de 90, trazendo a renovação (inovação) da capoeira. Então, a capoeira estilizou, mas é assim, foi*

*bom, foi bom porque os capoeiristas que entendem a capoeira contemporânea, capoeira que o mestre, o mestre (...) trouxe, trouxe uma evolução muito grande: trouxe inteligência, trouxe capoeira, trouxe campo de trabalho. Hoje, a capoeira tá inserida aí em 265 países. É muita coisa. Hoje, a capoeira está presente em todos os credos e religiões.*

*Esse processo de transformação da capoeira foi importante, até porque, se a gente for comparar com outras matrizes, outros meios de matriz africana, tipo a religião, a capoeira foi a que mais conseguiu se destacar como manifestação cultural de valorização mesmo, né? É tanto que foi até tombada. A capoeira é patrimônio imaterial do brasileiro, a capoeira foi tão expressiva que tem um capoeirista, mestre de capoeira que é patrimônio dos Estados Unidos, que é o mestre João Grande. Ele é patrimônio...foi reconhecido lá. O reconhecimento que não aconteceu aqui no estado, no nosso país.*

### **Em sua opinião, houve maior valorização do capoeirista depois que ela foi reconhecida como patrimônio imaterial?**

*Resp.: Não, até porque, pra gente ter alguma coisa com a capoeira, a gente tem que ralar muito. Tem que ralar muito, tem que correr muito atrás. E para você manter um projeto igual tem aqui, só aqui pra você ter noção, eu não ganho nada do município, não ganho nada do governo pra mim dá aula aqui.*

### **Não existe nenhum convênio com ajuda de custo?**

*Resp.: Assim, na época da conversa, ah que vai acontecer, vai fazer e acontecer, e não aconteceu nada, mas tem o espaço, um espaço bacana. Se todos os lugares, aqui do estado, tivessem um espaço desse pra treinar, teria muito menos criança na rua.*

### **Você fala aqui do espaço, quais são os bairros que você consegue atender com a prática da capoeira?**

*Resp.: Aqui? Ah aqui, eu atendo bastante bairro, pra você ver ó, além de atender aqui Santo Antônio e região,*



*eu atendo Cariacica, Campo Grande, Bela Aurora, Viana, Santana, vem gente de tudo quanto é lugar, vem gente de Vila Velha, vem gente da Serra, Novo Horizonte, de Jacaraípe, lá de Nova Carapina II. Quer dizer, é um lugar bem expandido, não é que o lugar é bem expandido, talvez, a capoeira que a gente oferta traga as pessoas. É diferente, por exemplo, cê vai no mestre Sapeba, que é meu amigo, que dá capoeira na beira da praia, lotado de gente. Ali, é um polo de fluxo de pessoas, Inclusive, não tá nem mais lá. Ali, era uma referência pra gente, pra nós capoeiristas porque, ah (...) era diferente, mas pra vim aqui? Tem que gostar, né? O cara sai lá da Serra, lá de Maria Ortiz, tem capoeira lá também.*

**É uma valorização até para o professor, quando vê o pessoal buscando?**

*Resp.: É sim, porque eles sabem que a gente batalha, a gente trabalha pra ter uma coisa legal.*

**Você acredita que a capoeira pode ser utilizada como ferramenta da valorização da cultura brasileira?**

*Resp.: Não só acredito como é uma cultura que já vem lá de trás, né? Foi o que eu já te falei, com 9 anos, eu entrei num grupo que chamava “Afro brasileira” que é do mestre Paraqueda, pra você ver, já vem lá de trás. Mas, eu acredito mais hoje que a capoeira é uma ferramenta de transformação, de você pegar essas crianças que estão, aqui, hoje. Hoje, até tem pouco, mas você viu? Eles chegam, cumprimentam; eles tratam com educação, tem disciplina, mas quando começou essa galerinha era triste, cara. A capoeira é uma ferramenta de transformação muito grande, porque não só a capoeira em si, né? O esporte, né? Se o cara tiver um bom professor, um bom disciplinador, um bom orientador, o esporte muda.*

**Você consegue classificar a capoeira, porque existe uma discussão entre música, dança, esporte e manifestação? Você vê essa distinção?**

*Resp.: Vejo, claro! A gente vê porque a capoeira é como luta. A capoeira tem karatê, taekwondo, tem boxe, tem*

*Jiu Jitsu, tem Krav magá, tem tudo embutido dentro da capoeira. É luta muito completa. Tem cabeçada, tem soco, tem (...), tem arrastão, tem a baianada, então, é a luta, tem luta. Mas, a capoeira tem a dança que é a ginga, né? Movimento sai lá e volta cá, tá dançando. A capoeira tem o maculelê; a capoeira tem uma puxada de rede; ela é uma manifestação cultural completa.*

**E dentro desse universo da capoeira, o que você entende por cultura?**

*Resp.: A cultura é um todo. Se você for aprender a capoeira, tem que aprender os movimentos, tem que aprender a história, a cultura da capoeira, tem tudo. Ela engloba a cultura toda. Na África, tem a cultura da capoeira, tem a camândula, tem a dança da zebra e isso tudo engloba a cultura.*

**Como você faz para trabalhar a questão do preconceito? Você acredita que ele existe na capoeira?**

*Resp.: Sim. O preconceito na capoeira existe até hoje. Outro dia, vivenciei uma cena de preconceito em um espaço que trabalho, junto com a mestra baixinha. Tinha uma senhora fazendo a inscrição para o filho neste espaço como regra. A partir do momento que faz inscrição, a criança ou adolescente precisa participar de todas as atividades que são ofertadas. A criança ficou olhando, pois, eu tenho um trabalho muito específico de trabalhar, sem precisar gritar. Nisso, a criança ficou encantada e eu chamei para a roda. Na hora que a mãe saiu, eu fui e perguntei se a filha dela iria fazer parte do projeto, então, a mãe falou que não... pois, a capoeira vinha da África, estava ligada diretamente com a macumba. Então, eu fui obrigado a conversar com ela e o que mais me deixou indignado era o fato dela ser uma mulher de cor. Então, tentei esclarecer para ela que a capoeira não é religião, capoeira é luta. A diferença é que tem o berimbau, o atabaque e o pandeiro. E a mulher ficou argumentando que não... a capoeira tinha haver com macumba... então, eu questionei se ela sabia o que era macumba... todo mundo pensa que macumba é saravá... eu fui e expliquei que macumba nada mais é que uma árvore bem grande da África que, quando as*

*peessoas iam fazer batucada porque estava muito calor, ia para debaixo da árvore para se proteger do sol forte. Não tem nada a ver com religião... religião é candomblé, umbanda.*

**O grupo Herança cultural está presente em vários lugares na grande vitória (centro de Vitória, praça do papa). Existe algum critério para a escolha desses lugares?**

*Resp.: O critério utilizado é poder atender ao máximo de pessoas e, também, possibilitar que nesses territórios vivenciem um pouco de cultura. Em relação aos participantes, a pessoa tem que vim e ver se gosta e se identifica com a manifestação. O projeto capoeira, na praça do papa, surgiu com uma parceria junto ao projeto Tamar. Então, eu conheci o Paulinho, que é precursor do projeto Tamar aqui no Estado. Ele abraçou o projeto de capoeira naquele território. Ali, se tornou um lugar especial, todo ano eu realizo o ginga tamar. E, ali, eu atendo as comunidades do morro do garrafa, Itararé e todo o pessoal da região. Aqui, na região do Centro, a princípio, os treinos eram realizados no Tancredão, e, posteriormente, conseguimos o espaço do pé de moleque, que acabou ficando como a nossa sede. Desde então, eu realizo o meu trabalho. Durante um período, ficamos sem nenhum apoio, mas isso não impediu realizar as atividades. Eu gosto de trabalhar não só a capoeira em sim, gosto de trabalhar a técnica. A criança tem que saber tocar e cantar. Algo que eu julgo muito importante é a disciplina. Eu vejo vários lugares que treinam capoeira fora do contexto. Eu sou exigente. A prova da minha exigência e disciplina frente ao trabalho que realizo com a capoeira é que acabamos de lançar um cd pedagógico de capoeira. Já está rodando em 6 países, muito bom! 4 crianças do projeto participam do cd, 3 cantam e 1 toca e conta com a participação especial do mestre Sapeba.*

**Olhando a trajetória da capoeira, ela sempre esteve presente na rua, ocupando praças, praias. Diante deste contexto, você acredita que a utilização do espaço reforça o caráter coletivo?**

*Resp.: O caráter coletivo do espaço... na verdade, eu penso assim: "quem faz o espaço é você". Para você ter noção, nossos treinos, em Nova Rosa da Penha, é um espaço que quando eu cheguei lá, era muita violência vivenciada no território. A capoeira chegou lá e mudou isso, porque a comunidade aceitou e entendeu a proposta do trabalho que seria desenvolvido, isso varia de professor para professor. Eu trabalho muito com exemplos, eu gosto do trabalho sério, mas ao mesmo tempo, com meu jeito, eu vou cativando as pessoas, eu trago as pessoas para o meu lado. Então, quem faz o ambiente e o lugar é você. Se você vai com a proposta de levar o bem, tenho certeza de que a praça ou qualquer lugar que você for trabalhar vai trazer uma estrutura legal e vai acabar refletindo nesse caráter coletivo e, ao mesmo tempo, cria um ambiente de cidadania no ambiente.*

**O grupo Herança Cultural faz muitas rodas em espaços públicos?**

*Resp.: O grupo, como forma de estimular a cultura e potencializar a cidadania na região do centro de Vitória, realiza todo mês uma roda que reúne todos os polos na Vila Rubim, resgatando a capoeira do Estado, tornando-se um polo turístico e de valorização e de resgate a cidadania.*

**Quando vocês escolhem um lugar para a realização de uma roda, existe alguma intencionalidade, além da própria roda?**

*Resp.: Existe, Claro! Tem todo um contexto, porque realizamos uma roda na rua... vou dar um exemplo: vou fazer uma roda ali na rodoviária. Naquele espaço, podemos pensar várias coisas, pode ser uma roda para divulgar o trabalho, mas, além de divulgar o trabalho, pode servir de entretenimento para quem está no espaço, que tá estressado por fatores que aconteceram no decorrer do dia. Proporciona às pessoas um momento gostoso de se envolver com algo rico de diversidade cultural, então, a capoeira traz tudo isso para gente. A ideia da roda, na Vila Rubim, é divulgar não só o meu trabalho, mas também toda a comunidade capoeirista do*

*Espírito Santo, que sempre vem prestigiar as rodas e atrair o turismo na Vila. A Vila Rubim é um lugar muito rico culturalmente, eu tenho certeza de que a capoeira pode ajudar a potencializar e resgatar culturalmente a valorização daquele espaço.*

#### **O grupo recebe algum tipo de apoio?**

*Resp.: Não! Se tivéssemos uma ajuda financeira, com certeza poderíamos melhorar ainda mais o trabalho. Mas tenho convicção de que o dinheiro não é tudo, às vezes, só ver a criança sorrir, ver a evolução dela dentro da capoeira e na vida social, ver o reflexo do desenvolvimento como melhoria na disciplina e no rendimento escolar, isso para mim, já é super válido. Isso porque na minha época, eu não tive essa oportunidade.*

#### **Você percebe mudanças no comportamento das crianças e dos adolescentes?**

*Resp.: Vejo! As mudanças são muito claras. E as mudanças se tornam muito claras nas atitudes. As crianças que praticam capoeira hoje são todas do morro. Só o fato delas descerem o morro para vim treinar, já reflete o desejo de evoluir, de buscar algo diferente para suas vidas. Com o passar do tempo e com a ajuda da capoeira, você já percebe uma mudança de postura, de caráter, eles ficam mais disciplinados. Eles vem por vontade própria, estão aqui de coração.*

#### **Na sua trajetória, houve algum episódio marcante na realização de algum evento ou alguma roda?**

*Resp.: Sempre! O mais difícil é fazer o evento. Em 2016, fui fazer o lançamento do grupo Herança Cultural aqui no Estado e estava tudo certo, todos os patrocinadores confirmaram a ajuda. Então, antes, eu fui participar dos jogos do Herança Cultural de São Paulo. Chegando lá, me ligaram da Assembleia Legislativa avisando que não poderiam mais me ajudar no evento, isso faltando apenas 10 dias para o evento e eu com passagem de muitos mestres que iriam vir prestigiar o nosso evento. Era um encontro nacional muito grande que iria vir muitas pessoas de outros estados. Eu fiquei desesperado, pois,*

*como eu iria correr atrás de patrocínio em cima da hora? Mas ainda bem que temos amigos. Alguns amigos começaram a ajudar de forma voluntária e, graças a Deus, o evento aconteceu. Foi muito bom! Mas eu vou te falar, você fazer evento hoje, pensando em patrocínio, é muito difícil, é muita dificuldade. 2014 foi difícil, 2015 difícil. Sempre é difícil! É tanto que acabei mudando a programação do grupo, ao invés de fazer os eventos anuais, agora, vamos fazer um evento a cada dois anos.*

#### **Você acredita que a capoeira, de alguma forma, contribui para a consolidação da identidade cultural daqueles que participam?**

*Resp.: Contribui muito... para isso, vamos voltar lá no passado. Antigamente, o capoeirista, dentro do contexto da cultura, a pessoa olha e fala: “aquele cara é capoeirista”, ou seja, ele era visto como maloqueiro, bandido marginal, ele era radicalizado. Até meados da década de 90, a capoeira era muito marginalizada, depois das práticas, junto com a educação física, a capoeira começou a ser mais valorizada. Então, hoje, as pessoas, na maioria das vezes, veem o capoeirista com bons olhos, eu falo por minha vivência. Eu cheguei em 2010, aqui no Estado, eu já trabalhei em várias escolas particulares tais como: Coração Sagrado de Maria e Colégio Agostiniano, uma escola católica que eu trabalho há 4 anos. Hoje, eu trabalho em diversos espaços: Colégio Santa Dame, em Vila Velha, Colégio Seic, Agostinianos e COC Lusíadas. Fora as 6 escolas de educação infantil e os projetos. Quando eu ando na rua, a sociedade me ver com meu abadá de capoeira. Hoje, não me olham com maus olhos e preconceito.*

#### **Como se dar a transmissão do saber?**

*Resp.: No meu grupo, a transmissão do saber se dá através da terapia do abraço. É a melhor metodologia. É assim que cativo e que disciplino meus alunos.*

**A capoeira está presente em várias áreas de vulnerabilidade social, dentro do território que o grupo Herança Cultural está inserido. Quais são as contribuições da capoeira para a comunidade local?**

Resp.: *Para falar a verdade, eu ainda não tive um retorno da comunidade de modo geral, pois, as famílias ainda são ausentes em relação ao convívio das crianças. A maioria vem por conta própria, então, o diálogo com a família é algo que precisamos melhorar. Mas, eu posso falar por outra comunidade, que seria Nova Rosa da Penha. Lá, a capoeira tem sido uma ferramenta de transformação e a comunidade aceitou super bem a capoeira. É diferente da realidade aqui do centro. Lá, em Nova Rosa, os pais levam os filhos para poder praticar a capoeira como instrumento auxiliar na disciplina. Para você ter ideia, a garotada, antes de chegar no projeto, não gostava de estudar. Então, montei um projeto específico “Capoeira e o caderno”, onde para participar da capoeira, os integrantes precisavam melhorar o rendimento escolar e eu fui acompanhando. Dessa forma, tenho certeza de que exerce uma prática voltada para a cidadania.*

#### **O que você entende por cidadania?**

Resp.: *Eu acredito que dentro da capoeira a formação da cidadania passa muito pelo exemplo dos mestres e dos professores para com seus alunos. Eu acredito que, a partir do momento que você tem uma conduta legal, mesmo a criança sendo de um território conflituoso e de vulnerabilidade, a pessoa olha para você e diz que quer seguir seus passos, nós acabamos sendo espelhos para os alunos. Transformar as pessoas em cidadãos é uma prática de exemplo e a capoeira, através de toda a sua trajetória, possibilita o mestre ou o professor a favorecer isso a seus alunos... olha a minha história de vida. Eu morei tantos anos na rua, mais de 30 crianças que moravam comigo, na Praça da Sé, só 3 vingaram e os três, hoje, se tornaram cidadãos de bem. No meu caso, foi graças aos bons exemplos que recebi dos meus mestres de capoeira*

#### **Nome / Tempo de capoeira / Como aconteceu sua entrada na capoeira?**

##### **Comente um sobre a história e trajetória do grupo**

Resp.: *Meu nome é Fábio Luiz Loureiro, eu sou conhecido como Mestre Fábio, minha entrada na capoeira se deu em 1980, pelo motivo de não gostar de algumas práticas, tipo musculação. Eu tinha de 14 para 15 anos e aí meu irmão que já fazia capoeira em um projeto aqui na UFES, me trouxe para fazer capoeira. No começo, eu não gostei, pois, eu era praticante de Karatê, mas comecei a fazer... fiz uma aula e outra e gostei do ambiente dos movimentos dos mestres, aí, me interessei e comecei a me dedicar. Foi um processo desafiador, porque... era engraçado que para pegar a primeira corda tinha que fazer prova escrita, tinha chamada, frequência mínima, tinha que fazer os movimentos para o mestre ver. Era bem disciplinado o processo. Eu sempre participei do Beribazu e estou nele até hoje. A história do Beribazú – O grupo começa a surgir no final da década de 60, início da década de 70 com o Mestre Zulu, em Brasília, no colégio agrícola. O mestre Zulu já praticava capoeira com outros mestres, mas ele queria algo mais com a prática da capoeira e começou a estudar e praticar a capoeira dentro do colégio agrícola. Ele, então, pegou um grupo de alunos e começou a dar aula. Naquele período, era tudo muito autônomo, ele montou um sistema de graduação, sistema de treinamento muito forte e os capoeiristas começaram a ficar muito habilidosos. Eles fizeram apresentação no início da década de 70, na antiga tv Tupi, e o pessoal de Brasília ficou encantado com a agilidade dos capoeiristas. O treino do Zulu consistia em muita repetição do movimento, eles eram muito velozes, é entanto que o apelido do primeiro mestre do Beribazú se chama ventania que ainda está vivo que seria o Mestre Odilon. Depois da apresentação, questionaram o nome do grupo, porém, até aquele momento, o grupo não tinha nome, era um grupo de pessoas que apenas treinavam, eles se apresentavam e tinham um berimbal azul, aí, naquele momento, eles falaram que era o grupo berimbal azul, aí, a partir deste momento, surgia o nome do grupo que seria a junção das duas palavras Berimbal + Azul. Aí, de lá para cá, o grupo foi crescendo, então, Zulu formou o primeiro mestre que era do Espírito Santo. Então, a*

Entrevista 02

Mestre Fábio – Grupo Beribazú

Local: UFES

capoeira com o beribazú chega ao estado em meados da década de 70, entre 74 e 75. Mestre Odilon foi para o colégio agrícola, pois ele era do interior e voltaria depois de formado para trabalhar com o pai, só que lá conheceu capoeira, começou a dar aula de capoeira e não trabalhou na roça. Trouxe a capoeira e colocou a capoeira aqui em Vitória, depois, o grupo expandiu indo para outros estados e, até mesmo, outros países.

**Quais são os lugares da cidade de Vitória que o grupo utiliza para realizar seus treinos e roda de capoeira?**

Resp.: Hoje, o grupo está presente em 4 faculdades, em várias escolas públicas e privadas e em diversos projetos sociais, sendo que a Ufes, como foi o primeiro local, acaba sendo vista como referência para o grupo. Antes, passamos pela escola de música, um dos primeiros trabalhos, passamos, também, pela antiga escola técnica e alguns clubes da capital, tudo isso na década de 70. Hoje, todos falam que a referência é a UFES, mas ela não é o maior trabalho em quantidade, mas historicamente, é a referência. Nós trabalhamos de forma bem autônoma, eu não gosto muito desse negócio de referência.

**Existe algum critério para a escolha deste lugar?**

Resp.: Existiu orientação por nós acreditarmos que a capoeira é um fenômeno que educa e tem alguns espaços que não possibilitam algumas ações, tipo as escolas privadas. Nós damos aulas, mas, por vezes, dificultam algumas ações. Então, orientamos atuar em projetos sociais, que dão para diversificar muito a atividade e em escolas públicas, que dão autonomia, pois, têm escolas públicas que são piores que as particulares. Para você ter ideia, ano passado, perdemos dois trabalhos em escolas públicas por conta da política da escola e do diretor. Então, a orientação que nós colocamos é que seja um espaço que dê para trabalhar a capoeira em sua totalidade cultural, histórica, social, política. Nessa visão, que possa formar um cidadão próximo da cultura, mas uma proximidade com toda formação da capoeira que, às vezes, é bem difícil.

**Você acredita que a utilização do espaço reforça o caráter coletivo? Como?**

Resp.: Sim! Reforça, pois, a gente trabalha dentro da formação dos alunos. Uma diferença muito grande dentro do fazer pedagógico e um conceito que levamos na formação é a diferença de coletivo e multidão. Então, se uma pessoa não sabe a diferença entre coletivo e multidão, ele não sabe, por exemplo, conduzir uma roda; conduzir o seu grupo ou coletivo de aula; ele não sabe trabalhar a cerimônia, a ritualística da capoeira, porque eu entendo o coletivo como um organismo vivo, que tem atribuições, funções, relações humanas, pessoais e interpessoais com a cultura e com a história da capoeira. A multidão é um aglomerado de pessoas que não tem essa percepção. Quando é trabalhada dessa forma, eu acredito que contribui para a formação do coletivo, daquele espaço, aproximando os pais da escola, da administração, da coordenação, dos alunos e dos pais no projeto social. A comunidade, então, aproxima as pessoas. O reconhecimento da cultura acontece através de várias ações, apreciação estética da capoeira, então, são vários elementos que contribuem para formação desse coletivo. A partir dessa justificativa, eu acredito que contribuem.

**Quando o grupo se apropria de determinado local para realizar as suas ações existem outras intencionalidades além da própria realização da roda de capoeira?**

Resp.: Sim, existe! Posso falar explicando com o aulão da amizade, evento que acontece anualmente reunindo diversos capoeirista da Grande vitória. A concepção que levei para o aulão deste ano, foi a concepção da formação de uma consciência social, política e história. Então, levei a apreciação da estética. A estética não numa redução apenas do belo e do artístico movimento da capoeira, mas do poder de organização que a capoeira pode ter no espaço, de forma específica. A minha preocupação na visão do aulão é a difusão da cultura afro brasileira em um contexto social organizado “civilizado”, não em um sentido de enquadramento, mas que ela pode conviver com os elementos da cultura dentro de um contexto social atual, no tempo presente. Então, quando eu vejo ali eu vejo além da roda, eu recebo muito o retorno positivo do público em geral, do evento enquanto um marco. No aulão, eu não procuro

jogar, eu não procuro fazer, eu procuro ter essa visualização de organização, de cuidado com as crianças, com os idosos e com todo mundo no fazer da capoeira, pois, no fazer da capoeira, os demais mestres dão conta, mas o acontecimento ali do aulão, eu primo por isso. Que acontecimento? Não ter acidente, ter atingido todas as faixas etárias, ter um cuidado com o corpo, com a saúde e ter níveis diferentes de participação. Esses elementos, que vejo ali, dão um retorno para toda a capoeira, independente de grupo. Um avanço muito bom do aulão da amizade. Infelizmente, não conseguimos, devido a falta de recursos financeiros. Se todos irem com a camisa do seu grupo, mas nem todos tem camisa, não temos dinheiro para trazer alguns mestres. Então, é o que chamamos de cultura da festa que tem na capoeira... as primeiras rodas da capoeira são registradas com canto, comida, encontro, movimento, alegria, então, chamamos de cultura da festa na formação da capoeira. Então, a gente prima por esse momento na cultura, na celebração do encontro, que é a cultura da festa.

O grupo beribazú também realiza alguns eventos. Mestre Joerlis, que é um dos mestres do grupo, realizou um evento com as crianças e adolescentes dos Cajuns, ele levou em torno de 15 a 20 ônibus. Foram 10 rodas de 80 a 90 alunos. Foi um evento muito grande. Também, realizamos muitas rodas nos mais diversos espaços públicos da cidade, em praças, na praia. O grupo tem essa dinâmica, às vezes, acontece várias rodas, sempre com a mesma intencionalidade de levar a cultura afro-brasileira e potencializar a cidadania.

#### **O grupo recebe algum tipo de apoio para sua manutenção?**

Resp.: Não! O único apoio que o grupo recebe é através dos editais (Secult, da lei Rubens Braga, das leis federais), mas isso é muito complicado, pois, nem sempre o dinheiro chega. Eu sou uma exceção dentro da capoeira, pois, eu ganho do governo federal por ser funcionária da universidade e isso não é uma referência para os professores do grupo beribazú e de outros grupos. Os outros, infelizmente, sobrevivem. O apoio é muito difícil para realização dos eventos. Realizamos rifas.

#### **Já houve algum episódio marcante no sentido de dificuldade de realizar uma roda de capoeira?**

Resp.: Já tivemos muitas dificuldades financeiras, até mesmo ter que tirar dinheiro do próprio bolso. Isso é constante para todos os mestres, por exemplo, não tenho que descrever um edital para comprar berimbal e um atabaque, porque eles pedem na universidade o licenciamento da madeira. Então, tem um complicador econômico até o complicador burocrático. Para a realização de evento, por exemplo, a própria federação de capoeira veio com mandato de segurança, proibindo evento. Eu já respondi processo de mestre de capoeira, alegando que não tinha capacidade para dar aula em determinado ambiente. Já tive uma roda de capoeira que cantei uma música de uma passagem histórica de um conflito entre capoeira e a polícia... e os policiais chegaram e pediram para parar de cantar, pois a música era uma ofensa à polícia. Então, já teve vários episódios. Outra vez, estava fazendo um projeto na praça dos namorados e a prefeitura sem nenhuma explicação proibiu a realização das atividades no espaço. Era um projeto que atendia crianças de alto risco de vulnerabilidade social. Esse episódio foi o mais marcante, pois, ao contar para as crianças o fim do projeto, elas ficaram revoltadas, muitas começaram a chorar. Enfim, são vários episódios.

#### **Você acredita que o grupo de capoeira contribui para a consolidação da identidade cultural daqueles que participam? Como?**

Resp.: Sim! Já foi feito alguns estudos a respeito desse tema, inclusive, serviu como referência para a construção do dossiê do IPHAN. Eu acredito que forma, pois, procuramos fazer uma apresentação de capoeira, a partir do fenômeno da análise síntese. São apresentados os ritmos do berimbal, do berimbal e de toda a sua bateria. Depois a música com vários ritmos, depois o movimento feito isolado, o movimento dois a dois a canto, até chegar na roda, que é símbolo maior. Isso constrói, através do grupo, da música e do movimento da capoeira. Dentro das lutas, uma das formas de apropriação é pela apreciação estética e pela identidade.

*Elas se criam inicialmente pelos órgãos do sentido, pela observação, pela audição e pela visão. Você vai criando uma apreciação identitária, só que tem um problema, a identidade pode ser uma identidade de resistência, uma identidade de projeto ou uma identidade legitimadora, que são identidades completamente diferentes. Então, depende como a pessoa recebe isso, a partir da formação que já tem, mas eu acredito que constrói uma identidade e o grupo tem essa proposta.*

**Como se dá a transmissão do saber no universo da capoeira?**

*Resp.: A transmissão dos saberes vem a partir dos fazeres, a maneira que esse saber é transmitido dentro do cotidiano, que chamamos de aula. Não tem mais a transmissão oral, formas criadas metodologias. Esse saber é constituído de alguns elementos que são: Criar vínculo, trazer a pessoa com uma mensagem, com uma atividade, depois, você brinca com essa pessoa. Seriam brincadeiras contextualizadas com a capoeira, depois, você condiciona, tem que ter um condicionamento físico. A capoeira é uma prática complexa para o corpo, seus movimentos são em vários planos invertidos, girados e precisam condicionar o seu corpo querendo ou não. Ou então, você não consegue fazer alguns elementos da capoeira. Você trabalha em dupla e individualmente a técnica do movimento. A técnica não no sentido da robotização, mas o gesto apurado. Você joga, você canta, você tem uma parte histórica, tem um parte ritualística, tem a roda e a avaliação. Esses são os elementos trabalhados dentro de beribazú para desenvolver o saber.*

**Quais são as contribuições que o grupo fornece para a comunidade local?**

*Resp.: Para mim, é a maior felicidade, quando comecei a dar aula em 85. Só existia esse trabalho, então, todos saíram daqui direto eu indiretamente, todos passaram por mim. Então, hoje, quando vejo a capoeira em São Mateus, na Serra, Vila Velha, Vitória, Cariacica, começando em Cachoeiro, eu acredito que esse retorno extrapolou o entorno. Eu tenho alunos dando aula de capoeira 1km daqui, tanto na Mata da Praia, em São Pedro em várias comunidades, então, o retorno é muito*

*grande. A contribuição é muito grande, pois, estamos nas escolas e nos projetos.*

**O que você entende por cidadania?**

*Resp.: Não existe cidadania neste país. Cidadania existe de direita, na parte jurídica, no voto, então, é uma cidadania incompleta. Eu posso falar que tentamos levar a cidadania, mas ela chega incompleta, não é uma cidadania plena, eu não posso falar que na capoeira e no grupo, trabalhamos a cidadania plena. O que seria uma cidadania plena? Ter o poder de decidir acima do Estado, mas nós não temos isso. A capoeira não tem esse poder, nós trabalhamos a cidadania no sentido de encaminhar, mostrar o caminho, criar proximidade com a cultura. Para mim, a cidadania seria você ter poder de decisão sobre o seu destino com qualidade de vida e com a consciência. A capoeira trabalha, sim, com cidadania, mas de forma limitada, apontando, guiando, balizando a criança, o jovem e o adulto, onde ele pode ir de uma forma segura, diante das drogas, das armas e do comércio do corpo. Nós trabalhamos uma cidadania muito limitada. A capoeira possibilita uma cidadania autônoma, cuidadora, pois, o poder decisório, a capoeira não tem espaço para isso. A capoeira, em sua trajetória, exerce uma cidadania de resistência.*

**Existe alguma ação que o grupo realiza que contribui para a formação da cidadania?**

*Resp.: Sim! Existe alguns projetos onde orientamos a importância de ter todos os documentos pessoais, começando pela carteira de identidade. Orientamos a estudar, a se colocar no mercado de trabalho, são elementos pontuais, por isso que falo que é uma cidadania limitada. Um outro ponto é a relação com meio ambiente, o lixo. O cuidado com a saúde, então, trabalhamos o banho, a higienização a boa alimentação, mas às vezes, a criança não tem o alimento em casa, por isso, falo que é limitada. Não adianta falar que tem que chegar em casa e se alimentar se o cara não tem condições de comprar. Por isso que ela é limitada, trabalhamos também nas reconfigurações familiares. Trabalhamos nesses tipos de formação do cidadão, para que ao menos possa balizar, tomar uma atitude e orientar a formação.*

**Em sua opinião, como a capoeira atua em prol da cidadania? Como você percebe a cidadania dentro dos**

**eventos realizados pela capoeira (batizados, rodas, formaturas)? Como a capoeira pode contribuir para a ampliação da formação cidadã?**

Resp.: Nos eventos de capoeira, eu vejo resultado da cidadania e, consequentemente, a cidadania vem a partir do comportamento. Por exemplo, a criança recebe o uniforme no projeto e chega com o uniforme impecável. Isso demonstra como ela e, muitas vezes, a família participam. A reconfiguração familiar fortalece as que tem e resgata quem não tem o comportamento social dentro do ritual da capoeira, paciência, escuta de esperar seu momento de jogo e também na construção do evento, pois todo mundo se envolve. A simbologia maior da representação da cidadania é quando ele recebe um grau, um reconhecimento através da nova corda, que acaba construindo uma cidadania. O alcance do objetivo, naquele espaço, não é uma cidadania de Estado maior, naquele momento, existe um momento de valorização do cidadão diante do contexto cultural que é a capoeira: há uma identidade, há um reconhecimento, há um vínculo. A materialização é quando ele sai do evento e volta para casa circulando com a roupa na comunidade e as pessoas envolvidas com comportamentos inadequados (traficantes, assaltantes) respeitam aquelas crianças e, por vezes, até protege. Nesse momento, fica evidente a cidadania de resistência, que sabe que existe a pessoa mais respeita.

Entrevista 03

Mestra Furinha – Grupo Barravento

Local: São Pedro e Andorinhas

**Você poderia começar falando um pouco sobre a sua história, sua vivência na capoeira. Seu processo como se deu. Você descobriu a capoeira ou a capoeira te descobriu?**

Resp.: Foi os dois. Eu descobri a capoeira e ela me descobriu. Eu comecei a capoeira em 1993. Por coincidência, não era nem para eu começar a capoeira, foi minha mãe que levou meu irmão para conhecer a arte e uma semana depois eu fui. Chegando lá, vi a capoeira e bati o olho e me apaixonei. Eu estava com 13 anos de

idade. Aí, comecei a treinar aqui na comunidade de Itararé, em Santa Rita de Cassia com meu mestre que sempre trabalhou com comunidade, mestre Pedro. Comecei ali treinando, fui praticando a capoeira, fui pegando as cordas e faço 25 anos de capoeira esse ano e minha vivência na capoeira sempre desenvolvi meus trabalhos, meus projetos, escola aberta, Cajum, trabalhei com crianças, tirando-as da rua, fazendo música pro grupo de capoeira Barravento. Como eu falei, tenho 25 anos de capoeira, mas de mestre tenho 5 anos e dou aulas aos sábados na comunidade na Ilha das Caieiras e também organizo um projeto movimento das mulheres capoeirista do Espírito Santo. Hoje, está com um ano e alguns meses e esse é o espaço das mulheres na capoeira e minha história é isso aí. Foi sempre dentro do BarraVento, sempre com o mesmo mestre, com o mesmo grupo, nunca sai, nunca me desloquei para outro grupo. Na realidade, quando conheci meu mestre, era Besouro, era o grupo que ele estava treinando, mas ele voltou para a raiz dele que é o BarraVento, onde deu continuidade, sempre no mesmo grupo, nunca troquei.

**Poderia falar um pouco da história do Barravento**

Pesp.: Então, quando eu entrei, era grupo Besouro, mas logo depois, meu mestre Torpedo voltou para o grupo dele e na realidade, o mestre do grupo Barravento é o mestre Rafael, que devido a alguns anos ele sofreu um acidente de carro e teve que se afastar da capoeira. Quem segurou o grupo foi o mestre Pedro que deu continuidade a história do Barravento, que é um nome muito forte. Barravento é energia, o movimento bate e ele sai derrubando tudo. É uma energia muito forte. O grupo e o mestre Pedro deram continuidade e, hoje, aqui em Andorinhas, é matriz, mas temos vários alunos, vários contramestres, vários núcleos dentro das comunidades.

**Aqui na cidade de Vitoria onde Barra vento tem os núcleos?**

Resp.: tem o grupo que eu dou aula, que é na Ilha das Caieiras, tem o núcleo do Arcanjo que é em São Pedro, na escola TAN, tem o grupo do mestre Guerreiro, que é na Gurigica, tem o grupo de monitores que se encontram e tem um em Carapina na Serra.

**A relação da capoeira junto com os espaços públicos está muito presente, a partir do momento que o grupo de capoeira se apropria de determinado local. Na sua**



**concepção, você acredita que surge algum sentimento de pertencimento com local? Hoje o Barra vento está presente em várias comunidades, existe algum sentimento de pertencimento tanto por parte dos mestres quanto de quem participa e de quem treina?**

Resp.: *Onde que o grupo se encontra, hoje, a capoeira está mais unida e falamos com todos os grupos, mas vamos supor, eu dou aula na escola Eliana, não quer dizer que o espaço se julga ser meu, mas por respeito a um outro grupo, não pode chegar assim, acaba que esse espaço é da mestra Furinha, ela que dá aula ali. O espaço do São Pedro é do Arcanjo. Existe até uns outros grupos mais vizinhos, mas não vão colocar tão na vizinhança e acabam se tornando, assim, um respeito, uma hierarquia. Igual quando as pessoas estão vendendo no seu espaço e o outro não pode pegar. Assim é como eu vejo como mestra.*

**Existiu algum critério de escolha desses lugares, por exemplo, fazer as sedes dos treinos e realizar uma roda? Existe algum critério que vocês adotam?**

Resp.: *sim! A gente vai mais assim, surge uma pessoa de chamar: “Ah, tem como você dar aula naquele local”, “naquele bairro”, “naquela comunidade”? E a gente acaba fazendo ali o espaço de aula e algumas vezes surge uma roda como o Arcanjo fez. Ele preferiu um espaço que o Barravento está sempre localizado. Questão de visibilidade. Fica mais próximo para todo mundo do grupo.*

**E você acredita que a utilização do espaço pela capoeira, como por exemplo na roda que aconteceu na sexta-feira, reforça o caráter coletivo do espaço?**

Resp.: *Com certeza! Reforça tanto as pessoas que estão fora presente e até mesmo quem não sabe que não tem capoeira, passa a saber que tem um espaço, um projeto que está sendo puxado ali. Têm pessoas que gostam e que no outro dia já estão procurando a gente para entrar na capoeira. E acrescenta o nome do grupo também, a imagem do mestre Arcanjo e a imagem do grupo Barravento.*

**E quando o grupo se apropria de determinado local para a realizações de suas ações existem outras intencionalidades além da própria realização da roda. Vocês pensam em algo que vai além da capoeira?**

Resp.: *Vamos supor que tem um evento, pode colocar uma dança afro, um zumba, coisas que estejam mais relacionadas. Às vezes, nem é da capoeira, mas que está batendo junto com o esporte ali naquele momento, aí, acontece de programar outra coisa assim.*

**E envolvendo essa questão da cidadania, querendo ou não, quando a gente ocupa um espaço, vocês estão levando cultura. Vocês pensam que pode atingir esse caráter de formação cidadã?**

Resp.: *Com certeza. A capoeira como um todo possibilita a formação da cidadania, é uma cultura muito rica e os espaços onde ela chega, ela faz a diferença.*

**O grupo recebe algum tipo de apoio para a sua manutenção?**

Resp.: *Não. No momento não. De fora, no momento não.*

**E nos eventos acontecem algum apoio?**

Resp.: *Quando tem evento, acontece de algum vereador ajudar com algumas coisas, materiais para o grupo, para as crianças. Já teve candidato que ajudou, sim.*

**Mas hoje os grupos que estão espalhados na cidade de Vitória são os mestres e os alunos mesmo que arcam com os instrumentos.**

Resp.: *Sim, tudo nós, instrumentos, uniforme para as crianças. A gente tenta vender por um preço mais barato, até porque uma criança que não tem condições, a gente vai ali e ajuda. Na parte da cidadania, até está tirando as crianças da rua. É uma forma de várias crianças que estamos ali puxando. A gente procura saber como eles estão na escola. Se ele fuma, se ele bebe. Tenta tirar isso do adolescente. Como é o comportamento dele fora da capoeira. Acaba se tornando cidadã, quando entra para a capoeira ele se modifica, ele muda. Tem disciplina, tem educação. Ele vai usar ali o que a gente está conversando com ele e ensinando pra ele. Muitos alunos que entram de uma forma, sai de outra.*

**Já houve algum episódio marcante no sentido de dificuldade em realização de um evento, de uma roda?**

Resp.: *Não. Nas nossas rodas sempre têm aquela correria, mas no final, dá tudo certo. Barravento é muito unido e sempre nos eventos no final é só alegria*

**A matriz do Barra Vento é aqui no Espírito Santo?**

Resp.: *É aqui mesmo, em Vitória.*

Elvis fala: Mas a linhagem do Barra Vento, hoje, nós temos capoeira e se fosse classificar seria regional ou

Angola? Vocês conseguem se identificar dentro dessas classificações? Acha importante isso?

Resp.: *O Barravento fala que é de capoeira primitiva, capoeira bem lenta, bem tranquilo. Mas aonde o berimbau tocar. Se a gente for num grupo de Angola, a gente toca Angola. Mas a linhagem do Barravento é primitiva.*

**Você acredita que de alguma forma o grupo de capoeira contribui para a consolidação da identidade cultural daqueles que participam?**

Resp.: *Sim, com certeza. Até mesmo tirando as crianças e os adolescentes da rua e estamos ajudando de alguma forma que a pessoa entra na capoeira e o comportamento já fica diferente.*

**Dentro do Barravento hoje como se dá a transmissão do saber? Exemplo, estamos vendo um treino aqui agora. No dia a dia, como é essa transmissão do saber da capoeira? Como vocês passam a metodologia, a forma de ensinar?**

Resp.: *Metodologia vai de acordo com, não sei se foi essa pergunta, mas ele passou ali um treino que, no geral, tinham crianças, adolescentes, e ali vai de acordo com a graduação. Se ele ver que os alunos já estão mais graduados, já passa um treino mais avançado. Se tem muita criança, já passa um treino especificamente para crianças. Vai de acordo como estão os alunos ali, a graduação no momento.*

**Quais as contribuições que o grupo fornece hoje para a comunidade onde está presente, seja aqui em Andorinhas, seja em São Pedro, Seja na Ilha das Caieiras? Quais as contribuições que a capoeira deixa?**

Resp.: *A contribuição é tirar os adolescentes da rua. Até mesmo, o Barravento chegou a trabalhar com cesta básica. Chegava a fazer uma roda por mês para fazer cesta básica para quem estava precisando e a gente entregava no centro comunitário. O Barravento trabalhou muito com isso.*

**O que você entende por cidadania? E como a capoeira pode contribuir para a formação cidadã dos indivíduos?**

Resp.: *A capoeira faz um cidadão, porque hoje a pessoa começa, ele é aluno, aí, ele vai indo e pegando formação,*

*vai sendo monitor, professor, contramestre, até ele se formar um mestre, um cidadão.*

**Esse processo é longo?**

Resp.: *é e vai indo pela hierarquia, até ele chegar a mestre e em outras formas também, ele não vai ser só um cidadão na capoeira, o comportamento dele vai ser em qualquer lugar que ele vai entrar, ele vai saber como se comportar na forma que ele aprendeu na capoeira.*

**Você acha que hoje o capoeirista consegue sobreviver, se manter da capoeira?**

Resp.: *Tem capoeira que só vive de capoeira, já tem mestres aí que viajam pra fora vivendo só de capoeira. Eu não me vejo vivendo só de capoeira. Até mesmo como a gente trabalha só com comunidade, então, não me vejo assim.*

**Acaba tendo um caráter mais social do que financeiro.**

Resp.: *Tem pessoas que trabalham pela prefeitura, projetos e acaba vivendo de capoeira. Tem pessoas que conseguem e tem pessoas que não conseguem.*

**Qual a importância da roda de capoeira?**

Resp.: *É tudo. A importância da roda de capoeira é onde nós, vou falar por mim, é onde que eu me encontro. Quando estou dentro de uma roda de capoeira, eu posso ter chegado cheias de problemas, mas quando eu estou na roda, eu esqueço tudo. É através das músicas, eu tocando um instrumento, é eu cantando sobre os escravos, sobre a história da capoeira, é eu cantando com meus amigos. A capoeira, cada música dela, tem uma fase, eu posso cantar com meus amigos. É dentro dela que eu me encontro e que eu esqueço de tudo. Ela é muito importante, ela é importante para tudo, é onde vamos encontrar todo mundo. E quando nós estamos dentro da roda, dois oponentes, dois jogadores acabam se tornando um só. Onde também que um está perguntando e o outro está respondendo o jogo.*

Resp.: *Eu fiz essa pergunta porque me lembrei da sua energia quando você cantou para Dandara. Foi uma energia tão forte, eu acho que é um momento meio um simbolismo tão grande ali que você transmitiu através da energia que você cantou, que eu falei que bacana.*

Resp.: *Quando eu canto, eu esqueço de tudo, eu tô concentrada naquilo que eu estou cantando, igual cantei para Dandara, não sei se você sabe a história da*

*Dandara, ela foi esposa de Zumbi, aí na época, ela lutou no quilombo dos Palmares, foi uma mulher muito guerreira, como esposa do Zumbi. Ela teve três filhos com ele e na época da escravidão, ela lutava ao lado dele para poder não ser pega com os escravos e para poder acabar com a escravidão. Ela lutou ao lado dele e dizem que ela também aprendeu capoeira. Só que por fim, o tio do Zumbi, o Gazumba, ele até pediu paz, só que o que ele pediu, não ia adiantar, ia ser liberdade pra uns e para os outros não. Aí, o que ela falou: “nós queremos liberdade e igualdade para todos”. Foi uma mulher guerreira mesmo, tanto que aí, depois, o Jorge velho invadiu o quilombo dos Palmares, onde aconteceu a guerra toda, capturou ela como escrava e para não ficar como escrava, ela veio a se suicidar. Ela preferiu se matar do que ser escrava. E um ano depois, foi seu esposo que conseguiu sair dos Palmares. Ela foi mulher guerreira, que lutou pelo quilombo o tempo todo. Sempre falo na roda dos movimentos: “tem a Dandara, tem a música da Maria Felipa e tem a Maria do Cambota”. São mulheres guerreiras que, na época, elas não faziam capoeira, mas lutaram capoeira. Então, temos que lembrar delas, que hoje nós podemos representar essas mulheres que foram guerreiras. Hoje, tem o movimento de capoeira das mulheres do Espírito Santo, que leva capoeira para cada mulher que tem seu jeito de guerreira. Então, quando eu canto, eu lembro delas e aquela energia é forte.*

Entrevista 04

Mestre Sapeba – Grupo Sapeba Capoeira

Local: Orla de Camburi

**Mestre, para começarmos você, poderia falar o que você entende por Cultura?**

**Resp.:** *Cultura é a manifestação que representa o povo. Que representa uma região, seja ela artística ou histórica, seja através da música, da dança e da alimentação. Nesse quesito, a capoeira contribui muito por envolver a cultura. Cultura nacional como a cultura local, também, porque a capoeira traz essa regionalidade dentro da sua prática. A gente ver muito isso, você*

*comparando a capoeira dos estados. A capoeira da Bahia é diferente da Capoeira do Rio de Janeiro.*

**E a capoeira do Espírito Santo se aproxima mais da qual?**

**Resp.:** *No Espírito Santo, não só a capoeira como quase tudo aqui é uma mistura de Minas, Rio e Bahia. Então, a capoeira mais forte aqui, eu acho que Rio e Bahia são as duas vertentes mais fortes que influenciaram a capoeira do Espírito Santo. Até porque a capoeira do Rio tem forte influência da Bahia também. Então, a gente acha que tem esses dois locais influenciadores na capoeira, pelo menos no meu ponto de vista. Eu passei por uma escola onde a estrutura de ensino foi desenvolvida no Rio de Janeiro por um Baiano. Então, ele pegou ali tanto a capoeira carioca quanto capoeira que ele aprendeu.*

**Quanto tempo de capoeira você tem? Como foi sua trajetória dentro da capoeira? Como você teve seus primeiros contatos? Como você iniciou na capoeira?**

**Mestre Sapeba fala:** *Iniciei a capoeira em 1984. Foi meu primeiro contato com a capoeira no grupo de senzala. Na época, era o professor Luiz Paulo, depois que ele se formou mestre. E eu era criança ainda e estava assistindo televisão e ouvi uma música de capoeira, música de um cantor capixaba chamado Carlos Bono. O nome da música era capoeira, história e magia. Me encantei com aquela cena ali e falei com minha mãe que eu queria aprender aquilo ali e ela falou que na academia lá perto de casa tinha. Fui lá e conheci o Luiz Paulo. Eu tinha 10 anos de idade. E aí parei, pois, tive um tumor na perna, então, desanimei de voltar. Em 1988, voltei a praticar capoeira com o mestre Luiz Paulo, através de um tio meu que era diretor do departamento Estadual de Cultura. Na época, não tinha secretaria ainda, era o DEC e ele entrou em contato com o mestre Luiz Paulo que conseguiu uma bolsa. Eu entrei na capoeira. Em 1989, eu passei a treinar com o mestre capixaba, comecei assistir às aulas dele que tinham perto da minha casa e me identifiquei demais e, aí, fiquei com o mestre que é meu mestre até hoje, apesar de eu não fazer parte da mesma escola dele.*

**E qual a sua escola?**

**Resp.:** *Hoje... na verdade, essa decisão foi tomada hoje, porque eu participei em 89 quando eu fui com o mestre*

capixaba, era grupo senzala. Em 90, ele deixou o grupo senzala e ficou um tempo sem grupo, mais ou menos parecido com o que eu fiquei durante 5 anos. Em 91, a gente foi para o abadá capoeira. Foi o grupo que o mestre montou e a gente acompanhou.

Em 2002, eu parei de treinar e, aí, por questões pessoais e emocionais, não estava feliz na capoeira e tinham algumas coisas que estavam me incomodando e parei. Em 2005, eu voltei a treinar e o mestre capixaba tinha saído do grupo abadá, então ficamos novamente sem grupo.

Em 2006/2007, ele fundou o próprio grupo chamado a Capoeira e eu fiquei até 2010/2011. Em 2007, ele mudou e perdemos o contato, mas eu continuei me considerando do grupo e aí eu comecei meu trabalho aqui na prefeitura. Passei num concurso em 2010. Em 2012, eu ofereci a prática de capoeira mais como uma prática corporal oferecida pelo serviço da Secretaria de saúde.

#### **Sem estar vinculado a nenhum grupo?**

**Resp.:** Sim, sem estar vinculado a nenhum grupo, pois não tinha grupo, era um projeto da Prefeitura com a secretaria de saúde. Claro que tinha um intuito social também de inclusão. Então, não deveria ter nome de grupo, mas a cultura da capoeira, a coisa que todo mundo que você vai te pergunta: “Você é de que grupo?”. Todo mundo pergunta isso, até os alunos começaram a me perguntar: “De que grupo eu sou?” Nenhum, você é aluno da Prefeitura e do Sapeba. Aí eles começaram a falar que eles eram do Sapeba capoeira. E o nome foi criação deles. Eles criaram uma logo marca e eu assumi isso, junto com eles. E passamos a nos intitular família Sapeba Capoeira, mas quando perguntavam grupo, não é grupo que nos representa. A identidade nossa é essa. Até então não tínhamos uma associação registrada, porque era projeto da Prefeitura, não poderia ser um grupo. Mas isso criou alguns transtornos e eu decidi parar de oferecer essa prática aqui. Hoje, eu comecei um trabalho no setor privado na capoeira. E agora tem a necessidade de ter um nome do grupo. E nós pensamos em alguns nomes e o mais votado foi Sapeba capoeira. Tentei mudar ainda para mostrar que era algo novo, mas o povo não quer.

#### **Vai ser continuidade?**

**Resp.:** Vai ser como se fosse uma continuidade do que era público e passou a ser privado.

#### **Hoje, o Sapeba capoeira tem vertentes da capoeira regional contemporânea? você conseguiria identificar?**

**Resp.:** Se fosse para identificar umas das três, apesar de ter uma dificuldade em aceitar o nome, a contemporânea. A gente está bem distante do que bimba fazia e minha escola nunca foi de angola, meu mestre pouco passava de angola, porque também não era de onde ele vinha. Ele veio como o discípulo do mestre camisa, que foi discípulo do mestre Bimbo, então, totalmente regional. Só que esse regional foi se desconstruindo e reconstruindo algo diferente. Então, se eu tiver que escolher um dos três nomes, capoeira contemporânea.

#### **Você poderia falar um pouco da sua experiência na praia, sua experiência de ocupar um espaço de público.**

**Resp.:** Foi uma experiência fantástica. A gente começou dia 8 de novembro de 2012 e terminamos agora no final de março de 2018. Foram 5 anos e 5 meses. Inicialmente começou como um prática mais pelo exercício e ginástica, utilizando movimentos de capoeira, mas com objetivo na ginástica, só que os alunos começaram a se envolver com o que a capoeira era. Começaram a querer aprender música com instrumento e a ginástica foi ficando meio em segundo plano. Ela deixou de ter aquele objetivo de prevenção na saúde e passou a ter um olhar mais para o bem-estar. Ela deixou de ser aquele negócio de exercício físico para condicionamento físico, passou a ser a capoeira promovendo saúde na sua visão ampliada de saúde, ou seja, na sensação de sair daqui melhor do que chegou, apenas com esse objetivo. E para isso, a capoeira tem todas as ferramentas. Ela tem a música, ela tem o teatro, ela tem a luta, ela tem a dança, ela tem a parte social de interação. Então, depois de um tempo, as pessoas viam aqui para encontrar outras pessoas que estavam no mesmo propósito, não para fazer ginástica. Essa foi a parte mais rica da transformação que a capoeira teve aqui nesses 5 anos. Uma outra coisa muito interessante é que de todas as atividades que oferecemos aqui na secretaria de saúde, como educadores físicos. É que é umas das poucas atividades que une homens e

*mulheres, pessoas de idades diferentes no mesmo contexto, na mesma aula trocando experiência, trocando vivências. Isso é promoção de saúde também. Uma outra coisa que a capoeira promove e a palavra já dia promove, é a saúde na visão ampliada, coisa que a maioria das atividades que a gente oferece trabalha em cima da prevenção. A pessoa faz alongamento para prevenir uma lesão, para dormir melhor. E a capoeira não, a pessoa faz capoeira porque sai daqui feliz. Isso é saúde. A alto sensação de felicidade. É um denominador de saúde também. E a capoeira promove isso de uma maneira espetacular. Então, é isso o aprendizado que tive aqui nesses anos com a capoeira. Perdi um pouco daquele foco de disputa no jogo, perdi um pouco aquele foco de exercício de treinamento e ganhamos um foco de um ambiente saudável.*

**Então você acredita que a partir de um momento o grupo de capoeira se apropria de um determinado local como foi aqui na orla da praia? você acredita que surge algum sentimento de pertencimento com o local daquelas pessoas que estavam participando, de identidade com o local?**

**Resp.:** *Sim, muito! Um dos nomes que foi proposto para ser nome de grupo foi Camburi capoeira, porque tudo aconteceu aqui durante muito tempo. As pessoas que quando falei que não continuariam, elas falaram assim: “não sei como vou olhar pra esse deck de madeira e não ver capoeira aí”. Outras pessoas de outros grupos falavam quando alguém perguntava onde tem uma roda de capoeira em vitória, indicava sua roda lá em Camburi. Então, aqui passou a ser uma referência de capoeira da cidade. Criou-se uma identidade muito forte no local e a gente chegou a chamar aqui de Nosso Quintal. E esse vínculo se tornou muito forte.*

**Foi difícil cumprir?**

**Resp.:** *Foi difícil até tomar a decisão. Depois da decisão tomada, as pessoas compreenderam minha visão, o porquê eu tomei essa decisão, aí foi mais fácil.*

**Existe outros lugares públicos que utilizavam ou o foco era aqui mesmo na orla?**

**Resp.:** *Dentro das pessoas que estavam comigo, era aqui, mas têm capoeiras em outros lugares públicos, em vitória.*

**Mas o Sapeba capoeira era só aqui mesmo?**

**Resp.:** *Em lugar público aqui e em Cariacica, numa praça, mas agora também acabou.*

**Existe algum critério para a escolha deste lugar?**

**Resp.:** *Aqui foi assim: Fiquei sem dar aula de capoeira de 2002 a 2012, em 2010 eu passei em um concurso público e, certa vez, eu sonhei que eu estava dando aula com todo mundo vestido com roupa de capoeira, pensei: “Meu Deus, será que vou voltar a dar aula de capoeira”? E era aqui. Mas trabalhei em Santo Antônio por mais 2 anos e aí abriu uma vaga aqui nesse local e teve uma prova de remoção de títulos e eu falei: “quero porque é ao lado da minha casa”. Aí, eu vim pra cá. E aí na época meu chefe falou da proposta de oferecer capoeira e perguntou o que eu achava. E eu pensei a capoeira está me chamando. Então, vou voltar a dar aula. Como até então, nessa época, em 2012, eu estava totalmente desvinculado da capoeira, minha filha fazia capoeira num grupo em Jardim Camburi e eu ia lá visitar, fazer um treino e jogar, mas não estava com grupo nenhum, falei: “eu acho que é hora de começar algo novo em minha vida”. E voltar para a capoeira. E foi assim que voltei. Então o espaço pra mim é adequado, o piso é bom, o tamanho é ótimo, algumas coisas são desconfortáveis como dia de chuva e vento forte ou barulho de carro passando ou ônibus, mas isso não impediu.*

**Você acredita que a utilização do espaço pela capoeira reforça o caráter coletivo?**

**Resp.:** *Sim. Eu acho que já te falei sobre isso, socialização. Os alunos viam para cá para se encontrarem mais do que pelo exercício. Aliais, eles continuam vindo porque hoje eu só estou dando aula terça e quinta e segunda e quarta, eles vêm para cá. É como se aqui fosse o quintal deles mesmo. Então, eles vêm e ficam treinando sozinhos.*

**Quando o grupo se apropria de determinado local para realização de suas ações, existem outras finalidades além da própria realização da roda?**

**Resp.:** *Sim. Aqui, o foco além da roda, era trabalhar em prol da saúde e da cidadania. E aí a saúde visando não só a saúde física, mas a saúde intelectual. A capoeira te faz pensar, te refletir, a saúde familiar, aqui nós temos pai, mãe e filho fazendo capoeira. Um feedback muito*

*legal a gente quase não conversava e, hoje, a gente tem assunto para sentar e falar que é a capoeira. A gente chegava em casa do trabalho, cada um tomava seu banho e ia para o seu canto, mas, hoje em dia, a gente volta da capoeira e continua treinando na garagem. Então, quer dizer, o vínculo familiar aumentou, então a saúde familiar melhorou. A parte social nem se fala. A capoeira sozinha já faz esse serviço, não precisa nem se esforçar. A parte financeira, porque querendo ou não, algumas pessoas passaram a dar aula de capoeira e ajudam em casa com o que ganham dando aula de capoeira. A parte profissional, não digo em termo de profissão porque não tem uma formação superior, mas em termo de ofício, gera um ofício para ela, ela se torna alguém em prol da sociedade. E a gente olhando a saúde numa visão ampliada, a gente tem que ver tudo isso, não só a parte física, mas vendo a parte social, intelectual, familiar, profissional, financeiro e a capoeira promove muito isso. E esse era o foco aqui.*

**Em termo de ajuda vocês recebiam alguma ajuda para manutenção?**

**Resp.:** *Durante o início, como eu sou o único profissional do serviço que tenho essa prática para oferecer e por ser muito sozinho, ficava difícil entrar numa licitação para conseguir algum recurso com uma pessoa só trabalhando. Então, inicialmente, eu oferecia a capoeira por iniciativa minha, porque não foi o serviço que falou que eu ia dar aula de capoeira. O chefe com o Beto comentou: “oh se você quiser oferecer” ... “Ah, Deus está me chamando, eu vou”. Então, foi iniciativa minha. Então, dificilmente eu poderia cobrar algum recurso, apesar de eu pedir várias vezes. Durante muitos anos, eu comprei os instrumentos do meu bolso, um atabaque custa 550,00. Comprei dois, 1100,00. Pandeiro comprei vários aqui. Também arrombaram e roubavam meus pandeiros, eu comprava e roubavam, até o momento que eu disse que não compraria mais, aí fizeram uma vaquinha e compraram. E no último ano, exatamente no ano passado, a Prefeitura entrou com o pedido e comprou 2 atabaques, 3 pandeiros e 3 agogôs. Berimbau eu nem pedi porque eu sei que não viria o berimbau do meu gosto, então, eu preferi continuar com os meus mesmos. Inclusive, os instrumentos estão aqui para eles recolherem, pois, não tem capoeira mais.*

**E para a realização de eventos, vocês chagaram a realizar algum nesse período?**

**Resp.:** *Realizei 5 eventos, um por ano, de 2013 a 2017. Na verdade, não realizei o evento, os alunos que realizaram junto comigo e com a minha supervisão. Eu pedi apoio à Prefeitura nos dois primeiros anos e eu falava com meu chefe e ele dizia: “cara, não tem dinheiro a Prefeitura está quebrada, não adianta, a gente pede material para o nosso serviço e demora chegar, então, dificilmente, você vai conseguir alguma coisa. O que eu posso conseguir para você é uma cadeira, caixa de som, microfone, mas recurso financeiro nem pensar”. Então, os próprios alunos se uniam e criavam um valor para trazer os mestres que a gente queria convidar. Então, o evento foi feito pelo grupo e não pelo Prefeitura.*

**E como funcionou o sistema de graduação?**

**Resp.:** *O sistema de Graduação eu trouxe da escola que eu fazia parte, só dei sequência.*

**Segue as cores da bandeira do Brasil?**

**Resp.:** *Não, o sistema não. Vou falar as cores inteiras e entre essas cores inteiras, têm cores intermediárias, metade uma cor, metade outra. O aluno começa numa corda crua, que a gente considera aluno iniciante e depois passa a ser amarela; depois vem a laranja, essas duas cordas de alunos intermediários; depois vem a corda azul, a corda de instrutor; aí vem a corda verde que continua instrutor; depois roxa passa a ser professor, marrom professor e vermelha mestre. Entre cada uma dessas, tem as intermediárias, que é metade cada cor.*

**E durante esse período aqui houve algum episódio marcante no sentido de dificuldade de realização do grupo além dessas questões financeiras?**

**Resp.:** *Tivemos dificuldades e por essas dificuldades que eu decidir parar. Uma das dificuldades, posso estar interpretando errado, mas eu penso que foi inveja. Eu participo de um grupo de WhatsApp com vários professores de capoeira e um deles questionou: “como pode a capoeira está sendo oferecida numa região de elite de graça, enquanto outras pessoas precisam ganhar dinheiro com capoeira nessa região e não consegue, porque as pessoas não vão deixar de treinar com um mestre de graça para treinar com um professor pagando”. E isso me incomodou um pouquinho, mas eu*

não posso deixar de oferecer um talento que eu tenho dentro de um horário que eu tenho que cumprir e jogar esse tempo fora e deixar de oferecer algo tão bom. E não entendo também que uma pessoa mais carente mereça mais que uma pessoa que tem condições e que uma pessoa que tem condições não possa ter a oportunidade de conhecer essa arte sem pagar. Por que não seja pagamos tantos impostos e esses impostos pagam meu salário. Então, a gente pode pensar que uma pessoa que tem mais condições financeiras são as pessoas que pagam mais impostos ou deveriam pagar. E podem ter algo de volta. Então, isso é uma coisa que me incomodou, mas não me fez parar. Eu tenho essa consciência de que todos merecem, o que falta são professores capacitados para darem aulas em todos os lugares e a gente não tem. Para aprenderem a captar recursos para dar aulas as comunidades carentes, assim como para a comunidade que tem condições. Depois, tiveram algumas denúncias caluniosas a meu respeito. Teve uma denúncia no 156 todas anônimas de que eu incentivava a violência aqui. Mas meu chefe e toda a coordenação técnica conheciam meu trabalho e responderam com muita propriedade que não tinha nada disso aqui. Depois, teve uma denúncia que eu cobrava e quem não pagava eu perseguia, também anônima. E isso foi meio que me bombardeando, porque você ver que são pessoas que para mim, tirando conclusão totalmente precipitada, mas para mim é do próprio meio que estavam incomodadas com sucesso do serviço aqui. Ai, eu fui me cansando, isso foi me abatendo muito e eu não preciso financeiramente da capoeira da praia, porque não muda meu salário. Por exemplo, agora parei de dar aulas de capoeira, mas estou dando aula de ginástica. Hoje, fiz uma caminhada coletiva, amanhã vou dar um circuito e assim vai. Eu continuo oferecendo saúde de outras maneiras sem precisar de me desgastar tanto emocionalmente. E foi por esse motivo que eu parei. Essa para mim foi a maior dificuldade que eu senti aqui. Fora isso não. O apoio da Prefeitura foi muito grande, eles sempre me apoiaram, me protegeram, conhecem meu trabalho. Era um carro chefe dos nossos eventos a capoeira, era o momento auge dos eventos de fim de semana. Então, não foi isso a minha questão. A questão mais emocional mesmo que já

não estava me fazendo tão bem e aí eu falei: “acho que está bom, deu”. “Está plantada a semente”. Nada impede de voltar. Mas é um momento meu.

**Você acredita que de alguma forma a capoeira pode contribuir para consolidação da identidade cultural daqueles que participam?**

**Resp.:** Muito. A capoeira tem uma essência de brasilidade tão grande. A capoeira traz em si, nas cantigas, nos gestos motores, em tudo. Na história do Brasil e da história da nossa ancestralidade, de quem passou antes da gente. A gente traz junto com a gente isso num movimento de capoeira, num gesto, num olhar, na música. No que a música fala, não só no ritmo, mas no que as letras contam. Então, a pessoa passa a conhecer um pouco mais do Brasil, do Espírito Santo, de Vitória, de cultura de outros estados também através da capoeira. Uma fonte riquíssima de cultura, principalmente, cultura afros brasileiras, mas também indígena, por quê não? Tantas palavras na capoeira são indígenas, a própria palavra capoeira tem também significado indígena. Então, eu acho que tem a brasilidade total aí, a pessoa entra na capoeira, se ela pensava em outros países em morar na Europa, como teve um aluno que falou outro dia que pensava em ir embora daqui, morar em outro país, quando conheceu a capoeira passou amar o país e não quis mais sair daqui de vitória, para continuar conosco. Então, quer dizer, amou a sua própria cultura, mudou o foco.

**Quais as contribuições que a capoeira fornece para a comunidade? Mas é o que você citou no exemplo anterior.**

**Resp.:** Olha eu acho que tem muitas contribuições individuais e coletivas. Capoeira é uma fonte de saberes. Dentro da capoeira mesmo os próprios alunos trazem os saberes para cá, não só vivências que eles passaram na vida, mas o que eles estudaram também. Isso se soma aqui. E essas somas de saberes contribui para comunidade de forma como se fosse uma corrente do bem. Eu ajudo a você, que passa esse conhecimento para ela e que passa para o outro. Então pensando dessa maneira. Individuais, vou dar outro exemplo: outro aluno chegou e falou assim: Eu estava desanimado na faculdade, pensando em parar, eu já não queria estudar mais, aí comecei a fazer capoeira e aí eu falei, agora

*descobrir o que eu quero para mim. Eu quero ser capoeirista. E aí um dia você falou bem assim, a pessoa que quer ser mestre na capoeira ela tem que ser mestre na vida dela, e aí caiu a ficha para mim, eu estava jogando meu sonho fora. Então hoje eu estou estudando. Tirando notas boas de novo, abracei meu curso, não parei a capoeira, ela continua sendo meu sonho também. Mas eu passei a controlar melhor a minha vida e fora da capoeira também.*

*Então eu acho que essa é a contribuição que a capoeira fala para o aluno, isso que ela troca com o praticante. É um bem para a comunidade, gigantesco. Uma outra coisa que eu acredito muito também, é que a pessoa vem para cá com certos sentimentos ruins de coisas que ela passou no dia e que trouxe um mal-estar e ela sai da capoeira renovada e ela vai tratar melhor a mãe em casa, ou pai ou o marido, ou a esposa, por que ela volta feliz para casa. Eu acho que tudo que traz felicidade é um bem para a comunidade.*

**Para finalizar, o que você entende por cidadania dentro da capoeira e com a capoeira pode contribuir para a formação cidadã dos indivíduos?**

**Resp.:** *A gente pode partir das questões de princípios, respeito ao próximo, lealdade, consciência da importância que tem a integridade física e moral do outro, respeito às leis, porque a capoeira tem regras, tem normas, disciplina, e a pessoa que na capoeira aprende a respeitar as normas, ela lá fora tende a respeitar também. Na capoeira, ela aprende a respeitar o próximo, a tendência dela lá fora também ser um cidadão mais compromissado com o outro. Quando se passa um pouco da história da capoeira, passa um pouco da história do Brasil e esse patriotismo fortalece dentro da pessoa também, e há uma tendência da pessoa ser mais crítica politicamente falando, ou em simples relacionamentos humanos. Então, acredito na formação de um cidadão através da capoeira por essas ferramentas que promovem educação, que promovem socialização e acho que pra pessoa ser realmente um cidadão de bem, ele tem que além de se gostar, se conhecer, respeitar o próximo e a pessoa que não respeita o próximo na capoeira ela não fica. Ela não cabe, porque a capoeira não é individual, apesar de você entra e fazer as coisas e suas movimentações por decisão sua, nem sempre dá certo o*

*que você decide, você depende do outro e só sai bem feito se a roda tiver em sintonia, se todo mundo tiver cantando e batendo palma. Se você tira a música da capoeira, você tira essa sinergia e aí aquele jogo passa a ser robótico, ele deixa de ter um sentimento. Então, a capoeira é um todo. Tanto quem bate palma, quanto quem joga, estão dentro do mesmo processo, pelo menos no meu ponto de vista. A partir do momento que estou tocando berimbau, eu faço parte de um todo, eu sou o que está jogando, eu sou o que está cantando, eu sou o que está batendo palma, eu sou até o que está olhando ao redor, porque ele me transmite algo também. É por aí.*

**Em sua opinião, a capoeira que durante algum tempo foi vista com arte marginal, hoje ela passa perante o estado como um processo de valorização, de reconhecimento, até pelos projetos salvaguarda. Como você percebe, como você entende. Você acha que isso é um movimento bacana, realmente está funcionando?**

**Resp.:** *eu acho que é um movimento ainda lento, mas bacana. Acho que está funcionando. Acho não, é visível que está funcionando, a capoeira está tomando uma visibilidade mundial diferenciada, depois que esse assunto surgiu. A capoeira foi marginalizada por muito tempo por ignorância do povo no sentido de falta de conhecimento. O povo não conhecia a sua arte e a riqueza que ela trazia e aí utilizava na maioria das vezes como ferramentas de guerra, de brigas, de intrigas, de marginalidade. Até temos uma palavra que a gente usa muito na capoeira vadiagem, mas vadiagem é diferente de vadição, vadiagem é crime e vadição é jogar capoeira. São dois termos totalmente diferentes. O capoeirista, quando fala vou vadiar, ele não está falando vagabundar, ele está falando eu vou jogar capoeira e aí isso tudo cria certos preconceitos. Juntando, vamos colocar aí no século passado que a capoeira era utilizada como, tinha as maltas no Rio de Janeiro, que a capoeira era utilizada para atrapalhar o comício do outro político. Que eram brigas praticamente brigas de gangues. Então, a capoeira acaba tendo uma visibilidade justamente negativa e hoje ela é ferramenta pedagógica. Nas melhores escolas de Vitória têm capoeira. Nas creches tem capoeira, na Universidade Federal de*



*Vitória tem capoeira, no Salesiano, o mestre Fábio, foi professor. Então, quer dizer, quanta riqueza numa arte só. Precisa só de o povo acordar. Ainda tem gente que, quando eu estava dando aula aqui, passava aqui e gritava macumba. Várias vezes gritava macumba lelê, e eu dando aula e pensava, vem cá conhecer cara, para um pouquinho e ver que isso aqui não tem nada de religião e não tem mesmo, quem tem religião é o capoeirista e não a capoeira. Senão, eu já teria saindo, sou evangélico. Olha quanto preconceito tem na religião evangélica, capoeira tem. Eu mesmo, durante um tempo, sofri comigo mesmo será que estou certo em continuar na capoeira, porque vejo tanta música falando de certos elementos de umbanda ou de candomblé ou de outras religiões católicas, e eu, meu Deus, será que estou certo? Não tem nada a ver, os capoeiristas trouxeram isso para a capoeira. A capoeira não surgiu com esse intuito, a capoeira surgiu com um lance de liberdade, como luta de libertação. Hoje, a liberdade que ela procura já é outra, contra esse sistema que tenta aprisionar a gente e a capoeira continua lutando, capoeira continua sendo isso. Então, não tem porque ela ser tão marginalizada e ter esse olhar preconceituoso, ainda. Os que têm é porque não conhecem, são ignorantes no sentido de falta de conhecimento.*

#### Entrevista 05

Mestre Nagô – Grupo Renascer

Local: Tabuazeiro

**Nós podemos começar falando um pouco da trajetória na capoeira. Quantos anos de capoeira cada um tem. Como se deu os primeiros contatos.**

*Resp.: eu tenho 42 anos de capoeira. Iniciei com meu irmão em 1975. Os passos foram ensinados pelo meu irmão. Na época, em 1975, eu era aluno do mestre Diabo loiro. E essa trajetória começou lá na capoeira de angola, capoeira primitiva e a partir daí a gente deu continuidade no trabalho. Devagarzinho, fomos galgando de graduação a graduação, praticando, estudando a parte prática, teórica, e fomos pela vida até chegar a mestre. Hoje, sou presidente do conselho dos mestres do estado. Hoje, temos um trabalho social em*

*Tabuazeiro a 28 anos. E, por aí, vamos participando de roda em roda, eventos e eventos.*

#### **Qual a história do grupo renascer?**

*Resp.: Como eu te falei, eu comecei com meu irmão, depois grupo liberdade da Bahia, um professor baiano que deu um curto período de aula para mim, porque meu irmão tinha sofrido um acidente grave e teve que parar com todas as atividades esportivas que ele tinha. Depois de 6 meses com esse professor, ele foi embora pra Bahia e eu fui para o grupo besouro. Do besouro, na época meu ex mestre Torpedo saiu do besouro e nós, eu, ele e mais 2 alunos reerguemos o Barravento. Fiquei no Barra Vento 16 anos e por incompatibilidade de ideias entre mim e o Mestre Torpedo, eu acabei saindo do Barravento e fundando a associação Renascer em 2008. Aí, o Renascer nasceu exatamente em busca da renovação. Tanto que hoje, a nossa logo tem a fênix atrás. Ele não nasceu de uma brincadeira, mas sim por um motivo justo. Ele teve um motivo para nascer que foi de uma busca de conhecimento, de renovação, uma busca de novos horizontes, por isso que o Renascer surgiu.*

**Hoje, dentro da filosofia da capoeira, como o grupo Renascer se identifica? Capoeira Angola, contemporânea, regional. Qual a identidade você daria?**

*Resp.: Nós somos capoeira Angola, capoeira primitiva. Hoje, quando falamos Angola, as pessoas confundem muito como se tivesse feito parte da linhagem de Pastinha. A minha linhagem é primitiva e nós não confundimos, nós não misturamos os toques, os tipos de jogos, a tradição, tudo nós seguimos a capoeira de Angola.*

*Difícilmente, eu aceito aluno de outro grupo ou associação para não misturar a nossa tradição e não haver alguma coisa equivocada. Então, dificilmente eu aceito, só quando eu vejo que a pessoa realmente já conhece a trajetória da tradição da capoeira angola.*

**Hoje, o grupo renascer está presente em mais alguma outra comunidade ou outro bairro de Vitória ou só em Tabuazeiro?**

*Resp.: Não, só em Tabuazeiro.*

**Falando de capoeira, enquanto manifestação cultural, você acredita que a capoeira pode ser utilizada como ferramenta de valorização da cultura Afro Brasileira?**

Resp.: *Com certeza, sim, principalmente porque ela veio do povo africano, ela nasceu do povo africano, dentro do nosso país, mas ela veio de uma linhagem africana. Toda cultura que envolve a capoeira, cultura e religião, mesmo que a capoeira não tenha religião, mas todo o contexto seja na musicalidade, seja na maneira do comportamento da capoeira, seja na tradição de se vestir, no se alimentar, na religião também há uma miscigenação muito grande. Se buscarmos ao fundo mesmo, aquele que conhece a história da capoeira vai ver que a religião dentro da capoeira é totalmente afro brasileira.*

**Você, enquanto mestre que trabalha a anos com a capoeira, o que entende por cultura?**

Resp.: *Cultura eu entendo como toda manifestação popular de um povo, de um país.*

**A história da capoeira sempre esteve presente nos espaços públicos, seja na rua ou nas praças. Você acredita que a capoeira hoje perdeu um pouco desse ritual de ocupar esses espaços públicos?**

Resp.: *Perdeu. Perdeu porque a capoeira, hoje, não está tão popular como já foi antigamente. Hoje, ela está mais inserida nas academias, nas escolas e nos espaços comunitários como o nosso. Dificilmente, você ver roda de capoeira na rua. Isso também foi a preocupação de alguns mestres em retirar a capoeira da rua para dentro de espaços fechados, para dar mais dignidade ao capoeirista, por que na rua acontecia muitas coisas ruins. Eu já participei de várias rodas na rua e víamos muitas barbaridades que mantinham a discriminação, como ainda hoje tem. Mas quando era feito na rua, a discriminação era bem maior, não só racial, mas nos tachávamos de marginais.*

**O bacana é que saiu da rua, mas não deixou de ocupar espaços públicos. Aqui, vocês estão no centro comunitário e a comunidade tem livre acesso.**

Resp.: *Sim, porque no nosso caso, fazemos questão de trazer o pessoal da sociedade, principalmente, as pessoas que ficam à margem da sociedade, para fazer com que eles venham para dentro da sociedade, e não fiquem à margem, na periferia.*

**Você acredita que a utilização de espaços, como centros comunitários, quadras de escolas e praças reforçam o caráter coletivo, a partir do momento que a capoeira se apropria desse espaço?**

Resp.: *Acredito sim, porque, dependendo do local, dependendo de quem está ministrando a aula, você consegue afastar muitas coisas ruins, como já aconteceu aqui conosco. Aqui, nesse espaço, nós tínhamos aqui na frente do espaço drogados, bêbados, moradores de rua. E nós com o nosso trabalho, conseguimos conscientizar que esse pessoal não podia ficar aqui e com a ajuda da comunidade, conseguimos tirar eles daqui e levá-los para um outro lugar, dando mais dignidade ao povo aqui, porque hoje você ver que tem uma academia aqui perto, tem parquinho ali para as crianças e é uma coisa que não acontecia. Quanto mais você ocupar com coisas boas, melhores coisas virão. Antigamente, tinha uma quadra de boche que só servia para moradia e usuários, e hoje já temos uma academia popular que tem pessoas de lá, que vem treinar com a gente aqui.*

**Quando um grupo se apropria de um determinado local para realizar as suas ações, existem outras intencionalidades além da própria realização do treino ou da roda de capoeira?**

Resp.: *Sim, existe a preocupação de ensinar história da capoeira, a história do Brasil e tentar passar para o aluno o caráter necessário para ser uma boa pessoa na sociedade. Para ser um cidadão de bem, seja no estudo, seja no trabalho. Para que ele possa estar inserido na sociedade como cidadão de bem.*

**O grupo recebe algum apoio ou algum auxílio para sua manutenção? Por que vocês estão neste espaço? Vocês têm gastos e os instrumentos que não são baratos?**

Resp.: *Não, infelizmente não temos o apoio de ninguém. Eu dou aula aqui em Tabuazeiro a 28 anos e nunca tive apoio de ninguém, além do espaço. Me cedem o espaço, mas não me ajudam em nada. Nunca tivemos apoio, não porque deixamos de procurar, já procuramos, mas nunca ninguém se propôs a dar apoio.*

**O capoeirista é muito sozinho ou solitário, nesse sentindo. Por que vemos um discurso tão bonito da valorização da cultura, da capoeira, mas na hora de ajudar é complicado?**

Resp.: *Hoje, tivemos assim, no ano passado, eu corri feito um louco para fazer nosso evento, pedindo apoio, conversei com vários políticos e não tivemos abraços de ninguém.*

**E esses eventos acontecem anual?**

Resp.: *Anual. Geralmente, em novembro. Esse ano vamos tentar fazer em outubro. Mas geralmente, uma vez ao ano.*

**Já houve algum episódio marcante no sentido de dificuldade em realização de algum evento, por causa de questões financeiras e questão de discriminação por conta da capoeira?**

Resp.: *Na parte de discriminação graças a Deus não, mas na parte financeira, desde que eu me entendo por capoeira. Ano passado, então, nós tivemos um tremendo problema. Tivemos apoio da vice-presidente da comunidade, mas não foi a comunidade que ajudou, mas sim ela. Por isso que eu falo que não tenho apoio de ninguém e se não fosse isso, nosso evento não teria acontecido. Todo ano é a mesma dificuldade e o nosso gasto é grande. Alimentação, mestres de outros lugares, temos alunos que não têm condições de arca com abadá. E eu também não posso dá tudo. Muitas coisas consigo tirar do meu bolso. Mas outras coisas não. Pra mim, fica muito pesado os gastos. Aí, tenho que dividir com os alunos. O que eu falo com eles, aqui nós não cobramos mensalidades, chega no final do ano o que eles me pagam pra adquirir a graduação deles, que não é comprada, mas sim adquirida por mérito, eles não estão me pagando material que eu gasto para fazer a graduação e nem o certificado, eles estão me pagando o ensinamento de um ano inteiro, porque se a gente for botar na ponta do lápis, da centavos por meses. Então eu costumo falar com eles: “vocês não estão me pagando pela graduação, mas por todo o ensinamento que vocês têm de um ano inteiro”. Agora, você imagina, ele que tem 26 anos comigo, bota na ponta do lápis o que ele vai me pagar daqui a 10 anos quando ele for graduado contramestre, não vai dá nada se a gente dividir isso. Então, é simplesmente um valor simbólico, mas mesmo assim temos dificuldade, porque o dinheiro que eles me pagam pela graduação eu revento isso para fazer o evento. Não fico com nada porque eu não acho justo.*

**Nesta questão de troca cordel, de graduação, como é esse processo dentro do renascer? Há alguma federação ou alguma legislação que controla por quanto tempo? Ele fica como contramestre e se torna mestre? Como acontece esse processo?**

Resp.: *Nós seguimos a federação, como eu disse sou presidente do conselho e nós seguimos o sistema da federação. O treinamento dele sem graduação, ele ficará num período de um ano nos treinamentos sem graduação. No evento, após um ano, ele vai pegar a graduação verde, aí começamos a contar o seguinte: da primeira até o estagiário que é a quinta. Até a quinta, nós seguramos de ano em ano. Todo ano, ele vai trocando até chegar a quinta que é estagiário. De estagiário a formado, o monitor seguramos por um ano. De monitor para professor ou instrutor, nós seguramos três anos. De instrutor para contramestre, de três a cinco anos, dependendo do aluno. De contramestre a mestre, de cinco a seis anos. Isso também dependendo do desempenho do aluno. Mas para isso, ele vai fazer o exame prático, teórico, para saber se ele está capaz de adquirir aquela graduação.*

**Falando um pouco aqui da realidade do Renascer, você acredita que o grupo contribui, de alguma forma, para a consolidação da identidade cultural das crianças, adolescentes e jovens que participam do grupo?**

Resp.: *Eu creio que sim. Nós temos uma preocupação de estar passando todas as informações necessárias não só da capoeira, mas da história do Brasil, porque uma anda de mãos dadas com a outra. Então, eu acho que nós conseguimos contribuir e, principalmente, na formação do cidadão. Sempre procurando uma boa formação para o cidadão.*

**Nesse processo de formação, como se dá a transmissão do saber hoje, dentro do grupo?**

Resp.: *Até uns dois anos atrás, eu costumava fazer isso igual no tempo da vovó. Contava histórias, às vezes, ilustrava as histórias, para ficar mais divertido, mas depois de algum tempo, eu também comecei a adquirir alguns alunos meus que ingressaram na faculdade, se formaram, começaram a pedir pra mim que eu elaborasse uma apostila e eu elaborei essa apostila e a maioria tem a apostila e estuda através da apostila, além das história aqui contadas por mim. Eu não abro mão de contar histórias, eu acho muito interessante! A história da Capoeira anda junto com a história do Brasil e não podemos perder isso. E, geralmente, na maioria dos nossos treinos, no final, eu sempre paro uns 15 a 20*

*minutos para nós conversamos, além daquilo que foi praticado, o que a gente fez, outras vivências ainda, seja a minha ou a de um outro colega. A gente conta, também, e transmite esse saber das nossas vivências.*

**Quais são as contribuições que o grupo fornece para a comunidade local?**

*Resp.: Hoje a nossa contribuição é simplesmente o saber, por, infelizmente, não termos condições de fazer mais, porque se nós tivéssemos condições financeiras, melhor poderíamos ampliar muito mais a nossa contribuição dentro da sociedade.*

**Dentro desse contexto, o que você, enquanto mestre de capoeira e contramestre, entende por cidadania?**

*Resp.: Eu entendo o seguinte: nós temos que ter a educação para as nossas crianças. Que elas estejam na escola. Ter uma boa formação educativa, para que elas possam ser inseridas na sociedade com muita responsabilidade, com muito cuidado. Dependendo da situação, buscar saber se essa criança está com algum problema dentro da escola, na sociedade ou dentro de casa, para que essa criança seja formada como uma boa cidadã. A criança de hoje é futuro de amanhã. E se não formar uma criança com boa educação, eu não vou ter uma boa cidadã.*

**A capoeira acaba entrando como uma ferramenta que vai possibilitar essa formação.**

*Resp.: A capoeira pelo seu histórico cultural traz isso, porque ela tem a musicalidade muito grande e música dentro do que ela for trabalhar, ela em si é um excelente instrumento.*

**Falando justamente dessa questão, você consegue ver a diferença das crianças quando chegam e durante o seu processo de desenvolvimento?**

*Resp.: Sim. Percebemos isso, porque nós trabalhamos muito a disciplina. Não é porque nós praticamos uma luta, uma arte marcial, musicalidade e movimento, que deixamos de praticar disciplina. Então, nós exigimos isso, disciplina e respeito com os seus colegas. Mostramos isso aos alunos, independente de qual idade for. Ele precisa respeitar seu próximo. Então, a gente sente uma diferença sim.*

**Você falou da capoeira enquanto música. Você conseguiria definir a capoeira como esporte e música.**

**Há uma discussão quanto a definição da capoeira?**

**Você leva isso em consideração?**

*Resp.: Sim, com certeza. Não tem como não definir a capoeira sem fala disso. Como disso o mestre Pastinha, a capoeira é tudo aquilo que a boca come. Então, ou seja, ela traz tudo de bom pra quem a pratica e quem a entende. Ela traz tudo que nós precisamos. Dentro do estudo, dentro da prática como defesa pessoal e dentro da musicalidade, da religiosidade. Apesar de não ter religião. Então, a capoeira está em tudo isso.*

*Contramestre: Gostaria de dizer que precisamos de um apoio maior para a nossa cultura, para nós esportistas. O governo deixa muito a desejar, seja municipal, estadual ou federal. Eles deixam a gente muito à margem. Hoje, uma associação como a nossa, sofre por ser pequena. Hoje, nós temos grupos ou associações que são contempladas porque já se tornaram empresas, eles não trabalham a capoeira como nós que trabalhamos a cultura. Eles trabalham como meio de ganhar dinheiro e não é o nosso caso. Nós amamos a capoeira. E não vivemos de capoeira. Cada um tem o seu trabalho. Estamos aqui por amar a capoeira. E hoje pagamos um preço por isso. Por tenta manter a cultura da capoeira. Infelizmente, as pessoas que fazem a capoeira só querem ganhar dinheiro. A capoeira é uma filosofia de vida, então para quem ama, tem que se dedicar. A filosofia não dá dinheiro e a capoeira é a mesma coisa. Depois que descobriram que a capoeira pode dá um retorno financeiro muito grande, passamos a ter muitos mercenários dentro da capoeira. Hoje, você vai a grupos ou à associações que a pessoa não sabe definir o que faz dentro da roda de capoeira, porque a musicalidade dentro da capoeira mostra com os toques do berimbau o que nós temos que praticar dentro da roda de capoeira. Só que hoje, por não está sendo passado esse ensinamento, as pessoas não estão sabendo mais o que fazer dentro da roda de capoeira. Alguns dias atrás, estava conversando com um amigo meu e falei com ele que tem rodas de capoeira que eu vou e eu fico olhando, bato palma e canto, mas não entro na roda, porque o berimbau pede uma coisa e os capoeiras estão fazendo outra coisa. Então, aquele ensinamento não existe mais. Igual o que você comentou sobre a capoeira contemporânea, o Paulo Flores e o Rafael Flores que*

foram os criados da capoeira contemporânea, eles sabiam o que eles estavam fazendo, mas hoje as pessoas já não sabem o que estão fazendo, não sabem qual é a filosofia, como surgiu, por que surgiu. A capoeira regional, a luta baiana regional, a pessoa vai para uma roda ele toca o sombeto grande de Angola, que é uma variação da capoeira de Angola, e acha que está jogando a regional. A pessoa toca o sombeto pequeno de Angola e quer matar o outro não sabendo qual é a importância do que significa esse toque. Então hoje está tudo assim, tudo misturado. É uma coisa que a Renascer toma muito cuidado, para que isso não se misture, para que os alunos da Renascer, quando estiverem em uma roda de capoeira, saibam o que fazer. Se tiver tocando a luta baiana regional, que não entrem, porque nós não praticamos a capoeira regional. Eu já fui questionado por isso, capoeira é uma só. A capoeira é uma só, mas existem dois estilos: a Angola e a Regional. Então, se você se diz regional, você tem que conhecer todos os fundamentos. E se você se diz Angola, você tem que conhecer todos os fundamentos. Se você se diz contemporânea, você tem que conhecer os fundamentos das duas, porque são misturadas e isso hoje não acontece mais. Está totalmente enrolado! Totalmente complicado, bagunçado! Então, a associação Renascer toma muito cuidado com isso. Nós temos uma identidade. Eu posso falar de coração, sem medo de errar, podem até me criticar por aí, não me importo. Me importo com aquilo que eu sei. Nós temos uma identidade. Se eu for seguir a tradição da capoeira, eu vou ter que jogar com calça feita de sá na canela. Quando eu iniciei, era assim: a camiseta de saco de farinha, botãozinho e a calça no meio da canela. Antes, a capoeira regional usava lenços para identificar seus alunos e quanto tempo tinham. Depois, veio a corda para o pessoal da regional. Surgiu o cordel para a Angola, para que diferenciasse um do outro. A partir que Biba criou a capoeira regional, ele e Pastinha se afastaram e, aí, houve tumulto e briga. Angoleiro e regional não se batiam mais. Não podiam se encontrar que era briga. Então, pra um identificar o outro, foi feito isso. Hoje, eles estão voltando com essa mania que Angoleiro não pode usar Graduação. Eu não vejo problema nenhum porque minha graduação não joga capoeira, não é minha roupa que joga capoeira.

Quem joga capoeira sou eu. Se um dia eu estiver de cueca na rua e precisar usar capoeira, eu vou usar. Então, eu acho que nós próprios somos culpados de muitas coisas que acontecem na capoeira, hoje, principalmente, na questão da unificação das graduações. Hoje, você vai num grupo que segue a federação como nós, você encontra nas graduações. Algum tempo atrás, eu vi um mestre lá de São Paulo usando a graduação de contramestre rosa. Hoje, tem mestre que usa corda preta. Outras são vermelhas, isso só a corda. Cordel, a gente consegue ainda ter uma certa identificação que segue o padrão da bandeira do Brasil. Mas, mesmo assim, ainda confunde. Por exemplo, o meu contramestre usa branco e azul. Tem alguns grupos mais tradicionais, mais antigos que o nosso, que é o branco e o azul. É a terceira graduação de mestre. Então, olha só a confusão, dependendo onde for, ele pode ser confundido como mestre de terceiro grau. Ainda existe esse problema.

**Como você ver o processo de valorização? O IPHAN tem feito um trabalho com os grupos de capoeira. No Estado, eles estão fazendo mapeamento, tivemos essa vanguarda da roda e do ofício de mestre. Como você ver esse processo? Você acha que é positivo, você acha que é negativo? Vocês têm colhido algum fruto desse trabalho? O IFAN é o governo federal, uma instituição do Estado. Vocês conseguem colher frutos, após esse processo de valorização?**

Resp.: Vou falar pelo estado do Espírito Santo. Seria interessante se realmente fosse praticado aqui. Eu fui fazer parte da federação, eu que comecei a conversação com o IPHAN, eu fui o primeiro, fui chamado pelo presidente da federação, o mestre Cabral. Ele me passou a responsabilidade de entrar em contato como IPHAN e dentro disso tudo, fizemos algumas reuniões com alguns mestres, com alguns capoeiras, na maioria mestre e lá, eles pediram para que passemos uma relação do que nós precisaríamos que eles fizessem para que tivesse essa valorização e fosse criada a salva guarda da capoeira aqui dentro do estado. Tudo foi passado para eles, só que eles não fizeram o que nós pedimos. Quando eles vieram no nosso estado, eles deviam procurar a maioria dos mestres antigos do nosso estado. Aqui dentro de Vitória, só foram dois mestres procurados. Falando no geral,

*dentro da área metropolitana de Vitória, fizeram uma pesquisa só com seis mestres de capoeira, sendo que nós temos muitos, milhares. Para você ter uma ideia, o presidente da federação não foi procurado pelo IPHAN para que a pesquisa fosse feita com ele. Um dos mais antigos do estado, tanto que é grã-mestre. O meu mestre hoje, mestre Michel, também não foi procurado. Então, nesse contexto, eu vejo que para nós, aqui no Espírito Santo, não serviu de muita coisa.*

**Então não seria um retrato, uma realidade fiel do que é realmente é a capoeira no estado?**

*Resp.: Não. Aquilo que o IPHAN prega hoje, não foi o que realmente eles fizeram. Tanto que a federação ia entrar com o processo contra eles, mas eu não sei por que que o presidente da federação desistiu.*

**Eu li muita coisa sobre isso, então me veio a curiosidade disso. Não estava no roteiro, mas vai surgindo as dúvidas.**

*Resp. Então o IPHAN não fez o que era necessário fazer no nosso estado. Eles fizeram uma reunião em novembro de 2017, e tinham poucos capoeiras, pois o desinteresse foi por esse motivo que te falei. Eles pegaram os grupos, como eu te falei, aqueles grupos que tinham o poder monetário maior que as outras associações. Eles não foram procurar Renascer, Barra vento, Besouro que trabalham com o pessoal da periferia.*

**A capoeira faz a diferença, mas ainda é vista pela sociedade como uma arte marginal.**

*Resp. Eu acho que seria transparente a pesquisa deles se eles procurassem esse pessoal que acabei de citar para você. Palmares, por exemplo, que trabalha com pessoal da periferia.*

**É possível perceber diferenças entre os meios de ligação matriz africana, como candomblé, umbanda? A capoeira conseguiu sobressair dessa matriz de preconceito. Mas mesmo assim precisa avançar muito mais.**

*Res. Sim, pois não somos vistos ainda com bons olhos pelos governantes. Tem muita gente que ainda não nos ver como esportista, como defensores da cultura brasileira. Muitas pessoas ainda acham que a capoeira é ligada ao candomblé. Ainda tem essa discriminação, misturam muito por causa da musicalidade e dos instrumentos que usamos. As letras das músicas*

*confundem com candomblé. Então, tem todo esse contexto ainda. Hoje, você ver algumas apresentações de capoeira na televisão, mas é porque gente lá de cima que tá envolvido com aquele pessoal. Não foi porque eles chegaram aqui e disseram, vamos pegar o renascer para fazer uma apresentação na televisão, negativo. São pessoas que já se tornaram empresas.*

**Então, você acha que existe essa diferença da capoeira quanto entretenimento. E a capoeira quanto tradição?**

*Resp. Sem dúvida que existe.*

**A capoeira que vai apresentar um espetáculo e a capoeira enquanto uma manifestação cultural rica, que tem todo um processo histórico por trás.**

*Resp.: Existe ainda, porque nós que trabalhamos nessa parte mais cultural, tradicional. Nós sofremos com essa discriminação. Agora, quem já faz um trabalho mais buscando outros ares, o espetáculo tem mais acessibilidade aí, nesse tipo de coisa. Então, o público hoje, o povo brasileiro ver capoeira como espetáculo, a maioria, e não como cultura.*

**Triste isso porque a capoeira é um esporte nosso, uma manifestação nossa, ainda não tem a valorização do estado. Eu estava lendo a história, o mestre João grande que teve um reconhecimento no Estados Unidos. Outros países têm percebido e valorizado a capoeira e aqui não dá esse devido valor.**

*Resp.: João Grande ele foi resgatado por um aluno dele e ele já tinha 40 anos ou mais de idade. Ele estava parado e o aluno dele o resgatou e o levou pra fora do Brasil e aí, lá, fora ele foi valorizado. Aqui, no Brasil, ele não estava sendo valorizado até ser resgatado pelo aluno dele.*

**Essa é a realidade de vários mestres, de vários professores.**

*Resp.: Isso é muito triste para nós. Para gente que estuda, que procura sempre ampliar o conhecimento para levar para o aluno. Para não perder aquela essência do jogo, da história, da cultura, da arte. A gente ainda sofre com esse tipo de coisa. Hoje, para você ver por esse motivo, eu tenho aqui uns 15 a 20 alunos, mas antes, eu já tive muitos alunos, mas foi só eu passar para os meus alunos que eles precisam estudar. E isso dificulta levar nossa capoeira a um*

*patamar mais alto, por que, muitas vezes, o próprio aluno não quer estudar. Ele acha o seguinte: ele pega uma associação igual a nossa e se depara com um professor que pega no pé para que o aluno tenha que estudar, ele vai embora. Queremos mostrar para o aluno que ele tem que ter um intelecto para poder vencer na vida. Ser cidadão. E para isso tem que estudar.*

**É legal quando colocamos a capoeira e educação. Hoje vemos que a capoeira conseguiu, mesmo diante de muita dificuldade, ocupar alguns espaços. Ela saiu da rua, agora, está na academia, na escola e na faculdade.**

*Resp.: Mas, estamos nos deparando com um sério problema. A maioria dos editais está pedindo, eles não exigem, eles estão pedindo de uma forma bem capciosa fazer o que com o capoeirista, ele só entra na escola se ele tiver o curso de educação física. Eles não exigem, mas colocam no edital. Ou seja, eu sou mestre de capoeira, não sou formado em educação física, eu tenho o saber, mas se chega um camarada lá que não tem o saber, mas é professor de educação física, ele consegue entrar na minha frente. Simplesmente por causa do certificado. E nós sabemos muito bem que um professor de educação física, se ele não for um capoeirista, ele não dá aula de capoeira. Mas um professor de capoeira, mesmo não sendo professor de educação física, ele consegue fazer seu alongamento e seu aquecimento sem problemas.*

**Na sua visão o que falta para a gente avançar, pois, esse é um debate, um discurso uma problemática entre saber científico, o saber acadêmico que é aquele saber do professor de educação física e o saber tradicional do mestre, do professor de capoeira. O que você acha que precisa fazer para a gente poder avançar, porque acaba sendo injusto o professor de educação física passar na frente do mestre que viveu capoeira a vida toda.**

*Resp.: O que falta exatamente o próprio capoeirista ter consciência que ele tem que fazer os cursos pela federação de capoeira. Eu tenho o provisionado de educação física. Chancelado pelo CREFIS. E os outros cursos pedagógicos que a federação, até o ano passado, ainda estava ministrando para os capoeiristas que dá um total de 460hs. Hoje, nós provamos por A + B para o*

*CREFIS que nós não dependemos deles para dar aula de capoeira. Isso é lei. O que acontece hoje com esses editais? A federação de capoeira entra com o processo contra quem está emitindo esses editais, seja a secretaria de cultura, seja secretaria de esportes, seja a prefeitura, seja o governo estadual ou federal. Nós temos lei que nos permitem fazer isso. Está provado que um professor de capoeira não precisa ser professor de educação física. É uma conquista, mas nós precisamos das federações para nos ajudar nesse sentido, só que isso não acontece. Você está vendo quantos problemas nós temos? É por isso que até hoje a capoeira não conseguiu se tornar um esporte olímpico, porque nós capoeiristas não nos entendemos. Nós temos a lei que nos permite derrubar qualquer edital que venha dizendo que professor de capoeira tem que ser professor de educação física. Só que os órgãos competentes não se movem para derrubar esse edital. Eu por, exemplo, como capoeirista, eu não tenho poder de chegar lá e fazer isso. Tem que ser o órgão competente. Só que eles não se mexem para fazer isso. Têm associações aqui dentro de Vitória que tem condições de pegar o aluno e botar o aluno pra estudar, mas eles estão monopolizando esses editais. A maioria dos alunos dessa associação específica são professores de educação física. Então, eles estão abraçando tudo, todos os editais eles botam um deles. Se você for na maioria das escolas, alunos dessa associação que dão aula, porque eles têm esse poder na mão, eles têm dinheiro, então eles pegam o aluno e botam lá. São vários conflitos que não eram pra acontecer hoje, porque pra eu ser o presidente do conselho, eu tenho que ser um especialista no ensino da capoeira e ter o notório saber da capoeira. Então, às vezes, você se depara com uma situação que eu tenho todo esse norralte, mas por causa dessa manipulação, eu não consigo entrar ali. Aquela pessoa que está lá não tem o mesmo conhecimento que eu ou que um outro colega meu tem, mas ele entra por causa dessa facilidade que ele tem de ter alguém por trás dele manipulando toda essa situação daquele edital.*

Entrevista 06

Contra mestra Ananda – Grupo Volta ao Mundo

Local: Pedra da Cebola

Meu nome é Ananda Bermudes Coutinho, eu sou contra mestra de capoeira Angola, eu passei a contra mestra, quando eu tinha 20 anos de capoeira, hoje eu tenho 26 anos. A minha entrada na capoeira foi assim, muito por acaso, eu morava em Vitória, morei em Vitória até os 16 anos e com 17, me mudei para o Rio de Janeiro, em virtude da mudança da minha família. Naquela época ainda em Vitória, eu fazia balé jazz e já tinha visto a capoeira enquanto manifestação na escola e já tinha visto um vez na rua, uma vez ou outra e achava interessante, mas como eu fazia outras coisas, até então, não tinha despertado o interesse. Quando eu chego no Rio de Janeiro, a escola que eu me matriculo, lá do terceiro ano do segundo grau, uma semana depois que eu estava na escola, o meu mestre de capoeira quer dizer, meu futuro mestre de capoeira, entra na sala de aula e anuncia que iria ter aula de capoeira na escola. Aí, eu morando no Rio de Janeiro, aquela coisa de cidade perigosa era de noite, eu entrei porque uma outra colega que ia pegar o ônibus comigo, a gente ia para o ponto juntas, então teve um situação favorável e o mestre tinha essa pegada da Capoeira Angola e eu não sabia a diferença de capoeira Angola e Regional, foi porque ele estava lá e eu estava naquela escola, naquele momento e ele foi dar aula naquele espaço. Se a escola oferecesse outra coisa, provável que eu fizesse essa outra coisa. Foi tudo muito por acaso e eu estou até hoje em todos esses anos.

**15) Quais são os lugares da cidade de Vitória que o grupo utiliza para realizar seus treinos e roda de capoeira?**

Resp.: Pois então, eu fiquei no Rio treinando com meu mestre 12 anos e depois de 12 anos eu me mudo para Vitória. Então, no Rio, eu estudei, fiz faculdade, mestrado e passei no concurso do IEMA (Instituto Estadual de Meio Ambiente), chegando em Vitória, eu fui procurar um outro grupo de capoeira Angola e não encontrei, então, neste momento, eu fiquei no dilema porque geralmente quem faz esta modalidade de capoeira Angola não se adapta a fazer a capoeira regional ou contemporânea, é um caminho sem volta. Então, eu fiquei no dilema que os amigos da adolescência me incentivaram para eu dar aula para eles no quintal de casa, então, eu comecei a dar aula para ele, foram

assim duas, três aulas e, então, eu conheci um outro colega do IEMA que também tinha passado no concurso que também fazia capoeira Angola lá no interior de São Paulo e também estava procurando espaço. Eu até cheguei a entrar em contato com algumas escolas na época para começar um trabalho, mas nós encontramos disponível e ocioso a Pedra da Cebola. O espaço da Pedra da cebola tinha lá um espaço e foi por este motivo que nós fomos para a Pedra da Cebola. Então foi mesmo ocupar um espaço da cidade que estava ocioso e disponível, que não precisaria mandar 500 ofícios pedir diretora né... e nós também tivemos algumas negativas de algumas escolas que tentamos e não conseguimos. Então, os lugares hoje que a gente realiza os treinos são: o treino dos adultos é no Parque Municipal Pedra da Cebola, aí nós temos os núcleos sociais que a gente chama. São espaços que a gente acredita que a capoeira tem que chegar lá né? Que é a escola Edina de Matos em Jesus de Nazaré, a escola de Bicanga na Serra, em Morada de Laranjeiras, no condomínio residencial Atlântica Vile que fica no final da Praia de Camburi, e nós também ficamos por 7 anos na comunidade quilombola de retiro em Santa Leopoldina. Aí, as rodas, nós podemos fazer em alguns desses lugares e também em espaços públicos que nós utilizamos: a praia de Camburi, no Calçadão, perto da entrada de Iemanjá e, também, realizamos rodas no centro da cidade, na praça Costa Pereira e na praça Ubaldo Ramalheite. São os dois espaços que costumamos fazer rodas em locais públicos.

**16) Existe algum critério para a escolha deste lugar?**

Resp.: Como eu falei, a Pedra da Cebola foi um lugar disponível encontrado quando eu cheguei, pois, tentei duas escolas municipais e não tive abertura, então o fato de ser aberto, ter livre acesso nos agrada e a gente foi ficando por ali, já se passaram 13 anos e muito provavelmente outros espaços nós teríamos que pagar pela utilização. A capoeira Angola pelo menos eu não acredito que se encaixa numa academia, então ou é em um espaço público ou tem seu espaço conquistado. Só para isso ou num centro cultural, mas era difícil encontrar um



outro espaço e aqueles outros espaços que citei dos núcleos sociais foram decorrentes do nosso cotidiano, de trabalhos que foram surgindo, de parcerias firmadas de convites. Por exemplo, um aluno que se mudou para Manguinhos e viu que ali tinha a criançada ociosa uma demanda no território, então, começa um trabalho e assim vai. Foi assim que os núcleos foram surgindo.

**17) Você acredita que a utilização do espaço pela capoeira reforça o caráter coletivo do espaço? Como?**

Resp.: acredito que sim, pois, a capoeira por si só já é uma prática coletiva no meu entendimento e a forma como a gente chega nesses espaços existe um momento de interação com o público. As pessoas gostam de chegar, se aproximar e perguntar: “posso jogar”? A gente dá abertura pra essas pessoas jogarem, então traz uma interação. As pessoas podem participar também e muitas vezes naquele momento que elas conhecem a capoeira angola, se interessam, perguntam onde tem o treino, às vezes, algumas pessoas acabam entrando para o grupo depois e, às vezes, só reforça a capoeira enquanto cultura e ocupação de um espaço público.

**18) Quando o grupo se apropria de determinado local para realização de suas ações existem outras intencionalidades além da própria realização da roda de capoeira?**

Resp.: Então, a visibilidade da capoeira por si só já leva a uma quebra de preconceitos ainda existente, então, a gente ainda sofre preconceito. Eu tenho experiências que eu passei de preconceito de capoeira, enquanto atividade de matriz africana, então, eu tive problemas com isso, de tensionamento de discriminação. No momento em que você coloca a prática em evidência, em um espaço coletivo, você está contribuindo para mostrar o que é isso, afirmar aquela cultura, afirmar um ponto ali de que aquilo é importante que é bacana. É difícil encontrar uma pessoa que não se emociona com uma roda de capoeira, então, a quebra de preconceito fortalece o espaço da capoeira enquanto cultura. Já é uma das intenções, a prática de uma cultura popular em um espaço aberto é muito importante para alcançar a

população, então, assim eu acho que os guardiões da cultura têm que ir onde o povo estar. Fazer a roda pública é muito importante, embora as rodas fechadas para o grupo ter seus momentos também é importante, os dois momentos são importantes. E no Volta ao Mundo especificamente, proporciona a divulgação da capoeira angola que é pouco conhecida. Muita gente não sabe nem que existe e muitas pessoas... eu vejo assim que são públicos distintos: têm pessoas que poderiam fazer uma modalidade ou de outra, mas têm algumas pessoas que só fariam a capoeira regional ou contemporânea e tem pessoas que só fariam a capoeira angola e se a pessoa não toma conhecimento que existe, ela poderia se tornar capoeirista, estar nesse coletivo e ter o seu crescimento pessoal. A capoeira enquanto escola de vida e ela não vai ter essa oportunidade, porque não conhece. Então, através do meu grupo especificamente, divulgar a capoeira angola.

**19) O grupo recebe algum tipo de apoio para sua manutenção?**

Resp.: Cotidianamente não, apoio financeiro não. O que já aconteceu foi que nós já nos inscrevemos, concorremos e ganhamos algumas o edital de capoeira da Secult cerca de três vezes. Nós temos o apoio por seis meses, para desenvolver um projeto que tenham as atividades, que tem que cumprir aquilo, pois, tem que prestar contas de todo um roteiro que foi previamente acordado, então, são recursos temporários e para ações direcionadas. Na maior parte do tempo, é com a nossa própria contribuição, contribuição dos membros que adquirimos os instrumentos, cds, livros de capoeira e conseguimos também bancar a vinda do Claudio, que é o mestre do grupo do Rio de Janeiro para Vitória. Algumas vezes, por ano, então, é o mesmo da contribuição dos membros do grupo.

**20) Já houve algum episódio marcante no sentido de dificuldade de realização de uma roda de capoeira?**

Resp.: Uma roda eu me recordo, já tem anos isso. A gente foi fazer uma roda na praça dos namorados. A gente fez lá no meio e, aí, passado cerca de vinte minutos de roda, o organizador veio e pediu que a

gente terminasse a roda, pois, apesar de ser um espaço público, tinham regras para o uso daquele espaço, no dia da feira, tinha que pedir autorização da prefeitura. Era um sábado à noite que tem a feira de artesanato e eu desconheço se essa regra aplica a todo tipo de artista, grupos culturais e esportivo... pode ser que essa regra se aplique a todos, né? E, de repente, é a regra mesmo da prefeitura. Acredito que sim, mas também não sei se outros grupos acessam aquele espaço, se é comum ser procurado, mas geralmente nos espaços públicos, a gente não costuma ter problemas na praia de Camburi, na praça Costa Pereira, mas acontece também, muitas vezes, a capoeira sofre uma perseguição diferente de outras manifestações, vou dar um exemplo lá na Pedra da Cebola: o vigia fica bem de olho na gente se saímos depois do horário. Aí, no dia que tem o campeonato de futebol, que eles saem muito depois, não tem problema, entendeu? A gente percebe um tratamento diferente da capoeira e do futebol e isso é sempre. Se tem uma academia que tem a capoeira e um outro esporte e alguma coisa aparece quebrada, foi o pessoal da capoeira. É a primeira impressão, não pode ter sido alguém do judô ou do jiu-jitsu. A cavalaria ainda tá na rua perseguindo a capoeira.

**21) Você acredita que o grupo de capoeira, de alguma forma, contribui para a consolidação da identidade cultural daqueles que participam? Como?**

**22) Como se dá a transmissão do saber no universo da capoeira?**

Resp.: Os fundamentos são passados na maioria das vezes de forma oral. A gente não tem livros, não tem assim “pegue seu caderno hoje e vamos ver a lição do dia”. É o cotidiano mesmo, pois, a oralidade é a marca fundamental da capoeira, enquanto cultura de matriz africana. É no cotidiano, nas situações, nas etapas de crescimento individual de cada membro do grupo que são passadas alguns fundamentos. Alguns alunos só vão conseguir entender quando atingirem determinado nível de maturidade de conhecimento do universo da capoeira. Se você falar com ele, hoje, ele não entende, assim como tem coisas que meu mestre me falou e eu demorei dois anos para

entender, pois eu não tinha maturidade ainda. É uma prática de iniciação que você vai subindo degraus e que as portas vão sendo abertas e às vezes você... tanto você pode abrir sozinha, quanto o mestre pode auxiliar. Geralmente, tem a facilitação do mestre. O mestre vai te conduzindo por cada porta e você vai atingindo níveis de entendimento, é dessa forma. Geralmente, o mestre observa que esse momento é rito de passagem individual e que determinados temas são introduzidos, às vezes, não é para o grupo todos, mas quando ele ver o aluno percebeu alguma coisa, que ele fez um comentário e que atentou pro atendimento ali no jogo dele, você chega e fala: “olha, neste tipo de situação, você faz isso você, é desse jeito que age”. E também outras questões, temas fundamentos são gerais e já são colocadas no momento da iniciação, quando o aluno já começa e também hoje a gente tem uma produção bibliográfica enorme sendo produzida. É uma coisa que eu não tinha na minha formação, me lembro que era xerox entendeu? Quem tinha um livro de capoeira era uma coisa raríssima, quando apareceu o primeiro filme de capoeira comercializado, eu já tinha 10 anos de capoeira, entendeu? Eu aprendia tudo no momento da roda, nas vivências de roda e em alguns momentos de treinos. Hoje, nós também temos o mestre YouTube que presta alguns serviços e muitos desserviços, porque o aluno, às vezes, assiste palestra, assiste jogos e são coisas descontextualizadas. Assim é o jogo, uma situação que aconteceu e fala: “nossa aquele mestre deu rasteira naquele outro” Você não sabe a história que os dois têm juntos na capoeira, o que aconteceu antes, o que aconteceu depois e, às vezes, ver um trecho descontextualizado e toma aquilo ali como uma verdade. Às vezes, começa a ver muito e acha que sabe de tudo e que o mestre tá ficando para trás, entendeu? A pesquisa vai ajudar muito, mas o aluno tem que ter consciência que isso não muda a transmissão, a importância da transmissão oral do mestre encaixada com as situações do dia a dia. Então, tem que ter um cuidado com isso para que o youtube não vire um desserviço.

**23) Quais são as contribuições que o grupo fornece para a comunidade local?**

Resp.: Cada núcleo vai contribuir de forma distinta. O núcleo da Pedra da Cebola tem a função de organizar o grupo como um todo, espalhar a semente do trabalho que já realizamos, mantendo a tradição. Nos outros núcleos sociais, como nós chamamos, são em comunidades que a capoeira atende, que nós achamos capoeira tem que chegar lá, então como é que funciona isso? Esse grupo dos adultos, que tem a possibilidade de escrever editais. Num edital, que escrevemos para a Pedra da Cebola, a gente vai colocar o uniforme para o núcleo das crianças. É como se fosse os meus soldados e aí a gente sai para atuar no núcleos sociais e esses trabalhos de crianças e adolescentes vão trazer todas as formas de contribuições que a capoeira vai proporcionar, que é essa mistura de elementos multidimensional que abre esse campo de ação que uma escola de sabedoria de autoconhecimento. Conhecimento humano, em geral, a preservação da ancestralidade, valorizando e resgatando a história afro-brasileira, o legado cultural e trabalhando junto. Com isso, outros elementos como companheirismo, respeito, ética, dentre outros valores. Eu acho que existe uma valorização da auto estima muito grande de todos os praticantes, de todos os núcleos. Os relatos que chegam é que eles falam que o grupo me deu força, o grupo me encorajou a seguir em frente. A capoeira fortalece por si só.

**24) O que você entende por cidadania?**

Resp.: A cidadania, a primeira ideia que vem à cabeça, é a ideia de direitos e deveres dos indivíduos em uma sociedade. Então, trazendo o conceito para a relação da capoeira, porque são justamente essas questões que nós temos consciência da forma que é desigual em nosso país.

**Existe alguma ação que o grupo realiza que contribui para a formação da cidadania?**

Resp.: A capoeira é uma caminho para essa formação porque ela vem na contra mão da desigualdade justamente. Traz a condição de igualdade dentro da sua prática, dentro do meu

grupo, por exemplo, e de vários outros que conheço. Isso tem sido tema da igualdade dentro dos grupos e nem sempre foi assim. Hoje, a mulher está conquistando o espaço dela isso no meu grupo não é problema, mas eu sei que tem grupo que é problema, mas essa condição de igualdade é trabalhada em muitos grupos que seja branco, negro, homem mulher, pobre rico, idoso, pessoa com deficiência. Eu sei que não atinge 100% do grupo, mas vamos pensar nos grupos que trabalham essa condição de igualdade, quando um indivíduo vivencia outras situações diferentes do seu cotidiano. Por exemplo, um jovem de periferia, um quilombola, ou seja, que tem um acesso limitado a determinados espaços, determinados direitos. A capoeira abre espaços para ele, isso porque ele sai de dentro do mundinho dele e vai fazer rodas em outros lugares, conhece outras pessoas. Então, ele conhece mundo distintos do que ele está acostumado e esses mundos distintos são diferentes do mundo dele, que o sistema trabalhou arduamente para que ele acreditasse que só tinha acesso aquilo. Então, a partir do momento que ele sai daquilo que o sistema falou “olha pra você é só isso aqui”, aí vê que existem outras coisas além do mundo que pertence ali da sua comunidade. Então, esse jovem começa a questionar as barreiras, as oportunidades que não chegam até ele, que tem direitos que são negados. Então, esse despertar vem. Então, a capoeira começa a mostrar uma situação de igualdade naquele espaço dos treinos e das rodas porque essas igualdades não podem se expandir para além daquele espaço para a sociedade enquanto um todo. Então, o que vemos é um empoderamento e uma abertura da visão desse jovem citado no exemplo e acaba por mudar suas expectativas futuras e do seu comportamento de suas atitudes. Então, eu entendo isso como parte da formação cidadã, por exemplo, lá na comunidade quilombola de retiro quando eu terminei ali várias das minhas alunas foram fazer faculdade, foram buscar assim... teve uma quebra ali, uma linha divisória, então, você vai atribuir esse contato com a gente que era universitário. Acho que tem relação, aqui mesmo na pedra da cebola 80 a 90% são universitários, aí, tem

uns poucos que não. Aí, esses vem e fala... “eu acho que vou fazer Enem ano que vem, porque começa a expandir” e vê assim “eu também tenho direito, eu também posso acessar isso” e aí da mesma forma também na contra mão disso de você ter um jovem de classe média alta que só convive no seu meio, no seu mundo mais privilegiado e ele começa a ter contato com outros jovens de periferia e classe social mais baixa. Aí, ele começa também a perceber que tem algo errado e é a capoeira que traz esse contato para ele, que tem algo errado na distribuição dos bens da sociedade. Aí, ele começa a militar pela igualdade, mesmo que ele não seja atingido por essa questão, tem acesso a tudo, mas ele começa a se importar com a desigualdade dos outros e isso também vai influenciar na formação cidadã desse outro jovem. Então, você vê aí um espaço muito interessante, pode se tornar um espaço muito interessante se for conduzido corretamente. A capoeira por si só já realiza esse serviço para a sociedade, sem caderno, sem livros, sem mestres letrados, muitas vezes, com pessoas analfabetas que realmente realizam essa prática com maestria, amor e seriedade nesse espaço que, pra mim, além de ser sagrado é uma escola de vida.

